

REVISTA DA SEMANA

Nº. 47 - 18 - 11 - 44



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL

ARTE E NÃO CRUZEIROS!

Reportagem com
OS COMEDIANTES

(NO TEXTO)





GRUPO FEITO DURANTE A INAUGURAÇÃO DA NOVA AGÊNCIA METROPOLITANA, ONDE SE VÊEM — DA ESQUERDA PARA A DIREITA — OS SRS. DR. MANOEL BEZERRA DE OLIVEIRA LIMA, CHEFE DO GABINETE DA PRESIDÊNCIA, ITAMAR CARNEIRO DA CUNHA, CON-TADOR DA AGÊNCIA DA SAÚDE, REGÊNIO GUARDIOLA VELOZO, GERENTE DA NOVA AGÊNCIA, DR. ALVARO HENRIQUES DE CARVALHO, CHEFE DA INSPECTORIA DAS AGÊNCIAS METROPOLITANAS, DR. JOÃO MARQUES DOS REIS, PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL, DR. JOSÉ LOUREIRO DA SILVA, DIRETOR DA CARTEIRA DE CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL, DR. EDUARDO MARQUES DOS REIS, SECRETÁRIO DO PRESIDENTE DO BANCO, E PEDRO MENDONÇA LIMA, SUPERINTENDENTE DAQUELE INSTITUTO DE CRÉDITO.



O DR. MARQUES DOS REIS, PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL, EM COMPANHIA DO DR. LOUREIRO DA SILVA, DO DR. PEDRO MENDONÇA LIMA E DO DR. EDMAR MARQUES DOS REIS, NUM FLAGRANTE FEITO DURANTE A FESTA DE INAUGURAÇÃO DA AGÊNCIA METROPOLITANA DA SAÚDE.



O DR. MARQUES DOS REIS ABRE A PRIMEIRA CONTA DA NOVA AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL.



FOTO ONDE APARECEM OS FUNCIONÁRIOS DA NOVA AGÊNCIA METROPOLITANA DO BANCO DO BRASIL, QUE VEM DE SER ENTREGUE AO SERVIÇO DO PÚBLICO.

NOVA AGÊNCIA METROPOLITANA DO BANCO DO BRASIL A SERVIÇO PÚBLICO

O Banco do Brasil, cumprindo as diretrizes de servir ao público com a máxima eficiência e perfeição que trouxe o espírito dinâmico e progressista de seu atual presidente, o sr. Marques dos Reis, tem estendido sua rede de ação aos mais longínquos recantos da Capital da República, através uma cadeia bem dirigida de Agências Metropolitanas, que, de dia para dia, maior e mais aperfeiçoada se torna.

Continuando este notável plano de trabalho, acaba o grande Instituto de crédito de inaugurar uma nova agência, outro elo desta vasta cadeia, que já se encontra ao serviço do público, incrementando e dirigindo a economia particular, numa obra benemerita e fecunda.

A nova agência do Banco do Brasil, Agência Metropolitana da Saúde, empreendimento há muito reivindicado pelos habitantes daquele populoso bairro, foi solenemente inaugurada no dia 10 do corrente, estando instalada à rua do Livramento n. 63, aparelhada de acordo com os mais modernos atributos científicos e técnicos de edificação e instalação de estabelecimentos bancários.

As fotos que reproduzimos nesta página fixam aspectos da solenidade de inauguração desta nova unidade do nosso maior Instituto Bancário.



ARTE E NÃO DINHEIRO!

ÊSSE É O LEMA DOS COMEDIANTES

ENTREVISTA COM SANTA ROSA E NELSON RODRIGUES

(na pág. 9)

O VII Aniversario do Estado Nacional

As comemorações do sétimo aniversário da instituição do Estado Nacional deram ensejo a que diversas homenagens e festejos fossem realizados em honra ao Chefe do Governo, nesta Capital e nos diversos Estados. Como parte integrante destas festividades, foram levadas a efeito várias inaugurações de melhoramentos e de serviços públicos.

Nesta Capital foram também inauguradas escolas e hospitais, melhoramentos na Vila Militar e diversas solenidades de cunho cívico.

Entre as homenagens de que foi alvo S. Excia, o Chefe do Governo, se destacam os banquetes de gala, que lhe foram oferecidos pela Marinha e pelo Exército. Em ambos os banquetes, falaram em nome das suas corporações, os respectivos Ministros de Estado, usando a seguir da palavra o Chefe da Nação para agradecer as homenagens de que era alvo.

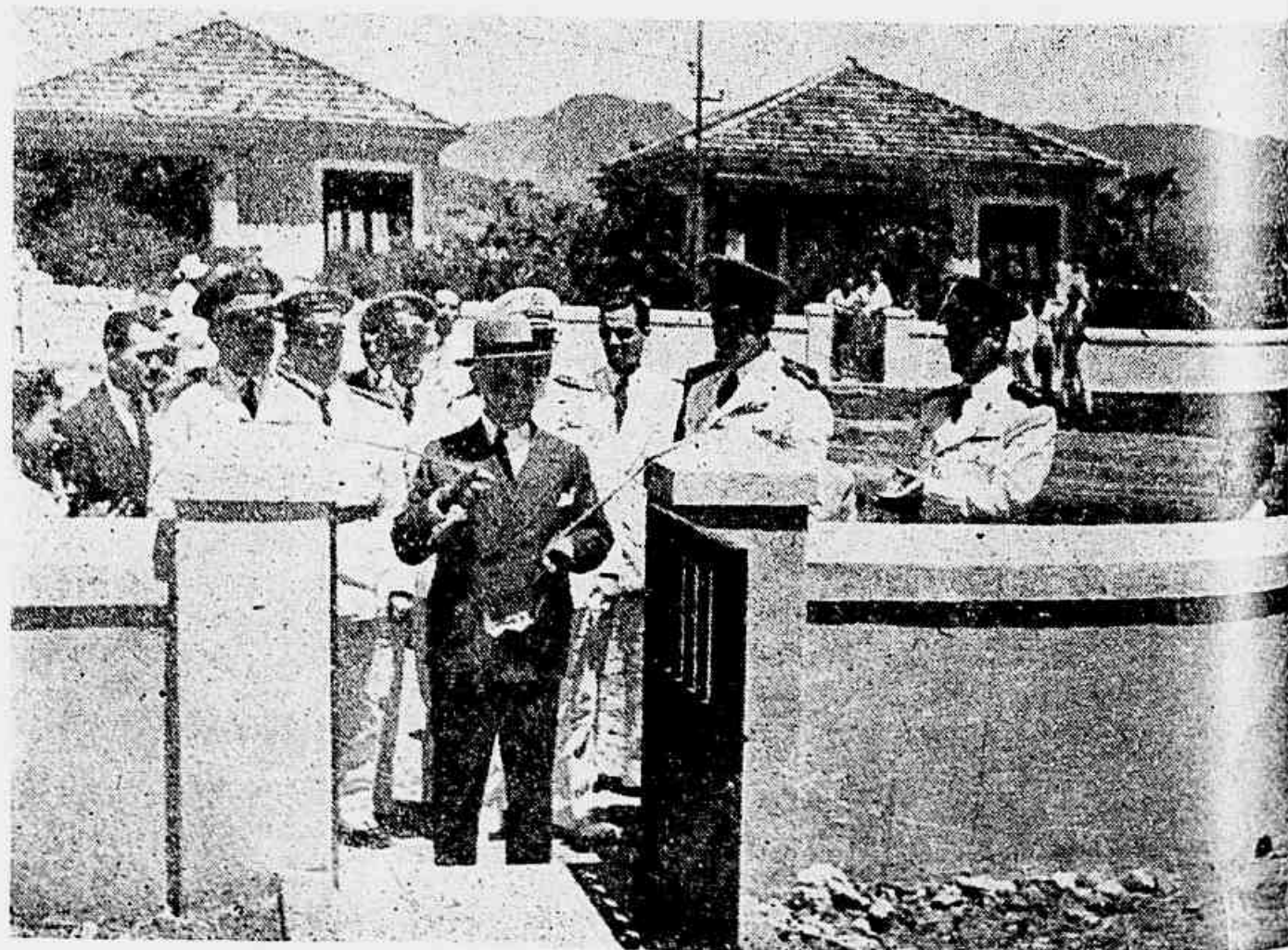
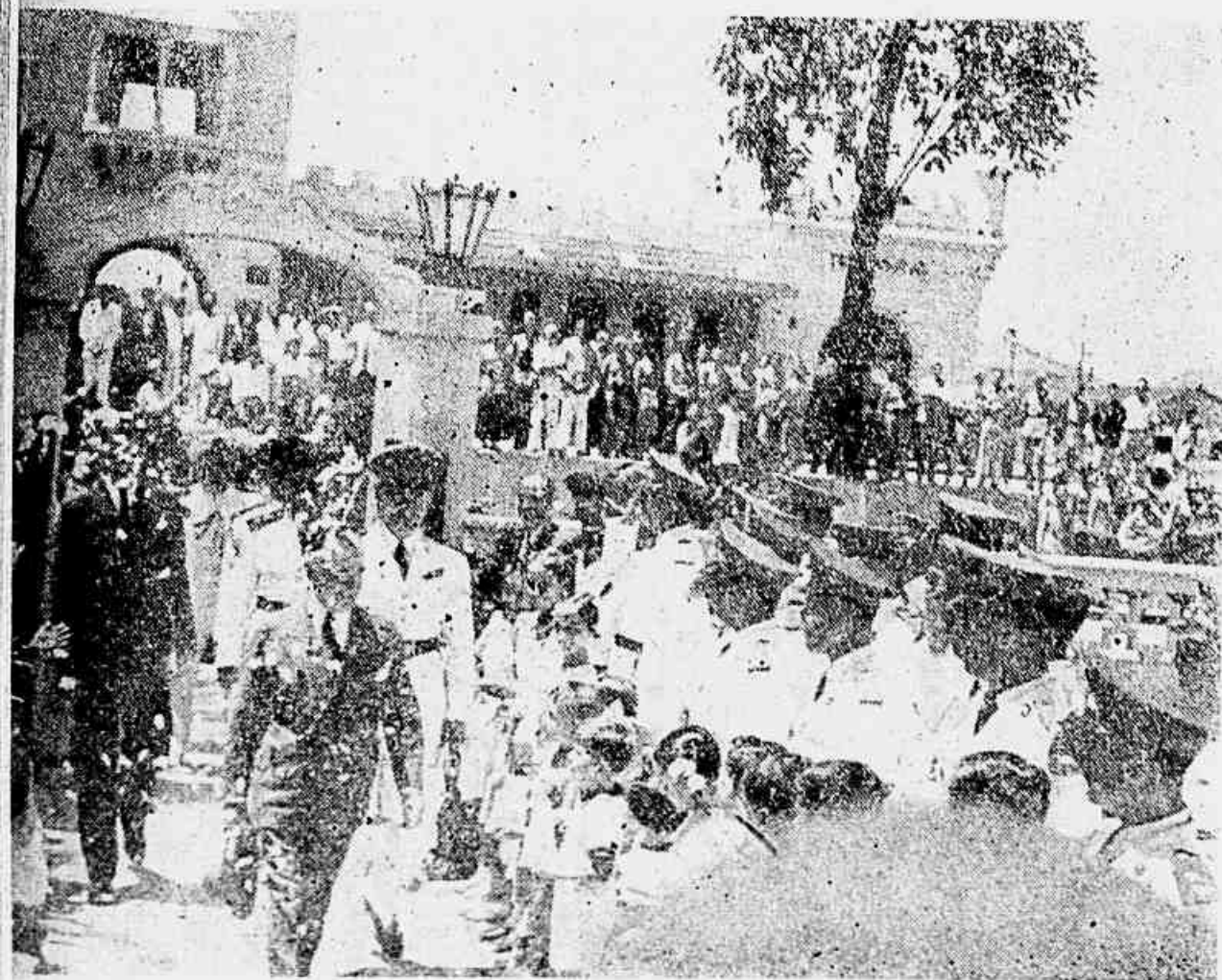
Foram cerimônias de elevado cunho cívico onse S. Excia. teve ocasião de alertar as classes armadas e a opinião pública para o gigantesco trabalho de reconstrução, que após a vitória pelas



FLAGRANTE TOMADO NO PALACIO DA GUERRA, DURANTE A HOMENAGEM QUE O EXÉRCITO NACIONAL PRESTOU AO PRESIDENTE GETULIO VARGAS, QUE SE VÊ EM PRIMEIRO PLANO. O MINISTRO EURICO DUTRA OFERECE O BANQUETE AO CHEFE DA NAÇÃO.

POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DE VÁRIOS MELHORAMENTOS NA VILAMILITAR, A CHEGADA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FESTIVAMENTE RECEBIDO PELAS AUTORIDADES E REPRESENTANTES DO POVO.

OUTRO INSTANTANEO FEITO QUANDO SE INAUGURAVAM OS MELHORAMENTOS ALUDIDOS, NA VILA MILITAR. O CHEFE DA NAÇÃO CORTA A FITA SIMBOLICA. AO LADO, O MINISTRO EURICO DUTRA.





se processará em todos os setores de atividades.

Referindo-se a esse ingente esforço de adaptação que terá lugar no pós-guerra, disse S. Excia. que, sendo a Carta do Atlântico um "documento de idealismo ativo das nações vitoriosas, norteará a reconstrução e seguramente assegurará a todos paz justa e duradoura", servindo de base ao reajustamento mundial, requeria a colaboração de todos os brasileiros nesse trabalho de reajustamento das nossas condições "post-guerra" ao resultante da aplicação da Carta do Atlântico.

Teve S. Excia. ensejo, também, de se referir à nossa atuação nas linhas de frente, frisando nessa ocasião que não fora por simples revide que comparecemos aos campos de batalha, e sim para que na Conferência da Paz tivéssemos o lugar assegurado entre as grandes nações, lugar a que só podemos fazer jus através dos campos de batalha.

O Estado Nacional tem sabido honrar as tradições brasileiras quer no setor internacional, quer na resolução dos problemas nacionais e continua atendendo aos múltiplos aspectos da defesa nacional, aos complexos problemas econômicos, financeiros, de educação e saúde sem descuidar de nenhum aspecto honrando os compromissos assumidos nos congressos internacionais.

Este ano as comemorações do Estado Nacional tiveram um aspecto especial, sem as brilhantes festividades dos anos anteriores atendendo a que nos encontramos em guerra efetiva e todos os esforços e pensamentos devem se congrega num único ponto: dar aos combatentes brasileiros todo o estímulo, todas as atenções porque são eles que estão honrando nos campos de batalha o nome do Brasil.

Finalizando, S. Excia. o Chefe da Nação teve ocasião de frisar que a diretiz que traçamos ao entrar na guerra tinha acarretado para nós um compromisso de alto e significativo valor e que teríamos daqui para o futuro que honrando no concerto universal, fazendo face corajosamente, a todos os problemas complexos que a Humanidade terá que enfrentar nos dias do porvir.

O BANQUETE DE HOMENAGEM AO CHEFE DA NAÇÃO, REALISADO NO DIA 9 DE NOVEMBRO, CONSTITUIU A PRIMEIRA SOLEMNIDADE POR MOTIVO DO 7.º ANIVERSÁRIO DO ESTADO NACIONAL. NA GRAVURA, S. EX. AGRADECE A HOMENAGEM DO MINISTRO ARISTIDES GUILHEM.



NA GRAVURA SUPERIOR, GRUPO BATIDO NO BANQUETE OFERECIDO PELO MINISTRO DA MARINHA, QUE SE VÊ AO CENTRO, TENDO À DIREITA OS MINISTROS DA GUERRA, GENERAL EURICO DUTRA, E DA FAZENDA, SR. SOUZA COSTA, E À ESQUERDA, O MINISTRO DA AERONÁUTICA, SR. SALGADO FILHO, E O MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, SR. LEÃO VELOSO. NA GRAVURA ABAIXO, OUTRO GRUPO BATIDO NA MESMA OCASIÃO.



a Semana em Revista

"Tú que falavas tanto..."



O homenzinho falava pelos cotovelos. Quando surgia o menor propósito, ou mesmo sem nenhuma razão de ser, tumava para a cervejaria em grupo com os parceiros, abanava-se, ingeria meia dúzia de canecas da saborosa bebida loura e destamelava a língua. Era, então, um não caber de ameaças, de improperios, de arrancos guturais, apregando que por espaço de mil anos, na pior hipótese, ninguém se atreveria a pisar terra germânica, pois a vitória estava pertinho e o mundo inteiro devia ficar sob os tacões dos seus soldados fanáticos e o bafêjo de suas libações alcoólicas. O mundo não ligava muito às ameaças, e por isso mesmo andou errado. A princípio, consideravam-se os arranços hitlerianos como simples e bisonhos destemperos de um fanático maior. Mas ficou provado que o ébrio podia realmente constituir-se um perigo e dos maiores para os povos livres, ciços de sua liberdade. Veio a guerra — e o deante continuou vociferando. Falou, gritou, esperneou, fez gravar em discos as suas arengadas, discos que as emissoras nazistas se incumbiam de repetir tantas vezes por noite. Até que um dia o "bicho" calou em silêncio. Fechou a tramela, deu para devorar as canecadas de "chopp" em silêncio, ou conversando mais moderadamente com a turma e os rádios limitaram-se a reproduzir os discursos que ele estaria rabiscando, mas que não se atrevia mais a estertorar. Ninguém estranhou, a princípio, pensando talvez que o "general-pintor" estivesse comandando as tropas; foi quando as tropas do "general-pintor" começaram a sentir as vergastadas dos soldados adversários. Por fim, até mesmo os discursos escritos

e não pronunciados deixaram de aparecer. E o silêncio do outrora eloquente homenzinho ficaram na razão direta do recuo de suas tropas. Quanto mais elas fugiam, espavoridas, dos países reconquistados pelas Nações Unidas, mais e mais o fã-nhudo truão se fechou em copas. Esta semana, enfim, veio discurso. Mais moderado, é certo, menos arrogante e impetuoso, mas ainda atribuído ao cavalheiro da triste figura, embora pronunciado por Himmler, seu substituto legal — ou ilegal — sob a alegação de que "Hitler não pode e não quer mais enfiar o microfone, receando mortalmente complicações com a sua garganta". Francamente, a explicação deixa tudo a desejar, de vez que, a ser fundamentada, é caso para censurarmos o excesso verborrágico do orador de outros tempos. Estivessem suas tropas em maré de sorte, daqueles bons fados que não voltam mais para os pecados da quadrilha nazista, e impedimento algum de ordem física o privaria de falar às massas. Para que falou ele tanto e tão antecipadamente? Fosse moderado em suas oratórias, ponderasse o que dizia, e não se encontraria, hoje, na triste e vergonhosa contingência de silenciar, descendo à emergência de confessar, publicamente, um sofrimento de garganta. "Garganta", sempre ele foi, todos o sabem. A realidade, porém, não a conhecemos nós, aqui de longe e só mesmo os parceiros do silencioso orador a poderão explicar algum dia. Que será feito de Hitler? Por que não fala? Está vivo? Prêso? Subjugado pelos outros que procuram, agora, uma porta falsa para salvar o canastro? Eis o que só a arrancada final das nossas tropas, em solo alemão, poderá explicar. Por enquanto, vamos recordar aquela quadrilha carnavalesca dos velhos tempos, de quando o Mundo não podia sonhar com a triste revelação do palrador das cervejarias... "Papagaio louro — Do bico dourado — Tu que falavas tanto — Por que razão estás calado?"

Duas datas magnas

Este ano se revestem de um significado especial as comemorações cívicas da Proclamação da República e do Dia da Bandeira, porque, em defesa dos princípios de liberdade e dignidade humanas, se encontram na frente de batalha tropas das nossas forças armadas revidando a afronta que às nossas instituições, à integridade de nosso território e à soberania de nosso sagrado Pavilhão fizeram os nazi-fascistas, supondo dessa forma interferência estranha que o nosso governo sabiamente tomou.

No intuito de nos amedrontar e evitar que seguissemos o caminho que era o único, porque é tradicional a nossa política americanista, não trepidaram em torpedear barcas indefesas em nossas águas territoriais, violando dessa forma o nosso território.

Enganaram-se porém, porque, contrariando os seus prognósticos, a Nação Brasileira se levantou como um só homem, pedindo fossem vingados os mortos de tão covardes atentados. O nosso pacifismo não era, como pensavam, covardia; antes, pelo contrário, desde que se iniciaram as hostilidades bélicas na Europa, o povo brasileiro sabia de que lado se encontravam os que defendiam o Direito, a Liberdade, a Justiça e sobretudo a soberania das nações e o direito de vivermos no concerto universal.



Hoje se encontram ombro a ombro, com os demais camaradas de armas, na linha de frente, derramando o seu sangue generoso, milhares de jovens brasileiros, que não trepidaram em dar em defesa de nossas instituições e do sagrado pavilhão o bem que lhes era mais caro — a vida. Acompanhamos com os olhos voltados para onde combatem esses cimentadores do nosso futuro, e com o coração fazemos fervorosas preces ao Criador para que preserve estas vidas preciosas, tão úteis e necessárias ao Brasil.

Que possamos tirar, desse exemplo de simplicidade heroica com que afrontam e arrostam todos os perigos, levando de vencida todos os obstáculos, tendo sempre em mira e pairando alto sobre suas cabeças o augusto pavilhão nacional, farta messe de ensinamentos para a nossa vida de todos os dias, onde não menos necessário é o heroísmo anônimo de todos os obscuros obreiros da nacionalidade, na construção de nosso porvir.

Se, entretanto, na defesa do nosso pavilhão e dos princípios que nos legaram os nossos maiores, e pelos quais luta o Brasil nesta guerra, forem vítimas esses bravos brasileiros das balas do nosso inimigo, que do seu sangue derramado, em defesa da pátria e do nosso pavilhão, germine a semente de novos heróis; que cultuem no futuro, com o mesmo ardor e desprendimento, as virtudes cívicas de amor à pátria; veneração ao Pavilhão Nacional e acendrada convicção na defesa dos princípios de Liberdade e Justiça entre os povos, porque são esses os princípios que, no passado e no presente, levaram o Brasil a derramar o sangue de seus filhos.

Está faltando ou sobrando?



Enquanto a vida encarece de maneira assustadora e faltam os gêneros de primeira necessidade, enquanto o racionamento de outras utilidades inadiáveis vai progredindo assustadoramente e nos preparamos sempre para suportar, com resignação e estoicismo, o anel de ferro, cada vez mais apertado, das consequências de uma guerra que já se encontra no seu sexto ano de trágicos efeitos para todos os povos, registra-se um fato curioso que não é de mais assinalar: está sobrando dinheiro para muita gente. Senão, observem o movimento de todas as casas de espetáculos na capital da República; em pleno funcionamento e quase sempre repletas. Nos fins de semana as lotações vivem esgotadas. E de sábado a segunda-feira há ainda milhares

de pessoas que se transportam para fora da metrópole. Vivem abarrotados os hotéis e pensões dos logarejos de repouso, mesmo com toda a falta de conforto. Os esportes absorvem outros vultosos contingentes de pessoas. Nunca o movimento dos prados de corrida e dos campos de futebol atingiu as cifras astronômicas destes dias de guerra. Fala-se em jogos cujas receitas, nos "guichês", atingem a casa dos trezentos e quatrocentos mil cruzeiros. Os cinemas funcionam a dez e onze cruzeiros a poltrona. Encareceram os preços dos restaurantes e confeitarias, onde o povo sempre remata o seu domingo de folga, despendendo no "lunch" o que outrora era consumido por uma semana de divertimentos. A cidade ganha um aspecto de dia de festa nos feriados, sábados e domingos. Trens e barcas viajam com gente em pé, com destino aos pontos de recreio. Dinheiro, sempre dinheiro, muito dinheiro se escoia dos bolsos do particular para os estabelecimentos de diver-

sões e os negociantes de certas inutilidades. No entanto, aparentemente embora, o contrário é que devia estar se registrando... Eis por que nos apraz indagar: está faltando ou sobrando dinheiro? Será que ele, o dinheiro, é que se desvalorizou a tal ponto que ninguém liga mais ao seu poder aquisitivo e dele se desfaz com tão forte desprendimento? Reclama-se, com toda a justiça, contra o aumento fantástico dos gêneros, do aluguel das casas, ou reclama-se porque faltam as casas e os gêneros. E no entanto o dinheiro sobra, está correndo, a jorros, para as "poules" da Gávea, para os cofres dos cassinos e para as bilheterias dos teatros, dos cinemas, das casas de chá...

Em última hipótese — porque é sempre agradável chegar a uma conclusão favorável — podemos deduzir que o povo está querendo afastar o pensamento de todas as tormentas do dia-a-dia, mergulhando em toda a sorte de passatempos que lhe oferece a cidade. Nem se diga que eles sejam aproveitados só pelos turistas ou os marinheiros norte-americanos. Não. São os que aqui vivem e trabalham, aqui nasceram ou se adaptaram; é o povo que abarrota as ruas e os interiores das casas de diversões. Tudo a trôco de dinheiro, de muito bom dinheiro. "Muito bom"? Aí é que está, certamente, o segredo. O fio do mistério liga-se à facilidade com que muitos ganham dinheiro nestes dias de fortunas-relâmpago, feitas a trôco de toda a sorte de aventuras, enquanto outros não ganham o suficiente para a manutenção própria e a dos seus. Enquanto alguns milhares de brasileiros, longe da pátria, enfrentando agora o rigor das fortes nevadas nos campos e nas montanhas da Itália, sofrem as adversidades da guerra e expõem a vida, e já estão morrendo — outros enriquecem. É triste, mas verdadeiro. E quando a guerra terminar haverá muitas famílias de luto. E outras — que a 1.º de setembro de 39 nada possuíam — terão enriquecido.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 18-11-944 -- N. 47

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 88,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7066
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

O Punhal Malsio (Tristan Bernard).....	19
A Cobra (Gabieli de Lautrec).....	23
A'libi (Ben Hecht).....	29
Semana de Historia (Escragnolle Doria).....	32
Livros Novos (J. L.).....	38/39

REPORTAGENS:

Arte e não dinheiro! (Roberto Lyra Filho).....	3
O 7.º aniversário do Estado Nacional.....	4/5
Jockey Club.....	8
Figuras e Fatos.....	31

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	25
Modelos Marguerite Chapman.....	26/28
As estrelas vivem assim.....	34/35
Vários Modelos.....	40/46

CURIOSIDADES:

Na Favela.....	15
Sob as ruas de Londres.....	18
Venceu o campeão da Democracia!.....	20/22

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	6
Coisas do Brasil.....	24
De Rádio (Djalma Maciel).....	30

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	33
Charge de Raul.....	48

NOVELA:

Covardia (Berliet Junior).....	49/50
--------------------------------	-------

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use *Regulador GESTEIRA*.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

A nossa Capa

MARGUERITE CHAPMAN, jovem e bonita estrela cinematográfica, ao mesmo tempo que aparece na capa do presente número, em uma deslumbrante pose que nos permite conhecer um moderníssimo figurino de verão, ocupa o lugar de honra em tres páginas de seção feminina desta mesma edição. Os modelos da interessante artista da Columbia vão ser, provavelmente, objeto de grande curiosidade das nossas leitoras elegantes. De resto, a parte feminina da REVISTA continua sendo cuidadosamente trabalhada de modo a servir á sua finalidade: oferecer grande número de modelos a quem nos lê. A destaque, do sumário deste número, a grande reportagem obtida com os dois elementos maiores do grupo de *Os Comediantes*, Santa Rosa e Nelson Rodrigues, entrevista que permite focalizar assunto de grande evidencia, o entechoque dos profissionais e amadores, no setor teatral. Os principais assuntos da semana — a vitória de Roosevelt nas

eleições norte-americanas, o 7.º aniversário do Estado Nacional e outros — merecem o seu justo destaque. As seções costumeiras, de rádio, literatura, etc., completam o sumário da presente edição.



["O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"]

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



JOCKEY CLUB MUNDANO

A NOSSA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA COLHEU NO HIPODROMO DA GAVEA, NA TARDE DO ÚLTIMO DOMINGO, OS SUGESTIVOS FLAGRANTES DA ASSIS-
TÊNCIA AO NOTÁVEL "MEETING" DAQUELE DIA.
POR ELES SE PODE VER O CUNHO DE ELEGÂN-
CIA E DISTINÇÃO QUE CARACTERIZOU ESTA RE-
UNIÃO DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO.



ARTE E NÃO DINHEIRO!

ESTE É O LEMA DOS COMEDIANTES

ONDE PIRANDELLO É LEMBRADO: UM REPORTER À PROCURA DO AUTOR E DO ENCENADOR — COMO ENSAIAM OS AMADORES — CHUVA TORRENCIAL E TODOS A POSTOS — HISTÓRIA DE UM PARAIBANO QUE JÁ FOI CANTOR DE RÁDIO, PIANISTA E, HOJE, PREOCUPA-SE COM O GRANDE TEATRO UNIVERSAL — SANTA ROSA E NELSON RODRIGUES FALAM DE DULCINA, DE ABADIE E DE OUTROS — "OS PROFIS- SIONAIS COMEÇARAM ERRADO..." — "OS COMEDIANTES TEEM MAIS POSSIBILIDADES, NÃO QUEREM GANHAR DINHEIRO..." — JAIME, DELORGES, DULCINA, PROCOPIO, RODOLFO MAIER E AMELIA DE OLIVEIRA SÃO ÓTIMOS... "EM POTENCIAL" — COMO FOI FEITO O "VESTIDO DE NOIVA" — NELSON DESEJA FAZER UMA TRAGÉDIA DE PARRICÍDIO E INCESTO — OUTRAS CURIOSIDADES.

Reportagem de ROBERTO LYRA FILHO — Fotos de ARNALDO VIEIRA

Os comediantes nasceram de uma insatisfação diante das condições atuais do teatro nacional, segundo nos disse Santa Rosa. E, não querendo limitar-se a criticar o que os outros haviam realizado, trataram logo de transformar as suas teorias em prática e as suas idéias em ações. Assim, em virtude dos esforços reunidos de um grupo, tivemos, durante o ano passado, a apresentação, no Teatro Municipal, das realizações do conjunto, expostas à crítica do público e ao comentário dos críticos, os quais, diga-se de passagem, foram extremamente favoráveis e simpáticos à iniciativa desses amadores. Auxiliados pelo governo com uma subvenção que lhes permitiu montar de maneira adequada as suas peças, eles conseguiram, na opinião de muitos, realizar "uma coisa nunca vista entre nós", em matéria de teatro. Este ano esperam repetir o sucesso, porém não se contentam com o que já fizeram: querem ser cada vez melhores, dar espetáculos cada vez mais completos. Santa Rosa

acentuou a falta de uma escola de arte dramática digna desse nome para a preparação dos atores. Na ausência desta remedeia-se como se pode, com muito boa vontade e muita modéstia.

A primeira peça da temporada que deverá começar ainda este ano será a comédia de Gogol, "O Inspetor", que está sendo ensaiada na Escola Nacional de Música por Turcow, ensaiador polonês de fama internacional, tendo como principais intérpretes Carlos Perry e J. Magalhães Graça.

Eram oito horas da noite e a chuva continuava a cair impiedosamente. O reporter procurou refúgio na escada da Escola Nacional de Música, enquanto esperava que se abrisse a porta. Ia assistir a um ensaio dos Comediantes.

Finalmente, quando já aumentara o grupo à espera, vieram abrir. Subimos.

O cabineiro improvisado era um dos atores. Nelson Rodrigues, o autor de "Vestido de Noiva" perguntou, brincando:

— Como? O senhor aqui, servindo de cabineiro!

E o comediante, o sr. Expedito Porto, com seriedade:

— Os comediantes fazem tudo...

Em cima, na sala onde se realizaria o ensaio, Turcow conversava com os intérpretes do primeiro ato que, dentro em pouco, começariam a ensaiar.

— Onde está o Santa Rosa?

— Ele é capaz de não vir. Foi a Petrópolis, e com essa chuva...

— Mas nós estamos aqui para entrevistá-lo.

O comediante sorriu, amavelmente...

Era meia noite quando o reporter saiu da Escola de Música, findo o ensaio, admirando o trabalho dos Comedian-

— "ASSIM! COM UMA EXPRESSÃO DE ESPANTO! EXATAMENTE ASSIM..." — diz Turcow, de pé, em segundo plano, atrás de José Magalhães Graça, um dos principais intérpretes de "O Inspetor", primeira peça de "Os Comediantes", na próxima temporada. Os ensaios fazem-se, por enquanto, na Escola Nacional de Música. E ninguém falta. A peça de estréia deve ser apresentada no Municipal em dezembro.





— "VOU SER PRESO!" — pensa o Cavalheiro (Carlos Perry). E o governador (José Magalhães Graça), aterrorizado, imagina: "Estou perdido!" A cena é também de "O Inspetor". Turcowa, à direita, observa atentamente indicando a posição correta. Dois outros comediantes contemplam a cena esperando a sua "deixa". Os elementos femininos da peça aparecem só no 3.º ato. Este é o segundo.

10

tes, edificando mas de estômago vasto, pois ainda não jantara — como isso é simbólico — e com a entrevista ainda por fazer. Santa Rosa não aparecera. Aquela hora os pensamentos do repórter não eram dos mais otimistas...

No dia seguinte ele nos explicava o atraso do ônibus de Petrópolis e marcava um encontro para conversarmos sobre teatro.

A respeito dos Comediantes, fala-se sempre em Santa Rosa. Nada mais natural. Os Comediantes começaram com Santa Rosa e ainda é a ele que devem uma grande parte do sucesso que obtiveram. Esse parafuso, que já foi cantor de rádio, pianista, desenhou capas de livros e pintou quadros, confessa ser, hoje, seu maior interesse o teatro.

— Quando me apaixono por um assunto, estudo-o a fundo, explicou. O teatro, faz alguns anos, me absorve. Comprei tudo o que havia a respeito. Li muito. Li e formei minhas opiniões, extremamente desfavoráveis à maneira pela qual se fazia teatro no Brasil. Achava, sobretudo, incompleto o panorama teatral, muito unilateral, havendo quase que somente comédia ligeira. Apesar das tentativas de certos atores como Jaime Costa, como Dulcina, ainda nada tinha sido realizado no sentido de dar um cunho predominantemente artístico ao teatro nacional. Por falta de uma organização mais séria, os louváveis esforços de muitos colegas passaram despercebidos. Somente com o nascimento dos Comediantes podemos dizer que tenha havido realmente teatro de arte.

— E como surgiram os Comediantes?

— Foi idéia minha e de mais dois amigos: Celso Kelly e Jorge de Castro. A princípio os Comediantes não passavam de uma dependência da Associação de Artistas Brasileiros. Mais tarde, porém, tornaram-se autônomos. Na primeira fase, sob a direção de Adauto Filho, foram montadas duas peças: "A Verdade de Cada Um", de Pirandello, e "Uma Mulher e Três Palhaços", de Marcel Achard. Ambas obtiveram muito sucesso, porém foi somente mais tarde, na temporada do Municipal, que os Comediantes alcançaram um triunfo completo.

— Qual é, na sua opinião, a originalidade do teatro dos Comediantes?

— Já lhe falei sobre a preocupação artística. Quero acrescentar que isso não envolve nenhum "parti-pris" contra o teatro profissional. De forma alguma queremos depreciar o que os outros fizeram, mas...

— Você acha, então, que o teatro profissional não está em condições de fazer o que fazem os Comediantes?

— Não diria bem isso. É possível ao teatro profissional fazê-lo, porém não posso deixar de observar que os Comediantes têm mais possibilidades: não querem ganhar dinheiro... A maior preocupação dos Comediantes é o estudo. O senhor assistiu a um ensaio e deve ter visto

como é esmiuçada a peça. A obra é minuciosamente estudada, sob todos os aspectos: não só o estético como o psicológico, o histórico, etc. Estudamos o autor, seus antecedentes, assim como as condições sob as quais a obra foi escrita. Além disso, os Comediantes demonstraram a importância do diretor de cena. Não apenas um ensaiador, mas um homem culto que dirija o espetáculo e que seja capaz de compreender e interpretar a obra. Ficou, aliás, tão patente esse fato que Bibi Ferreira pediu-nos emprestado o Ziembinski. Há, ainda, o aspecto da luz, também de grande importância. E a minha parte — os cenários, a montagem...

— Mas, para voltar ao assunto dos atores profissionais: Por que não poderiam eles realizar tudo isso?

— Poderiam... O que Dulcina fez foi interessante, embora ela se preocupasse demasiadamente com a parte externa do espetáculo. Os atores profissionais começaram errado e não têm a menor intenção de voltar atrás. Não estudam. Não procuram, realmente, melhorar as suas interpretações, assistindo aos grandes artistas estrangeiros. Não vi nenhum ator nacional profissional assistindo a Jouvet ou a Zaccari, quando eles aqui estiveram. Não faltam atores. Jaime Costa, Rodolfo Maier, Delorges, Dulcina, Procópio, Amélia de Oliveira são todos ótimos comediantes... em potencial... Têm as qualidades necessárias, sem que se resolvam a utilizá-las, ou que aceitem uma orientação que lhes permita desenvolvê-las... Cercados de convenções não podem criar.

— E que nomes você aponta, entre os Comediantes, que estejam pelo menos a caminho de se tornarem atores de primeira ordem?

— Otávio Graça Melo, por exemplo. Stella Perry, também. E há outros: Nelson Vaz, Magalhães Graça... Mas a todos falta uma escola bem organizada que lhes permita desenvolver o seu talento. Entretanto, esses amadores têm um brilhante futuro no palco, porque os Comediantes não querem um teatro somente artístico, mas também cultural...

— Qual é a espécie de teatro que você julga mais aconselhável para os principiantes: de declamação ou um teatro mais realista?

— Qualquer uma das duas, contanto que seja bem ensinada, pois um ator completo tem que conhecer ambas. É preciso muito estudo, uma grande humildade, uma vontade real de aprender, bons mestres, uma boa escola, instalações adequadas...

— E quais as iniciativas dos Comediantes?

— Temos muitos projetos. Muitos projetos que apresentam inúmeras dificuldades para a sua realização, mas que, em todo o caso, espero ver realizados algum dia. Um dos mais importantes é o teatro de negros. Um teatro só para negros, onde os grandes valores do teatro de cor, in-

xistente no Brasil, aparecessem... Estou certo de que temos no país atores admiráveis como Paul Robeson, o negro americano, porém esses atores ainda não foram revelados e é isso que é necessário fazer...

— Qual é a outra iniciativa que você tem em vista?

— Há muitas outras. A mais importante de todas — a escola — eu já citei. Falei, também, do teatro de negros. Uma outra que poderia sugerir, seria um teatro para crianças. Porém não um teatro infantil em todos os sentidos... Um teatro realmente bom, de qualidade, que permita que as crianças entrem em contacto desde logo com o teatro de classe... Um teatro para crianças feito por adultos que estudem devidamente o problema e encontrem uma solução para ele...

— Mais alguma novidade?

— Há uma outra, essa também muito importante: o rádio — que martiriza os ouvintes inteligentes com um teatro de terceira categoria. Bom teatro ao microfone, eis uma das iniciativas mais importantes. Com os Comediantes ao microfone, com boas peças, bons atores, bem ensaiados, formaríamos dentro em breve um público seletivo...

— A que você atribui a incompreensão do público, a quem tanto espantam certos escritores modernos?

— Seria difícil precisar qual a tendência do teatro moderno, porém eu diria que uma das mais importantes é o sentimento poético que se sobrepõe a interesses outros, dando uma grandeza excepcional às peças. Assim, nos dramas de fundo social, como nos de revolta, há sempre o sentimento poético. Isso é evidente na obra de um O'Neill, na obra de um García Lorca... Porém toda essa digressão foi feita para explicar por que eu acho que o público em geral não compreende certas peças modernas. É essa poesia que escapa a certas pessoas que não são dotadas de sensibilidade. E, assim, encarando friamente uma obra de poesia, o público acha-a sem razão de ser, deformando-a para julgá-la desfavoravelmente. Compreende?

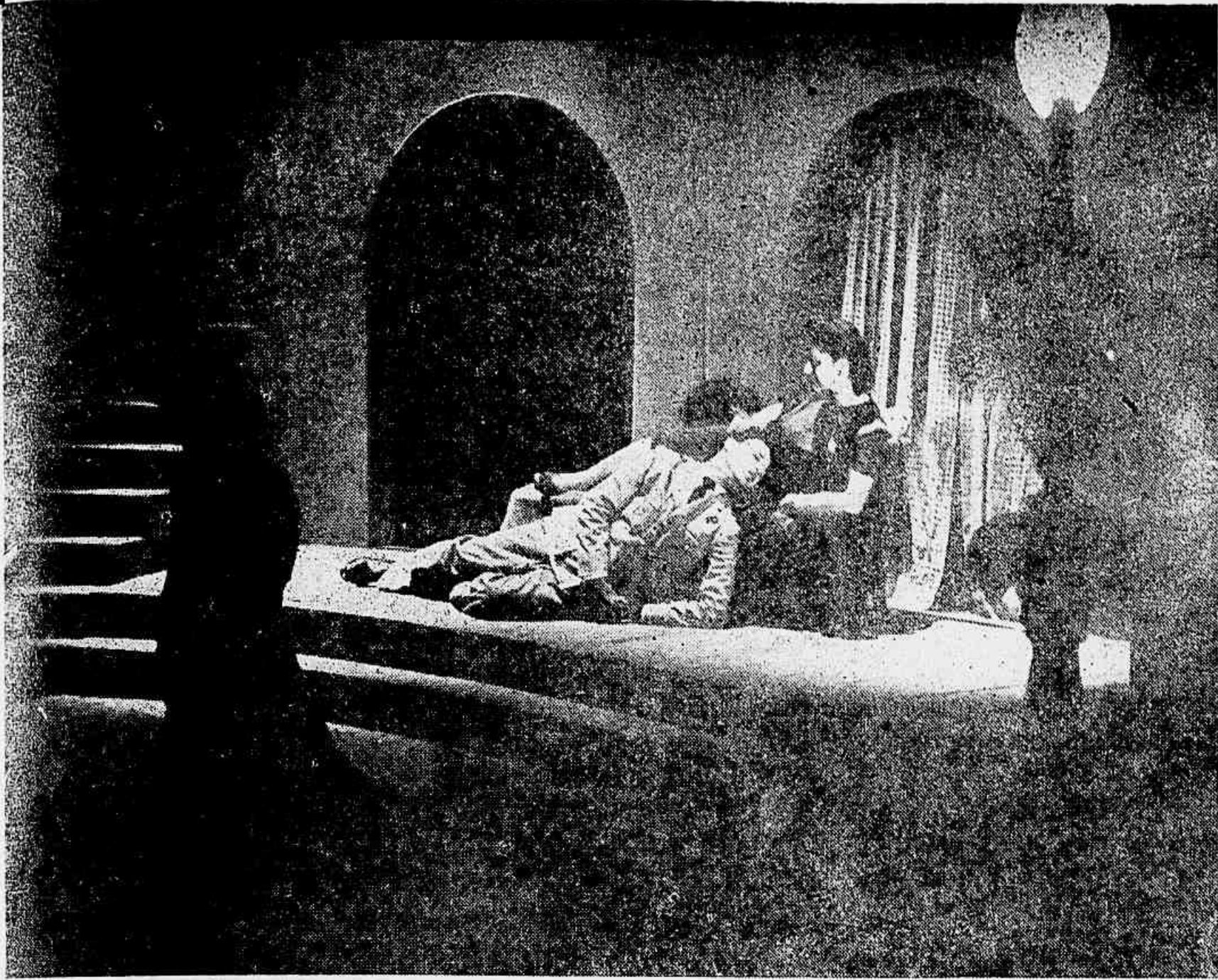
— E que acha você do teatro brasileiro?

Santa Rosa sorriu:

— Os Comediantes não pretendem ressuscitar nenhum fantasma brasileiro... Procuramos, com todo o cuidado, uma peça que merecesse uma representação, mas não achamos... O teatro, entre nós, infelizmente, foi desprezado. Não mereceu as atenções dos nossos grandes escritores. Um José de Alencar, por exemplo, ou um Machado de Assis escreveram peças de teatro medíocres... Não entendi, verdadeiramente, nada no palco brasileiro que merecesse o trabalho de uma representação.

— Nem mesmo um Antonio José?

— Nem mesmo as peças d'O Judeu. Antonio José era "pedra lascada". Se temos, no mesmo gênero, a "pedra polida, preciosa", que é Molière, por que iríamos buscar Antonio José? Não. Francamente, não creio que haja uma grande peça no Teatro Nacional...



"VESTIDO DE NOIVA", de Nelson Rodrigues, cena culminante na parte dramática. Madame de Clessy procura seduzir o jovem estudante que dela se enamora. O rapaz é Carlos Perry, personagem central da peça. O cenário, bem como o de todas as montagens de Os Comediantes, é de Santa Rosa. Os efeitos de luz marcam uma das intenções "revolucionárias" do espetáculo. Tudo novo — ou quase!

— Cheguemo-nos mais para perto... Procuremos, entre os contemporâneos e vejamos se não haverá, entre eles, um escritor capaz de escrever uma grande peça...

— Bem...

— Não quer dar sua opinião?

— Não. Não é isso. Estou pensando...

— Não há pressa. Mas, para refrescar-lhe a memória, citarei Nelson Rodrigues. Que acha de "Vestido de Noiva"? Santa Rosa responde:

— Nelson tem muito talento, não há dúvida.

— Acha que "Vestido de Noiva" poderá marcar época em nosso pobre teatro?

— Em nosso "pobre" teatro, naturalmente... — replica o artista.

— Mas, diga-nos: que acha da peça?

— Acho que sua maior qualidade é a realização teatral.

Arriscamos ainda:

— E o trabalho de Ziembinski foi uma coisa extraordinária...

— Não esquecerei de salientar isso...

Houve uma pausa. Santa Rosa não estava muito satisfeito com o rumo que tomara a entrevista.

— Mas, entre os contemporâneos, quem mais poderia estar?

Santa Rosa hesitou novamente.

— Que lhe parece Marques Rebelo? Conhece "Rua Afegre, 12"? Que pensa daquela peça?

— Bem, de fato é uma tentativa interessante...

— Diga-nos: será que não existe mais nenhum nome, na verdade?

— Bem, poderia citar Lucie Cardoso.

— Que acha de "O Escravo"?

— Acho que revela muitas qualidades, muito talento e que promete muita coisa boa...

— Mas "O Escravo", mesmo, o senhor considera-a uma boa peça?

— Não é perfeita, naturalmente, mas tem as suas qualidades...

— Pensa que ele virá a fazer uma grande peça?

— Não duvido. Falta-lhe somente uma noção de movimento... Mas ele tem, inegavelmente, pensamento teatral...

— E quanto a outros nomes, outros autores?

— Francamente...

— Nem entre aqueles que não escreveram ainda para Os Comediantes?

— Bem... Vou lhe dizer uma coisa. O mal da maioria dos escritores teatrais brasileiros contemporâneos é que

eles escrevem para determinadas companhias, para determinados atores. Ora, não pode haver liberdade para a criação se o autor está ligado por compromissos a determinados intérpretes e tem, por isso, que escrever uma peça onde haja um papel para ele e um para cada membro de sua companhia... Acho que isso é pernicioso. A questão do intérprete justo é muito importante, porém a escolha daquele que interpretará o papel deve vir depois, não deve perturbar a criação...

— Dessa forma, o senhor acredita que...

— Que o maior obstáculo que se opõe para um brasileiro escrever uma grande peça é essa preocupação.

— E julga que com os Comediantes a coisa mudará?

— Naturalmente. Já o autor não será obrigado a pensar nos intérpretes. Que faça obra de arte e não-la traga. É só o que pedimos.

— Você tem algum autor novo a apresentar nessa temporada?

— Não.

— Vão dar alguma reprise?

— Sim. "Vestido de Noiva", naturalmente, porém com outra Alaide, possivelmente Mary Cardoso, que interpretou Mélisande, no ano passado.

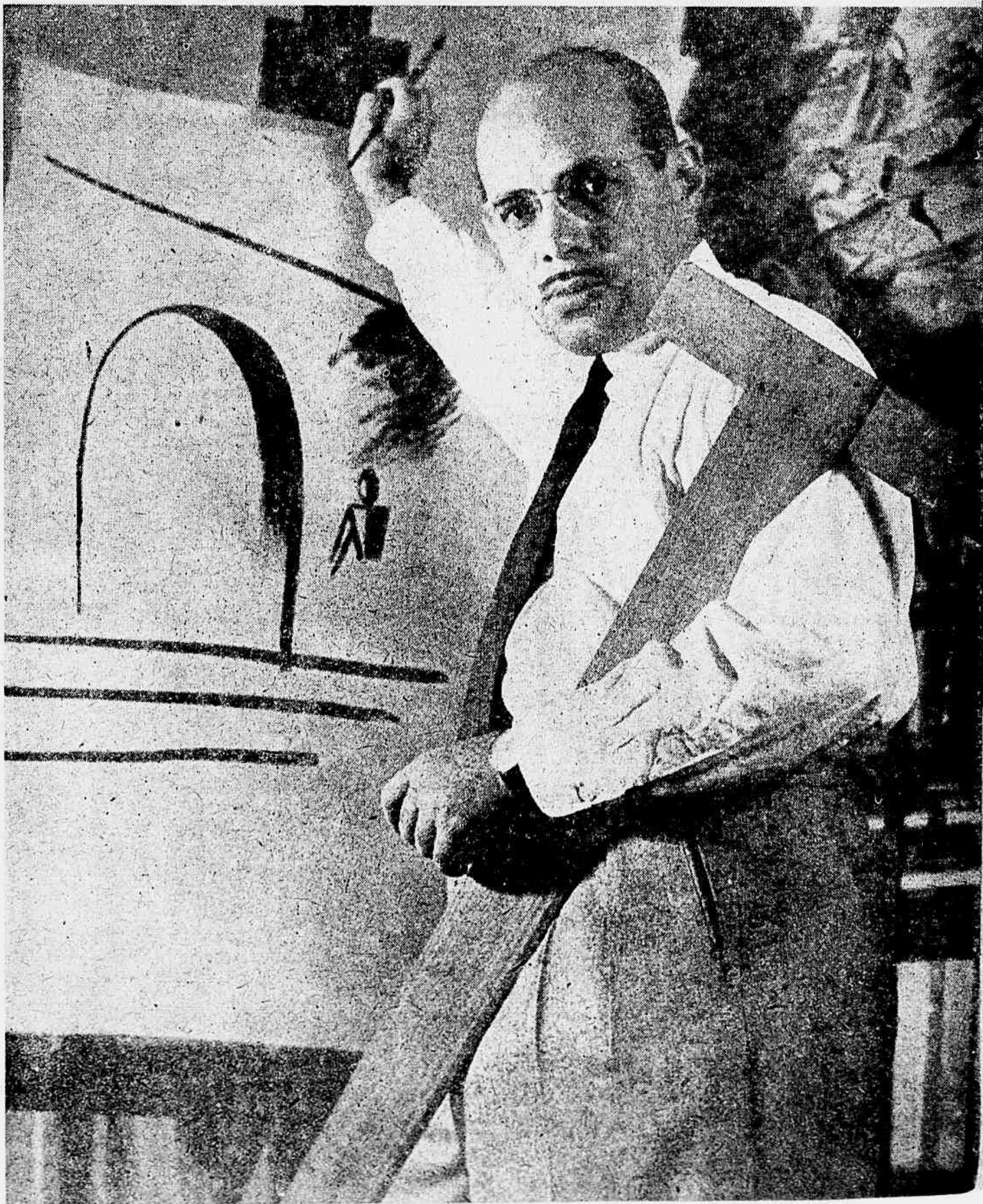
— Essa peça será dirigida por Turcow?

— Não. Por Ziembinski, como da primeira vez.

— Qual é o repertório deste ano?

— A estréia, como sabe, será com "O Inspetor", de Gogol, ensaiado por Turcow, com Magalhães Graça e Carlos Perry nos principais papéis. Depois teremos "A Rua", de Elmer Rice, também dirigida por Turcow, e em seguida "Nossa Cidade", de Thornton Wilder, ensaiada por Ziembinski. Adacto Filho dirigirá "Noé", de André Obey, e teremos, além da reprise de "Vestido de Noiva", nova-

SANTA ROSA TRABALHA. — O grande animador desse empreendimento de arte, por uns combatido e por outros consagrado, em seu atelier na avenida Rio Branco, esboça um cenário quando é apanhado de surpresa pelo fotógrafo. "Para que peça vai ser essa porta?" — fizemos a pergunta. Santa Rosa respondeu que oportunamente ela estará no palco do Municipal. E continuou trabalhando calmamente...



mente "Fim de Jornada", de Sherrif, com Ziembinsk. E' possível, também, que se faça a reprise de uma das peças dirigidas por Adacto Filho: "Capricho", de Musset, ou "Escola de Maridos", de Molière.

— E "Electra, de Sófocles, que vocês planejam apresentar?

— Ah, é verdade. Ia me esquecendo. Teremos a "Electra", de Sófocles. Aliás, segundo me consta, Dulcina também vai levar à cena essa peça. Será interessante comparar os estilos...

— De fato...

Chegara a hora carioquíssima do cafézinho, e Santa Rosa deu por encerrada a entrevista. E' excusado dizer que, uma vez fechado o bloco e guardado o lapis do reporter, a conversa não parou. Tornou-se, mesmo, ainda mais interessante, porém particular. Não querendo confirmar a fama de indiscreta que tem a nossa classe, passamos adiante, se bem que certos comentários de Santa Rosa estejam implorando uma reprodução...

Vimos os Comediantes por dentro. Seu ideal, seus projetos, suas realizações. Porém estaria incompleto o quadro sem a palavra de um autor. Afinal de contas, segundo os Comediantes, o seu grupo não só tem como objetivo principal um teatro de arte, mas destina-se, também, a fornecer uma oportunidade aos autores.

Durante a temporada do ano passado os Comediantes estrearam uma peça que obteve o mais ruidoso sucesso do teatro brasileiro e que provocou artigos de elogios irresistíveis ao talento e à habilidade de seu autor, o jovem Nelson Rodrigues. Seria interessante saber como se deu esse primeiro contacto entre um autor que aspira fazer um teatro de classe e os Comediantes que pretendem montá-lo e realizá-lo. Em resumo, conhecer a história de "Vestido de Noiva" antes da sua **première**.

Continuava chovendo no dia seguinte pela manhã, quando o reporter se dirigiu para o Amarelinho, onde ia encontrar-se com Nelson Rodrigues. A conversa pelo telefone não bastara. Pedira-lhe, então, que marcasse um encontro.

— Amanhã, às dez horas, no Amarelinho. Está bem?

— Ótimo. Um momento!

— Que há?

— Há uma dificuldade...

— Qual é?

— Não o conheço, nem vi nenhum retrato seu... O senhor também não me conhece... Que fazer? Usaremos um cravo na lapela como nos romances, ou mandaremos um "page-boy" berrar o nome um do outro, como nos filmes americanos?

— Nem uma coisa nem outra. O Amarelinho, afinal de contas, não é tão grande. Encontrar-nos-emos.

O reporter assentiu, sem muito entusiasmo.

No dia seguinte, às dez horas em ponto, estava experimentando a sua capacidade de identificar um homem calado... pela voz.

A chuva importuna continuava do lado de fora; dentro do café o reporter examinava as mesas. O escritor deveria, sem dúvida, estar só. Até aí tudo muito bem. Porém nova dificuldade, logo a seguir, se nos apresentava. Quase todas as pessoas estavam sentadas sozinhas, e quase todas eram distintos cavalheiros, com excepção de uma senhora muito pintada, que a um canto tomava uma média e aguentava sem pestanejar os olhares dos rapazes...

Seria Nelson Rodrigues aquêle jovem que lançava olhares cubicosos para a solitária dama da média? Não. De certa forma "Vestido de Noiva" não dava a idéa de um homem que olha cubicosamente para "damas solitárias que tomam médias". Quem, então? Seria aquêle cavalheiro que ostentava um pitoresco "cavaignac", ou o homem extremamente gordo que se aboletara a um canto e olhava em tórno? O reporter pôs-se a considerar, com medo de cometer um engano, qual seria a relação entre o dinamismo

de "Vestido de Noiva" e a adiposidade do cavalheiro que sugeria lentidão.

Teria ficado ali, talvez, olhando os frequentadores do Amarelinho beber seu café, se não tivesse nesse momento ouvido bem atrás de si uma voz:

— Você será por acaso o reporter da REVISTA DA SEMANA?

Com um sobressalto o reporter virou-se e viu à sua frente um rapaz de capa de borracha, com grossas sobrancelhas e olhos que naquele momento brilhavam, maliciosos, diante das peripécias do encontro...

— Nelson Rodrigues?

— Ele mesmo. Sente-se aí. Quer tomar alguma coisa?

Diante do escritor havia uma média e um prato com torradas.

— Não. Muito obrigado.

— Bem, então vamos ao que interessa. Você me pediu para marcar um encontro para conversarmos sobre os Comediantes. Que quer saber?

— Quero saber o que o senhor acha deles.

— Admiráveis...

— E' pouco...

— Pouco?

— Sim. Queria que contasse aos leitores da REVISTA como entrou em contacto com os Comediantes; se escreveu "Vestido de Noiva" pensando neles; se gostou da maneira pela qual montaram a sua peça; que achou dos intérpretes...

— Bem... "Vestido de Noiva" não foi escrito especialmente para os Comediantes. Não é intuito dos Comediantes fazer como esses empresários nacionais, que encomendam peças. "Vestido de Noiva" foi escrito porque eu tive a idéa de escrevê-lo.

— Logo depois de pronto levou-o aos Comediantes?

— Não. O original esteve, primeiramente, com Abadia Faria Rosa, que montara minha primeira peça, "Mulher sem Pecado"...

— E que disse Abadia: recusou-a?

ELES ENSAIAM ASSIM. — Atitudes e pões estudadas, inflexões rigorosamente marcadas. Cena da visita do Inspetor. — "O choque foi forte de mais para o pobre..." — diz um dos personagens. Todos se preparam para receber o visitante. A atividade é enorme. Turcow armou a sequência na qual tomam parte quase todos os personagens da peça. Depois, é só reconstituir tudo isso no palco.



— Não. Aceitou-a. Disse que a achava muito boa... Mas a verba não vinha... Cada vez que eu perguntava para quando seria a montagem, ele me respondia com evasivas...

— E resolveu, finalmente, não levá-la?

— Não. Fui eu quem o livrou do compromisso. E me pareceu que ele ficou muito aliviado...

— Como foi a peça parar nas mãos dos Comediantes?

— Deixei a Santa Rosa e a Brutus Pedreira para que a lessem.

— E que acharam eles?

— Ambos me disseram que a peça era boa...

— Ficou logo decidido que seria levada pelos Comediantes?

— Santa Rosa foi quem obteve isso, com a ajuda, é claro, de Brutus...

— Muito bem. O senhor acreditava no êxito?

— Não. Não acreditava. Estava esperando um ruído fracasso, e o sucesso foi a maior surpresa da minha vida...

— Os Comediantes acreditavam no sucesso da peça?

— Sim. Ziembinski conseguiu infundir em todos o entusiasmo necessário. Durante os ensaios foi muito repetida a frase de Ziembinski: "Essa peça é um chute!"

— Que nos diz do trabalho de Ziembinski?

— Admirável: Ultrapassou a minha expectativa!

— Acha que ele foi fiel ao seu pensamento?

— Mais não poderia ser.

— E Santa Rosa?

— Da mesma forma. Tudo me satisfaz...

— Inclusive os intérpretes?

— Sim.

— O senhor leu a crítica de Décio de Almeida Prado? Foi a única que fez restrições à sua obra. Que acha do que ele disse?

— Não estou bem lembrado. Mas, se não me engano, foi o diálogo que ele censurou e falta de continuidade... Disse que "nas cenas mais importantes"... Nas cenas mais importantes? Não há cenas mais importantes. A peça conserva uma unidade que não permite essa distinção. Cena mais importante? Por que atribuir maior importância à cena entre Alaíde e Lucia do que à cena do falso assassinato, à cena do velório, à cena da sedução? Quanto ao diálogo, o que tentei fazer em "Vestido de Noiva" foi justamente despojar o diálogo de todo o ornato, de toda demagogia, de toda gordura: foi torná-lo tanto quanto possível curto, dinâmico, concentrado, tenso. Um diálogo anti-eloquente.

— E quanto à falta de continuidade...

— Talvez seja um pouco tarde, mas eu queria informar ao sr. Décio que se trata de um delírio... Como quer que Alaíde, nas condições em que estava, raciocine com toda a clareza?

— Sim...

— E, mais ainda: toda a concepção do "Vestido de Noiva" reside exatamente nessa descontinuidade. "Vestido de Noiva" não foi obra apressada. Custou muita noite mal dormida, muita meditação para resolver todos os problemas...

— Dá grande importância ao valor plástico?

— Bastante. A marcação de uma peça é importantíssima e foi aí que Ziembinski revelou-se um mestre.

— Notou alguma incompreensão por parte do público em geral?

— Houve, naturalmente, êsses risos sem razão, irreprimíveis. Mas uma coisa eu pude notar...

— Qual?

— O riso do público durante a representação foi um riso bem educado.

— Como?

— Um riso meio desconfiado, de quem diz: "Estarei rindo por tolice? Ou terei, mesmo, razão para rir?"

— E considera êsse detalhe um progresso?

— Naturalmente.

— Atribui isso, talvez, à obra dos Comediantes?...

— Sem dúvida.

— Para voltar aos Comediantes. Sua peça foi aceita, representada com sucesso. Não vai reprisá-la?

— Sim, êste ano mesmo.

— E' verdade que teremos uma outra Alaíde?

— É. Lina Grey está adoentada. Não poderá repetir o seu desempenho.

— O senhor acha que essa repetição será um mal para a peça?



O AUTOR, A INTERPRETE E O REPORTER — Nelson Rodrigues, de capa e guarda-chuva, palestra com Stella Perry, criadora do papel de Lucia em "Vestido de Noiva". O reporter pergunta: "E quem substituirá Lina Grey na Alaíde?" O autor ignora, por enquanto. Talvez Mary Cardoso, talvez outra. — "Tenho muita confiança em Ziembinski", diz Stella Perry. O autor também.

— Tenho muita confiança em Ziembinski.

— Ouvimos dizer que ele está agora com Bibi Ferreira...

— E' verdade, mas as duas coisas não são incompatíveis.

— E qual será a substituta de Lina Grey?

— Talvez Mary Cardoso.

— Poderá dizer francamente o que pensa do teatro nacional?

— O panorama do teatro nacional é dominado pelos Comediantes.

— O senhor não acha que outros artistas se tenham esforçado para dar um cunho mais acentuadamente artístico aos seus espetáculos?

— Houve uma tentativa de parte de Dulcina para fugir da mentalidade do Regina, mas...

— Não lhe satisfaz?

— Os resultados obtidos não foram muito brilhantes. Dulcina e Odilon tem, contra si, os vícios de uma longa experiência teatral errada.

— Acha que Dulcina não conseguiu o que pretendia?

— Foi uma boa e confortadora intenção do simpática casal o estudo apressado das peças escolhidas, certas so-

luções cômicas de uma ingenuidade ou de uma incompreensão constrangedora, ausência de uma concepção única e harmoniosa que criasse uma unidade de cenário, luz, representação, tudo isso faltou. Em vão, durante duas ou três horas o espectador esperava por uma homogeneidade de espetáculo que não se conseguia nunca...

— Por que isso?

— Antes de mais nada, porque tudo se fez sob o signo da improvisação. As nuances, o espírito vivo e profundo de cada peça, o sentido mais ou menos sutil, e, em suma, todas as coisas que exigiam um esforço de estudo, de pesquisa.

— Que sugere o senhor nesse caso?

— A reeducação artística de Dulcina. Qualquer que seja a peça, assistiremos, sempre, a Dulcina e não à personagem que o autor criou... Dulcina é sempre a mesma, imutável, inassimilável... Um ensaiador com uma razoável dignidade artística e um certo prestígio pessoal, diria: — "Minha senhora, não é nada disso. Está tudo errado"...

— Mas o senhor acha, então, que diante do teatro profissional os Comediantes levam vantagem?

— Acho. A primeira diferença é a mentalidade. Aliás, Santa Rosa já definiu muito bem todas as características

dos Comediantes. E eles suprem um vácuo, qualquer coisa que estava faltando no teatro nacional.

— Quais são os seus projetos? Tem alguma peça nova em preparação?

— Tenho, por enquanto, uma idéia... Desejava fazer uma tragédia de parricídio e incesto...

— Em ambiente contemporâneo?

— Sim. Naturalmente. A ação será na atualidade.

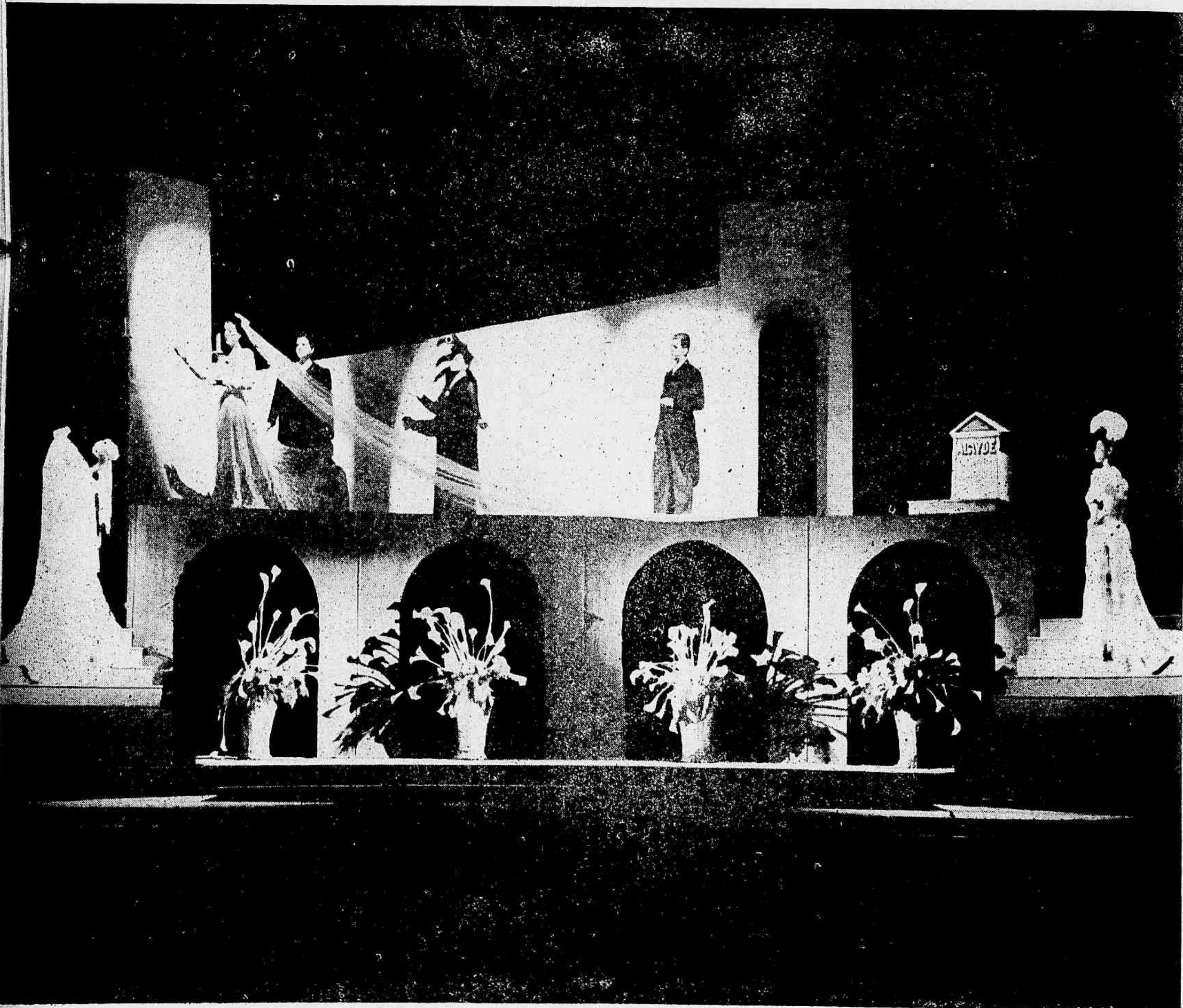


Falou Santa Rosa, e Nelson Rodrigues completou o seu pensamento. São ambos membros de uma mesma corrente, batalhadores de um mesmo grupo. São ambos homens que encararam com seriedade o problema do teatro no Brasil e tentaram resolvê-lo. Sua obra ainda não está completa, embora já conte com significativas realizações. Não cabe ao reporter avaliar a importância nem o valor intrínseco do que eles conseguiram fazer. A outros, essa tarefa. Aqui estão os dados do problema e uma solução proposta, uma solução que já pode trazer para consubstanciá-la o comprovante de uma experiência: a dos Comediantes. Feliz ou infeliz? Cabe aos que a assistiram julgá-la. Nosso in-

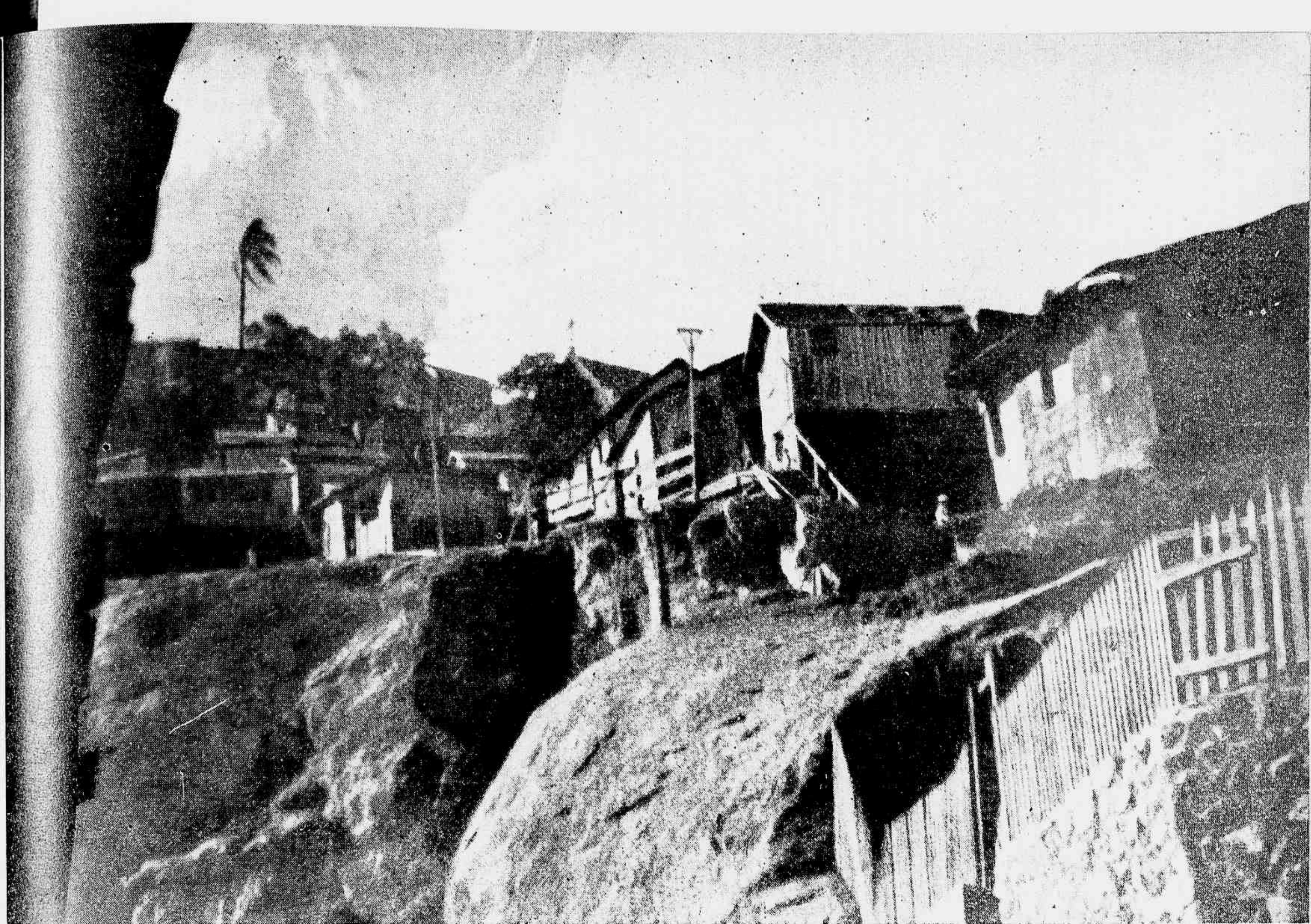
tuito foi tão somente expor, esclarecer, penetrar no meio dos Comediantes e saber o que eles estão fazendo. Para isso fomos a Santa Rosa, que é um dos fundadores, em torno do qual se juntou um grupo de escritores com grandes aspirações. Para que um desses escritores pudesse falar, demos a palavra a Nelson Rodrigues. Tentamos, na medida do possível, excluindo todo o julgamento, apresentar os Comediantes ao público, pois é ao público, a esse público que eles estão tentando educar, como disse Santa Rosa, que caberá consagrá-los ou não. Mostramos uma parte dos Comediantes que poucos conhecem: os Comediantes trabalhando, os Comediantes, até a meia noite, todos os dias, de mangas de camisa, marcando uma peça sob a direção incansável de Turcow. E' sempre necessário ter-se uma idéia concreta do esforço que está sendo realizado para que possamos julgar com mais justiça as realizações.

Por outro lado, há o caso dos profissionais. Será o seu intuito meramente ganhar dinheiro? Não apresentarão espetáculos melhores por incapacidade, por exigência do público ou por um outro motivo desconhecido? Cabe a eles falar agora e apresentar a sua defesa.

Os Comediantes lançaram o seu protesto: arte e não cruzeiros. Qual será o lema dos profissionais?



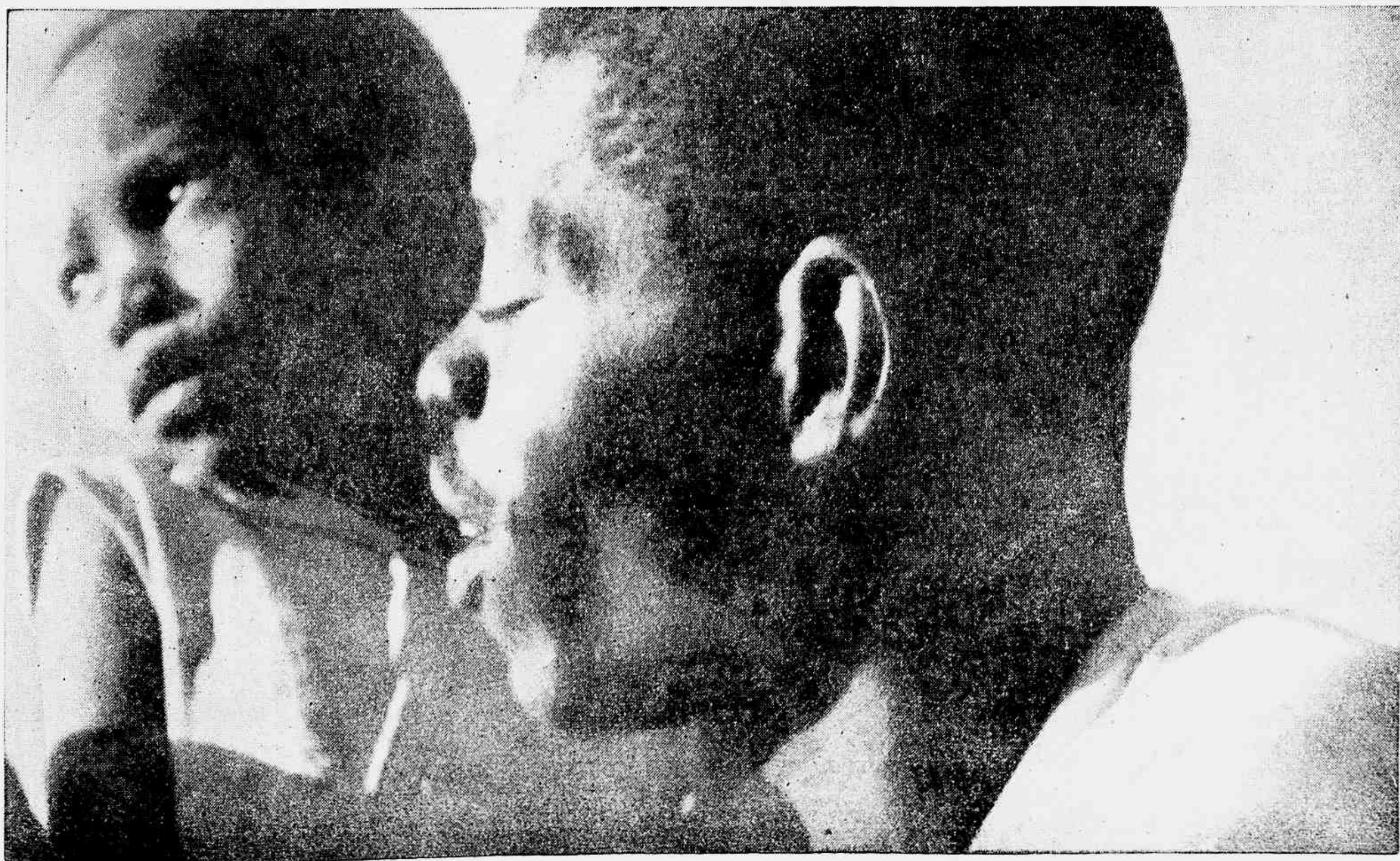
CENA FINAL DE "VESTIDO DE NOIVA". — Lúcia (Stella Perry) e Alaide (Lina Grey), a um canto. No outro, madame de Clessy. Os convidados vêem uma das irmãs jogar para a outra o "boquet" de noiva. Tudo é simbólico, fruto de um delírio, por isso mesmo incompreensível para muita gente. Os que entenderam afirmam: "E' genial!" Os outros: "Não é!" e as discussões continuam até hoje.



Lá em cima, tudo é diferente. Diferente e simples. Os homens galgam a montanha, de volta do trabalho, se vem-se da refeição frugal que as mulheres prepararam durante o dia, beijam os filhos e vão sentar-se no cume da barranca, espiando, do alto, o efeito da cidade iluminada, cá em baixo. Quando é noite de batuque reúnem-se e batucam até de madrugada. Contam histórias do que se passou durante a semana. Trô-

NA Favela

cam confidências. Sonham, sonham muito... Estão mais perto do céu, podem sonhar melhor. Mas sofrem, como os que vivem à beira-mar. Uns mais, outros menos.. E quando se vão deitar, no quarto humilde do casébre tóxico, talvez costumem sorrir com uma pontinha de malícia. Sortir dos que dormem em quartos apertadinhos, dos "apartamentos" de luxo, cujas construções, lá do alto, ficam pequenas, muito pequeninas mesmo..





Aspecto da visita da Imprensa à sede da Sul América Capitalização.



A primeira fila dos assistentes à missa na igreja da Candelária.



Outro aspecto da numerosa assistência à missa em ação de graças

A SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S. A., essa pioneira da capitalização no Brasil, completou o seu 15.^o aniversário a 31 de Outubro último, colocada em primeiro lugar entre as instituições do mesmo gênero em todo o mundo, num desenvolvimento sem par. Durante êsses três lustros prestou ela relevantes serviços ao Brasil, não só concorrendo eficientemente para o desenvolvimento da economia sistematizada entre tôdas as classes sociais, notadamente entre as menos favorecidas, como também cooperando com o Estado no empreendimento de vultosas obras de interesse público, ao mesmo tempo que vem enriquecendo as nossas urbs com os "Edifícios Sulacap", todos de construção moderna e sobremodo confortável.

Comemorando êsse jubiloso aniversário foi organizado vasto programa, do qual aqui apresentamos flagrantes de três partes, apenas, constituídas pela *visita da Imprensa à sede da Companhia*, *missa em ação de graças na Candelária* e *sessão solene no auditório da A. B. I.*, como se vê das fotografias que aqui estampamos.

Entre essas três partes do programa destacou-se a notável conferência pronunciada na sessão solene realizada na A. B. I. pelo vice-presidente da diretoria da Companhia, sr. Antonio Sanchez de Larragoiti Junior, sôbre o tema "O

O 15.^o ANIVERSARIO



O sr. Antonio S. de Larragoiti Jr. pronunciando sua importante conferência



A mesa que presidiu à sessão solene no auditório da A. B. I., quando o sr. Larragoiti Junior pronunciou sua importante conferência.

DA "SUL AMÉRICA" CAPITALIZAÇÃO

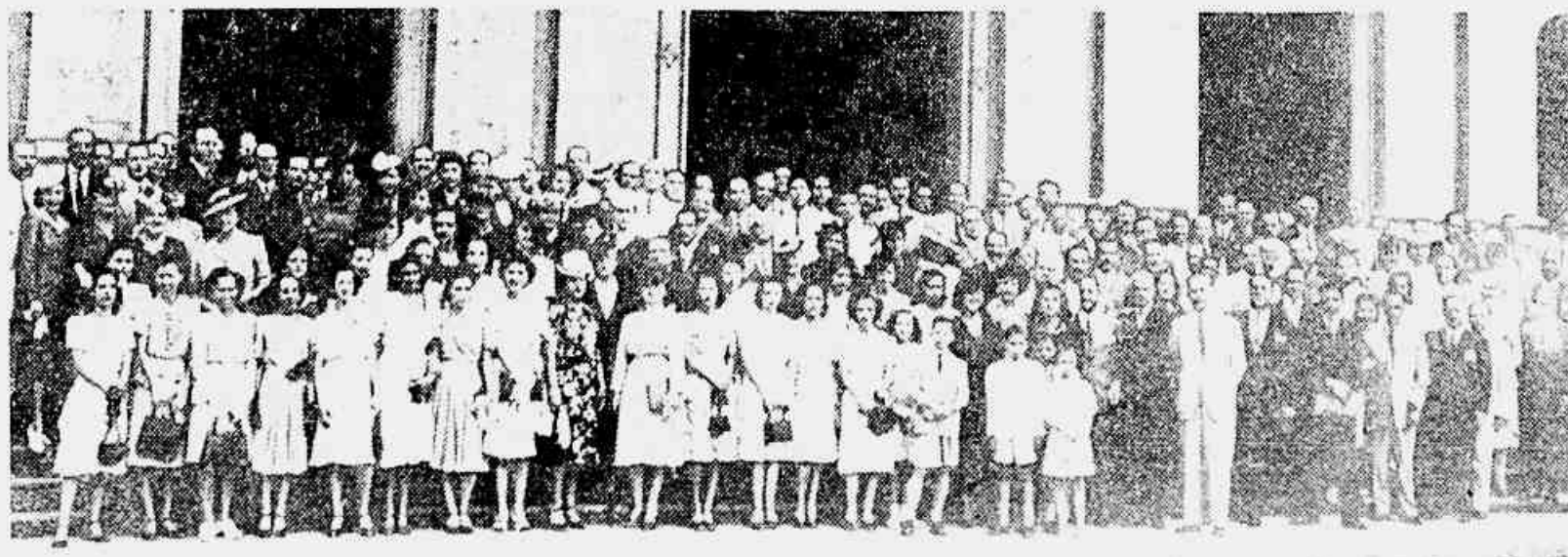
Grupo Sul América e sua participação na evolução da Previdência Social na América do Sul. Nesse trabalho o neto do fundador da primeira instituição desse grupo narra sucinta história e eloquentes algarismos de cada uma das Sociedades que o compõem: "Sul América, Seguros de Vida — "Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes" — "Banco Hipotecário Lar Brasileiro" e "Sul América Capitalização", a jovem aniversariante que tão robusta se apresenta no momento.

O sr. Larragoiti Junior demonstra com fatos e algarismos a importância dessas sociedades pioneiras de tantos empreendimentos de sadia previdência, levados a efeito com maestria, perseverança e idoneidade intemerata.

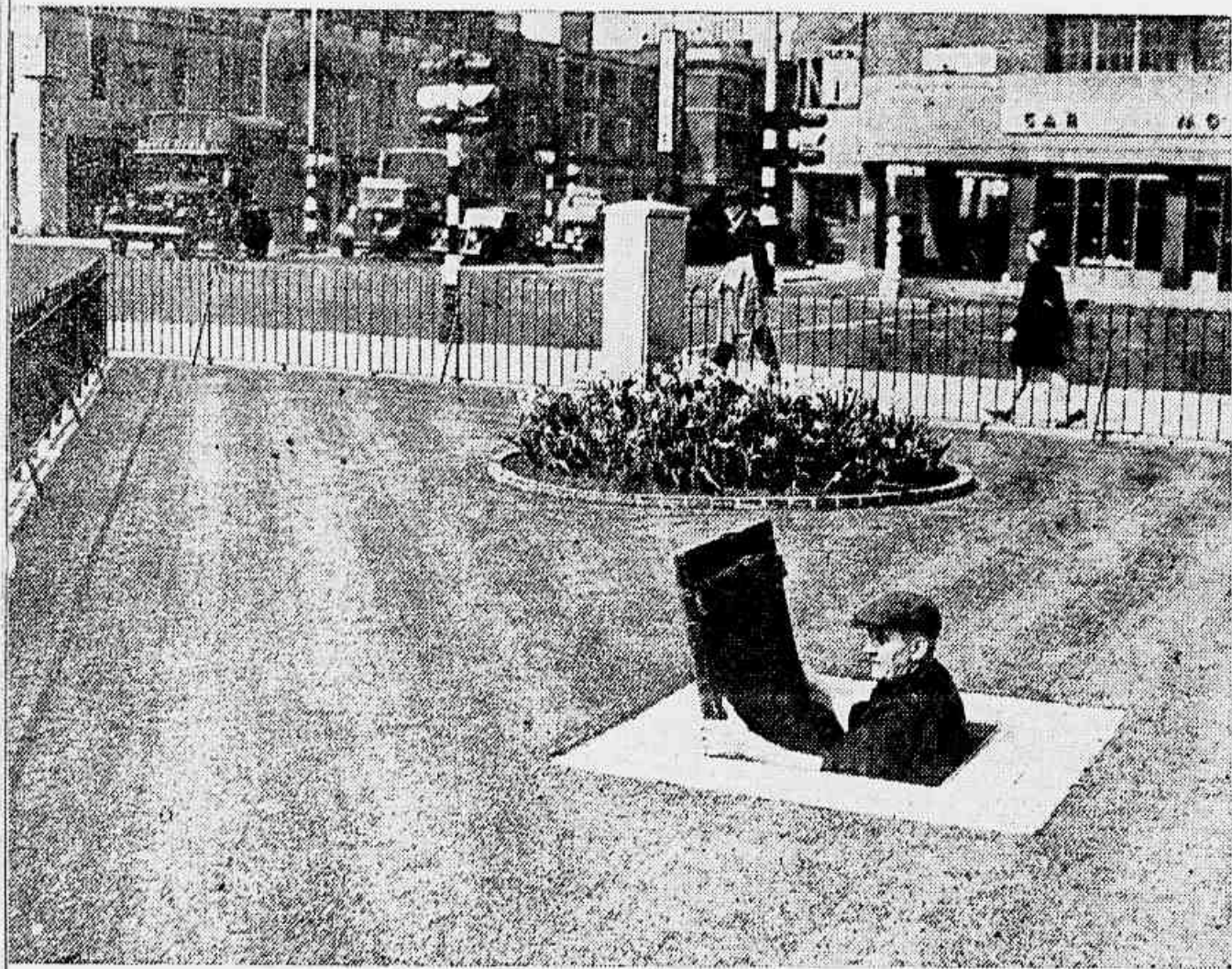
Com os dirigentes dessas nobres instituições nos congratulamos, felicitando os da *Sul América Capitalização S. A.* (a popular Sulacap) pelo brilho com que se apresenta ao despontar da puberdade.



Parte da assistência à sessão solene da A. B. I., que constituiu uma das mais brilhantes passagens do programa das festas.



Os funcionários e colaboradores da Sul América Capitalização, com suas famílias, à porta da igreja da Candelária



AS SAIDAS DOS ESGOTOS DE LONDRES FICAM, ÀS VEZES, NOS LUGARES MAIS ESTRANHOS. A FOTO NOS MOSTRA UM OPERÁRIO SUBINDO À SUPERFÍCIE DA TERRA NO CENTRO DE UM JARDIM.

SOB AS RUAS DE LONDRES

A FOTOGRAFIA MOSTRA UM TRECHO DOS 4.828 QUILOMETROS DE ENCANAMENTOS DE LONDRES. ESSE É UM DOS MAIORES... CANAIS, MEDINDO 5 METROS DE ALTURA POR SEIS DE LARGURA. VÊ-SE UM GRUPO DE HOMENS EM SERVIÇO DE REPAROS.

DESDE tempos imemoriais se compreendeu que o estado de saúde de uma cidade depende em grande parte de sua limpeza e da eficiência de seu sistema de esgotos. A lição foi aprendida por gregos e romanos, que construíram cidades com ruas largas e arejadas, instituíram os banhos públicos e, acima de tudo, instalaram perfeitos e higênicos sistemas de esgoto. Essa uma das razões pelas quais a peste raramente grassava nas cidades do Império Romano e uma das causas do bom estado de saúde de seus cidadãos. A lição foi, entretanto, esquecida no período de decadência. As ruas se tornaram imundas, os depósitos d'água poluídos e a peste alastrou-se por toda a Europa.

Hoje, as lições do passado foram novamente assimiladas e toda cidade confia na eficiência de seus esgotos para manter a pureza de seus abastecimentos d'água e, conseqüentemente, a boa saúde de seus habitantes.

Londres, por exemplo, é uma das mais saudias e mais perfeitamente drenadas cidades do mundo. Quase 9.000.000 de habitantes residem em sua área, mas apesar desse congestionamento as pestes são desconhecidas e as epidemias ocorrem raras. Uma das razões para isso é que debaixo das ruas da capital há um mundo separado, excelentemente organizado, de cuja existência poucos se capacitam. É um mundo de 4.828 quilômetros, todo cortado de canos e canais que, se não estivessem sob permanente e perfeito controle, poderiam acarretar sérios efeitos para a saúde dos londrinos e para asseio das ruas.

Há alguns séculos, o refugo e as águas servidas eram atirados no riacho mais próximo para ir dar ao Tamisa que, àquela época, era um rio cheio de máus odores.

Hoje, tanto quanto 20.000.000 de libras foram gastas na construção de

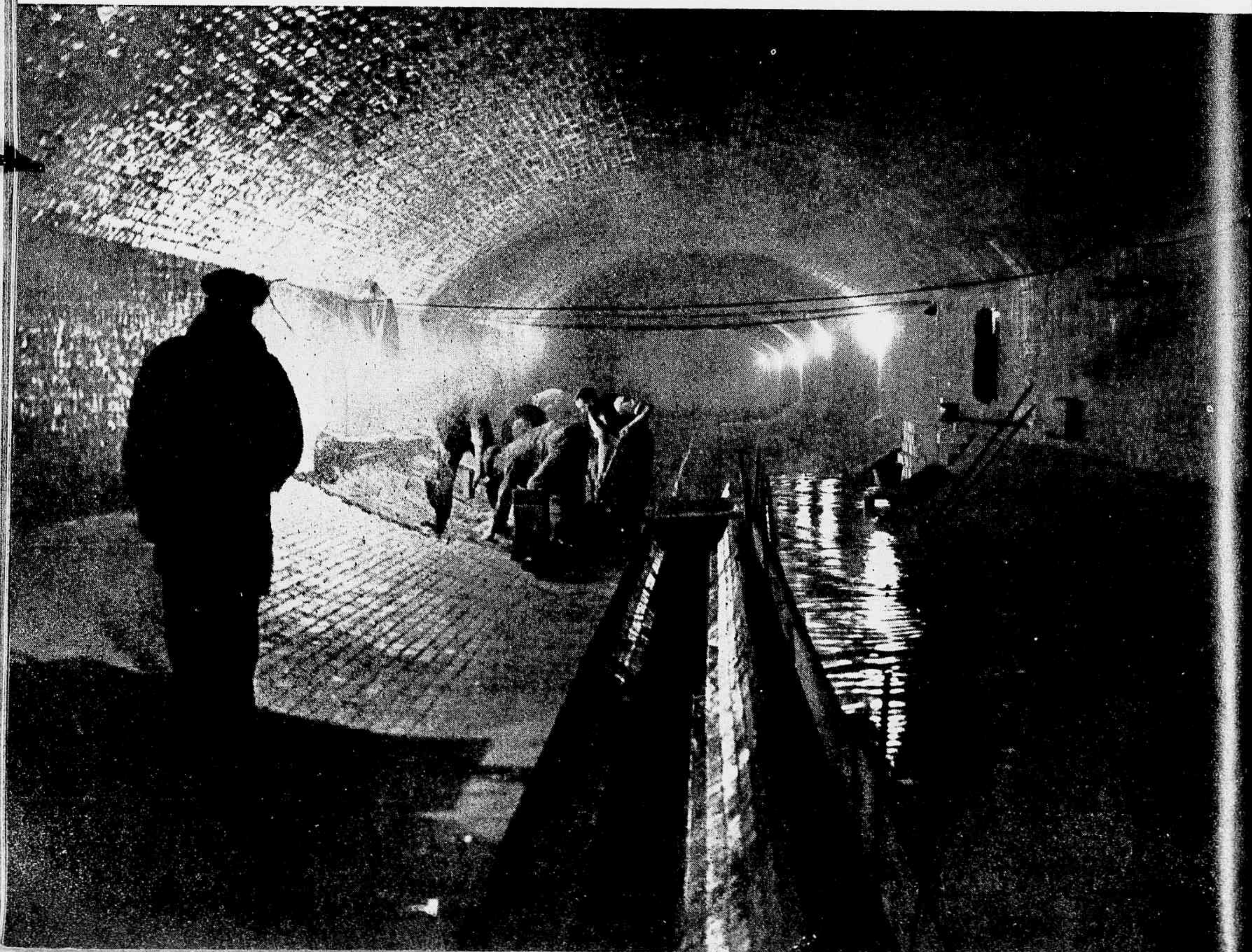
um complexo sistema de esgotos que corre sob as ruas de Londres. A maior parte dos canais subterrâneos, o maior dos quais mede 5 metros de altura e 6 de largura, segue o curso do Tamisa e das principais avenidas. As centenas de canos subsidiários que correm, a partir do norte e do sul, na direção do rio vão ter aos esgotos principais, que seguem um trajeto paralelo. Todo esse encanamento vem à superfície a algumas milhas fóra de Londres, nas proximidades do estuário, onde o refugo é recolhido, tratado e, finalmente, depositado no mar.

Bombas automáticas instaladas em vários pontos mantêm em constante movimento os 1.363.788.000 litros d'água que passam diariamente pelos encanamentos, na direção do mar.

Nos canais maiores, a temperatura é sempre a mesma — mais ou menos 60 graus Fahrenheit. Ali são sempre encontrados grupos de homens em atividade, calçando enormes botas de borracha que lhes atinge a cintura. Sua missão, nessas cavernas, é conservar em bom estado os esgotos da cidade; sua tarefa não acaba nunca e, às vezes, é perigosa, pois, se um subito temporal desaba sobre Londres, milhões de litros-extra caem numa enxurrada através dos ralos e vão atingir em poucos segundos os encanamentos onde se encontram os operários. Porém todas as precauções foram tomadas para que, em tal caso, os homens não sejam afogados ou sufocados.

Noite e dia, sem cessar, os empregados vigiam os esgotos de Londres, conservando-os limpos e em boas condições de funcionamento. Formam um pequeno exército desconhecido. Apenas ocasionalmente alguém vê um deles saindo ou entrando de um buraco na esquina de alguma rua.

DAVID THURLOW



Está assim com tanta pressa, senhor Gambard?

Sente-se. Fique mais um pouquinho.

Mas são quase dez horas, senhor Moutier...

E então? O mercado acaba ao meio dia. Tem mais que tempo.

E' que fiquei de me encontrar com minha mulher numa tenda de saldos e retalhos...

Ah, bom! Se ela está a escolher fazendas, a discutir preços com o negociante, nem dará pela sua demora. Estaria que o senhor não se fosse sem ver meu filho?

Sim, eu soube que ele tinha acabado o curso e levado para casa. E o senhor? Está satisfeito com ele?

Estou... E minha mulher ainda mais. Um filho chamado em direito... Sempre é alguma coisa. Quer, porém, que lhe diga com franqueza? Acho o rapaz um pouco... parisiense de mais. Andou por lá metido com artistas, com colegas boêmios... A's vezes sae-se com umas conversas que me não agradam absolutamente. Umas idéias modernas sobre honestidade, propriedade, justiça...

Então, ao jantar, quase me fez sair da mesa. Nem sei como contive o ímpeto de lhe pregar uma bofetada. Além disso, desconfio que tenha deixado alguém em Paris... desta barbaramente. Mal acabo de lhe dar dinheiro, está aqueitando a mão para lhe arranjar mais... Deita-se molissímo e, de manhã, é uma luta para o fidalgo sair da cama. Não, não está direito! Se ele quer fazer carreira na fóra, tem que mudar de vida. Quando não...

Julguei que o senhor o destinasse á magistratura.

Sim, mas ele diz que prefere a advocacia, que só mais tarde, talvez... Vamos esperar.

Sabe que o filho do Mégnin conseguiu ser transferido para aqui como juiz de instrução...

Sei, como não? Velho camarada de meu filho. E parece que é um rapaz tão sério...

Aquele? Seríssimo. Não ha magistrado mais austero, mais íntegro. Se o próprio pai cometesse um delito, ele o condenaria como a outro qualquer. Não seria um juiz assim que abafaria aquele escândalo do colégio, o ano passado. Oh, diabo, dez e um quarte! Não me posso demorar mais senhor Moutier... Bravo! O amigo tem aqui uma bela panóplia!

Não é má... Mas uma que está lá em baixo, na saleta de entrada, é muito mais interessante. Vou descer com o senhor, para lh'a mostrar. Quero sobretudo que veja um punhal malaio que comprei ante-ontem. Imagine que passou por aqui sim, foi ante-ontem mesmo uma espécie de marinheiro não sei de que país e que trazia uma porção de coisas esquisitas, vindas de terras exóticas... Foi ele que me vendeu o punhal malaio. Será malaio mesmo? Em todo caso, uma arma curiosíssima. Já tinha lido qualquer coisa a respeito, mas não sabia se tal punhal existia na realidade. Imagine que, cravada a lanca no peito ou nas costas de alguém e apertando-se certa mola, a folha de aço se divide em quatro partes e sai, deixando um ferimento horrível, em forma de cruz. Vamos descer, eu lhe mostro. Cuidado com os degraus, a saleta é um tanto escura. Mas a panóplia está aqui, perto da janela... Ora está!

Que foi?

Esta agora! Esta agora!

Mas que foi, senhor Moutier?

O punhal malaio! Tiraram-no daqui! Quem seria? Esta agora! Vou tratar imediatamente de saber...

Quem sabe se não caiu? Veja no chão. Os pregos estão bem seguros?

Estão. E embaixo não vejo nada. Esta, está!

Bom, senhor Moutier, desculpe-me, mas tenho que ir...

Até breve, senhor Gambard. Justina! Justina!

É você, Hortênsia? Onde está Justina?

Lá para o fundo do jardim, com a senhora. E eu abeguei agora mesmo do mercado.

Sim? Mas... que é que você tem, Justina? Está com um ar esquisito...

Se lhe parece, senhor Moutier! Aconteceu uma coisa horrível. Aquela senhora do castelo, a velhinha, o senhor sabe...

Sei. E então?

Foi assassinada ontem á noite, por volta das nove horas, no jardim. O jardineiro ouviu um grito, acorreu, mas quando chegou, já a encontrou morta. Não se sabe quem a matou mas deve ter sido um verdadeiro monstro.

Imagine o senhor que a arma deixou no peito da pobre uma chaga do feitio de cruz. Mas... o senhor está ouvindo alguma coisa?

O PUNHAL MALAIO

Conto de
TRISTAN BERNARD

Nada. Foi essa notícia assim, de repente, que... Minha mulher sabe do caso?

Creio que não...

Não lhe conte nada, para não a impressionar também.

Depois, a senhora já está tão aborrecida... Não sei se faço bem em dizer ao senhor, mas... O senhor Carlos...

Meu filho? Que é que tem?

Não dormiu em casa esta noite. Mas o senhor... Que é que está sentindo, senhor Moutier?

Uma coisa, de vez em quando, não sei bem... Aqui, no peito, desde esta manhã... Não, desde ontem, desde ontem!

Seria melhor ir-se deitar um pouco.

Sim, talvez.

Eu o ajudo a subir a escada.

Deixe, não é preciso.

Mas o senhor não se tem em pé! Vamos... Assim... Muito bem. Sente-se nesta poltrona. E agora? Está melhor?

Bastante melhor...

O que lhe fez mal, acho eu, foi saber que o senhor Carlos tinha passado a noite fóra...

Qual! Já lhe disse que isto começou ontem.

Vou avisar a senhora.

Não, faça isso, espere!



Ah! Justamente aí vem ele. Minha senhora, o senhor Moutier não se está sentindo bem.

Qual o quê! Deixa-a falar! Vá para a cozinha, ande!

Minha senhora, eu contei que o senhor Carlos...

E quem lhe encomendou o sei-mão? Era melhor que se metesse com a sua vida, ouviu? Está bem, pode ir. Contou-te, então, que o Carlos...

Sim, mas não foi isso que... Desde ontem que fico assim, de vez em quando...

A mim, também o fato de ele ter dormido fóra não me parece nada grave... Naquela idade... Nada mais natural. Ha, porém, outras coisas. Tenho-lhe notado assim umas esquisitices, uns modos misteriosos que me assustam... Ainda agora, haverá dois ou tres minutos, entrou em pontas dos pés, com mil cautelas. Eu estava na saleta, arrumando umas coisas no vão da escada... Vi o Carlos aproximar-se da panóplia e pendurar qualquer objeto. Mas, meu Deus! Edmundo! Estás pálido como a cera!

Não foi nada. Aquilo aqui, no peito, que voltou... Não tem importancia. Depois eu falo com o médico. Vai lá para dentro. Prefiro ficar alguns minutos sózinho...

Que idéia! Deixar-te nesse estado?

Já vai passando. Um pouco de nervoso. E ver os outros aflitos á roda de mim ainda me fará pior. Vai, eu te peço...

Mas, Edmundo, realmente... Que é, Hortênsia? Que mais temos?

Quem falar com o senhor Moutier...

Agora não pode ser. Não vê como ele está?

E' o juiz, o doutor Mégnin...

Vou ver do que se trata.

Não, não, eu posso recebe-lo! Hortênsia, diga-lhe que tenha a bondade de subir. E tu, vai lá para dentro!

Edmundo! Isso é maneira de falar comigo?

Perdoa-me. Tem paciência... Mas deixa-nos sózinhos. Talvez o juiz precise de me fazer alguma pergunta confidencial e diante de ti pode ficar acanhado...

Confesso-te que não compreendo... Até me assustas! Queira entrar, senhor juiz. Com licença, até já.

Fui eu, doutor Mégnin, que lhe pedi para não assistir... á nossa conversa...

Já viu seu filho?

... Ainda não.

Mas soube do crime do castelo?

Sim.

Toda a cidade, num momento, ficou sabendo. E incrível como estas coisas se espalham depressa. Mas, então, seu filho não lhe disse coisa alguma?

Não.

Pois prestou-me, neste caso, um excelente serviço. Tínhamos jantado juntos e estávamos no teatro quando me vieram chamar... Mas que tem o senhor? Olha para mim, tão espantado...

Queira desculpar... Não sei se ouvi direito... As suas palavras estão me dançando na cabeça... Diz o senhor que meu filho passou a noite na sua companhia...

Sim, senhor. Estávamos no teatro, vieram me chamar e Carlos me acompanhou ao castelo. Ao ver a vítima, exclamou: "Este golpe foi dado com um punhal malaio! E meu pai tem uma arma destas na panóplia"... Veio buscar o punhal aqui, com toda a cautela, para não acordar ninguém da casa. E também não lhes queria dar uma notícia que de certo lhe tiraria o sono. Depois, deu-me os sinais de marinheiro que lhe vendera ao senhor, aquele punhal e que de certo trazia outros consigo. O homem acaba de ser preso e confessou tudo. Mas preciso ainda do seu depoimento, senhor Moutier. Ah, cá está o nosso Carlos! Acabo de contar á seu pai, Carlos... Per sinal que não está passando muito bem, este caro senhor Moutier...

Não, senhor, não é nada... Nervoso apenas. Peço-lhe perdão de chorar desta maneira. Nervoso...

Mas que é que tem, papai?

Nada, estou te dizendo... Abraça-me, beija-me, filhinho!

VENCEU O CAMPEÃO DA DEMOCRACIA!





MAIS de vinte milhões de eleitores, muito mais, reelegeram Franklin Delano Roosevelt ao cargo supremo dos Estados Unidos, no dia memorável de 7 do corrente. O que representou, para o mundo civilizado, esse acontecimento está sumamente enriquecido nos comentários feitos por toda a Imprensa, aos quais não será demais juntar os da REVISTA DA SEMANA, que desde a primeira hora se solidarizou aos princípios que a reeleição de Roosevelt representa.

A importância de que se revestiu esta terceira reeleição de Roosevelt está bem estereotipada na frase do ex-Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Sr. Oswaldo Aranha: — *Vitória maior que a da União da Europa.* — E' desnecessário dizer o que tem sido a política de Roosevelt quer no setor interno, onde desde que assumiu o poder enfrentou e venceu os problemas provenientes da crise mundial de 1929, que mais que em outro país qualquer repercutiu de forma catastrófica nos Estados Unidos, quer no terreno internacional tremendamente afetado por lutas de todas as espécies. A'quela crise se seguiu o desemprego de milhões de americanos, a quebra de fortunas e o rosário de misérias individuais e coletivas daí resultantes. A todos esses problemas Roosevelt enfrentou e venceu. O "New Deal" é uma vasta organização de técnicos especializados, colaborando ativamente com a sua política, permitindo, pelos investimentos de recursos públicos em obras de vulto, conjurar perigos e resolver problemas de magnitude enfrentada por qualquer chefe de governo. Na política internacional a obra deste homem extraordinário sempre se caracterizou pela visão objetiva e pelo prático que dava às soluções os complexos problemas que o após-guerra lhe legou. A clarividência da sua política é tão manifestamente acertada que basta lembrar os antecedentes da entrada na guerra dos Estados Unidos. Ainda não era apercebido pela maioria dos cidadãos dos Estados Unidos o quanto estava dependendo o destino do

povo americano da guerra que se alastrava nos campos de batalha europeus, quando Roosevelt pediu a conscrição de um grande exército para a defesa da América.

Ainda estão bastante vivos os lances dramáticos que teve de vencer afim de tornar vitoriosa esta medida preliminar para a grande luta que se avizinhava. A ilusão dos isolacionistas, que julgavam que a guerra que estava em curso nada tinha a ver com os Estados Unidos, foi despertada com a grande infâmia de Pearl Harbour em que material e vidas preciosas foram sacrificadas.

Ainda uma vez, nesse momento crucial da vida da grande nação americana, o seu grande timoneiro esteve à altura da pesada e árdua tarefa de pôr em movimento a grande engrenagem que representa a passagem do estado de paz para o de guerra. Mobilizando os inexgotáveis recursos em homens e materiais daquela grande nação começou a não menos difícil operação de distribuí-los pelas diversas frentes, de acordo com as necessidades estratégicas, enfrentando todos os problemas decorrentes destes gigantescos movimentos de substituição dos homens que eram essenciais às forças armadas pela população dessa forma mobilizada, e os problemas de logística que o envio de quantidades cada vez maiores de homens para combater em todas as frentes acarretava. Que ele estava senhor da situação que enfrentava, respondem de forma irretorquível os acontecimentos, que embora ainda recentes já pertencem à História e são a prova mais evidente de quanto pode um povo livre na defesa dos seus direitos e, mais que isso, em defesa da liberdade do mundo.

Na defesa de uma tese que é bastante cara aos Brasileiros e de cuja aplicação prática sentimos os benéficos efeitos, ainda uma vez mostrou compreender como nenhum outro o seu espírito de americano cem por cento. — a Política de Boa Vizinhança. Em seu próprio país, mais que em outro qualquer setor, teve que enfrentar críticas acerbas dos que não conseguiam compreender a necessidade de uma melhor aproximação

VÁRIAS E EXPRESSIVAS POSES DE FRANKLIN D. ROOSEVELT, BATIDAS EM DIVERSOS MOMENTOS DE SUA AGITADA CARREIRA POLÍTICA. FALANDO AOS MICROFONES DE QUATRO CENTENAS DE EMISSORAS, PARA OS QUATRO CANTOS DO MUNDO, ENFRENTANDO AS "CAMERAS" FOTOGRÁFICAS DE FISIONOMIA FECHADA MAS AMAVEL E, FINALMENTE, USANDO A SUA PITEIRA INSEPARÁVEL. SEMPRE DECIDIDO, SINCERO E ELOQUENTE. POR ISSO MESMO SEMPRE INTERPRETANDO OS ANSEIOS DA DEMOCRACIA.





Franklin D. Roosevelt
January 1943

"O PRESIDENTE", UM CRAYON DE S. J. GOLF AUTOGRAFADO POR FRANKLIN D. ROOSEVELT, POR OCASIÃO DE COMEMORAR O SEU 61.º ANIVERSÁRIO.

dos diversos povos da América latina com aquela grande República.

Ainda uma vez ficou comprovado o seu descortino político: a entrada dos Estados Unidos na guerra em situação de desprevenção estratégica facilitou aos Japoneses o contróle imediato de várias fontes de matérias primas indispensáveis à mobilização total dos Estados Unidos, rapidamente obviadas pela América latina, porque a política até então seguida por esse extraordinário Roosevelt tinha aplainado as desconfianças e receios que pudesse haver de parte dos povos latino-americanos. Esses fatos rapidamente lembrados, não tem em mira senão permitir que se conjecture a continuação dessa política que tantos benefícios trouxe aos povos da América dando um exemplo de quanto pode a cooperação de povos livres. E', em pequena escala, a amostra do mundo de após guerra, desde que os problemas da paz sejam convenientemente resolvidos.

Que esses problemas serão enfrentados com toda a segurança, assegura-nos a



UM PRECIOSA REMINISCENCIA FOTOGRÁFICA: INSTANTANEO FEITO NO DIA 17 DE MARÇO DE 1905, POR OCASIÃO DO ENLACE MATRIMONIAL DO ÁTUAL PRESIDENTE DOS EE. UU., QUE SE VÊ NA GRAVURA TENDO AO LADO A SRA. ELEANORE ROOSEVELT.

reeleição de Roosevelt. A folha de serviços prestados aos Estados Unidos e ao mundo por esse cidadão da América, é a melhor garantia da vitória dos princípios de liberdade e dignidade nas relações entre todos os povos do Universo.

E' uma página de grande civismo a que o povo americano em guerra escreveu no livro de ouro de sua História, processando as eleições em todos os pontos do mundo, sem que houvesse um incidente para empanar o brilho dessa vitória extraordinária.

Para os Brasileiros em geral, cuja simpatia pela candidatura Roosevelt é conhecida através de "ênquêtes" levadas a efeito por vários periódicos desta Capital, é, sem exagero, uma vitória que satisfaz plenamente como garantia da continuação da política de Boa Visinhança, e pela certeza de que na Conferência da Paz os princípios que os nossos filhos defendem nos campos de batalha da Europa, por um mundo melhor, uma Humanidade livre e digna, encontrarão em Roosevelt o seu grande paladino!

BOM, para lhe fazer a vontade — disse-me Tom Joe — aí vai a história da cobra, tal como o grande Mark Twain, em pessoa, m'a contou. Feche os olhos, imagine todo o possível espaço de imaginação e faça de conta que é ele mesmo que está contando.

Como talvez você não ignore que os Estados Unidos formam uma grande república federal. Quer dizer: todos os Estados gozam de perfeita independência. Cada um tem as suas próprias leis e os regulamentos que entende. Tal o sentido do termo federalismo. Por que? Não sei. Mas, ativo ou passivo, pouco importa. Não estamos aqui para discutir perfumaria. Basta sabermos, e eis o que verdadeiramente nos interessa, que em alguns Estados são permitidas as bebidas alcólicas e em outros rigorosamente proibidas. Assim, quando a gente mora na fronteira dum Estado sem bebidas com outro provido desse gênero de primeira necessidade, nada mais fácil do que resolver o importante problema. Basta para isso um passeiozinho quotidiano ou até várias vezes ao dia. Quando, porém, se mora longe... Nem queira saber quanto sofre um pobre mortal!

Ora, muito bem. Um belo dia, certo viajante, que não tivera o cuidado de tomar as necessárias informações, chegou a uma cidade sem saber que ela pertencia à parte menos civilizada da América do Norte. Não me lembro exatamente de que Estado se tratava, mas creio ser o Minnesota. Não! Espere! O Minnesota ou o Kentucky? Mas que importa o nome? Não estamos aqui para discutir... *nomismática*. Dirigiu-se o nosso viajante a um hotel, como, desde tempos imemoriais, é costume dos viajantes. E, naturalmente, foi pedindo, antes de mais nada, um bom copo de whisky. Mas imensa decepção lhe estava reservada. O hotelheiro olhou-o compungidamente, meneou a cabeça no sentido negativo, e respondeu:

— Tudo menos isso, meu senhor. Sinto muito, mas é absolutamente proibido. Nem álcool!

— Ora essa! exclamou repetidas vezes o pobre homem, que voltava a si do abalo de surpresa. — Mas que vai da minha vida? Em vez de matar o bicho, terei de esperar que ele me mate, a mim? Porque, preciso de especiali-



A COBRA

CONTO HUMORISTICO
DO ESCRITOR FRANCÊS
GABRIEL DE LAUTREC
Desenho de JOSÉ ANTONIO

zar este ponto: a cidade em questão ficava exatamente no centro do Estado; e, para se ir dali a uma terra mais civilizada, seria necessário percorrer cento e cinquenta milhas, isto é: cento e cinquenta a cavalo; a pé seriam, pelo menos, trezentas. Que situação, heim?

Desatou o nosso viajante a praguejar contra a legislação do Ohio — sim, agora me lembro: passava-se isto no Estado do Ohio! — a sapatear, a arrelhar-se em tal aflição que o hotelheiro, compadecido, resolveu fazer alguma coisa por ele:

— Escute... Só há um meio. Aqui o álcool é proibido como bebida, mas não como medicamento. Portanto, se o senhor fôr, por exemplo, mordido por uma cobra e obtiver o competente atestado, pode obter todo o álcool que quiser. Mas como remédio, bem entendido, como remédio!

O hóspede, cada vez mais desesperado, arrancou um punhado de cabelos:

— Mas onde vou eu arranjar isso? Sou de fora. Não conheço pessoa alguma nesta cidade... Nem pessoa nem cobra. Ninguém!

Resolvido a representar até ao fim o papel de Providência, o hotelheiro pôs-lhe a mão no ombro:

— Escute... O senhor vai fazer o seguinte: toma esta rua em frente de nós, está vendo? Chegado à primeira esquina, toma à direita e vai andando. Vai andando até chegar a uma praça. Nessa praça — está compreendendo bem? — há uma farmácia. E na farmácia há uma cobra. O senhor entra e pede ao farmacêutico para ser mordido pelo reptil. Custa-lhe isso meio dólar. Mas não é caro. Aí, o boticário passa-lhe um atestado; e com esse documento obterá o senhor, eu mesmo lhe fornecerei, a bebida que quiser. Compreendeu tudo, não?

O nosso homem agradeceu e, contente como um rei que acaba de se ver livre da maçada do trono, partiu na direção indicada. E o outro ficou esfregando as mãos, satisfeito, não só da boa ação que praticara mas também, e principalmente, do lucro que ia auferir...

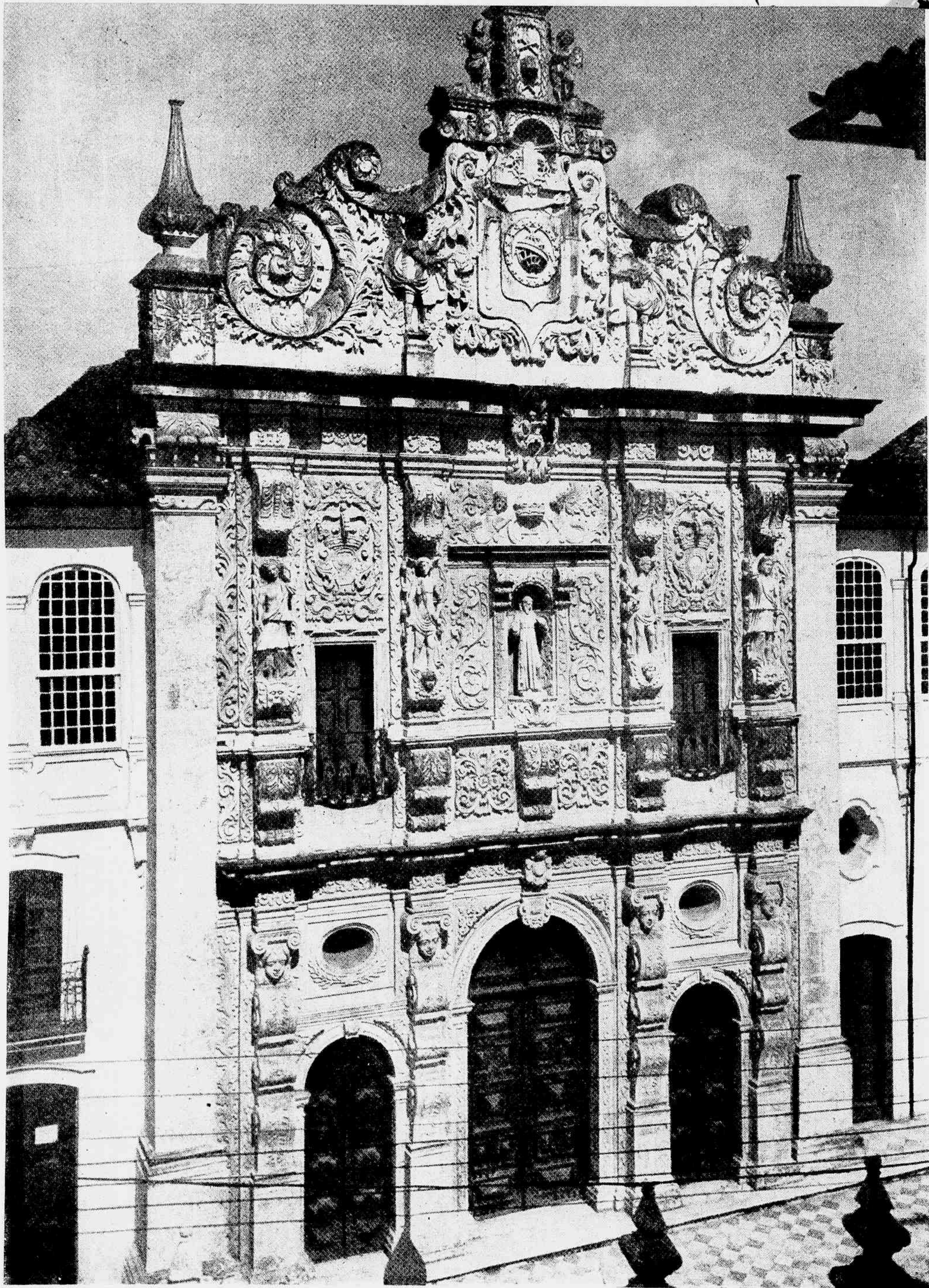
Dai a dez minutos, voltava o hóspede e, estranhando embora que ele houvesse arranjado as coisas tão depressa, disse-lhe o dono do hotel:

— Tudo pronto, não? Deixe ver o atestado.

— Qual atestado nem qual diabo! vociferou o outro. — Fiz o trajeto que o senhor me ensinou, cheguei à praça, quis entrar na farmácia...

— E então?

— Havia mais de dez mil pessoas à espera de serem mordidas pela cobra!



Não são trinta e seis, como se costume apregoar, as igrejas da capital da Bahia. São muito menos. Mas autênticos tesouros de arte, obras que imortalizam a cidade do Salvador e onde as peregrinações consomem horas e dias de paciente análise. A gravura mostra-nos um desses templos e justamente dos mais ricos em valor artístico: O da Ordem Terceira

COISAS DO
BRASIL

de São Francisco. Ali se encontram, desde a fachada, manifestações de requintado gosto artístico, imagens e altares, detalhes e minúcias que os leigos e os entendidos tem, por força, que admirar. Bahia do Senhor do Bonfim é, também, a Salvador dos muitos templos onde a fé arraigada de um povo bom e generoso se exalta e se conforta.

NOS BASTIDORES FEMININOS

De acordo com a promessa feita em crônica anterior, falemos hoje, minhas amigas, das mãos femininas. Quando elas não tenham a beleza de forma desejada, quando não sejam as decantadas mãos finas de alondras, aristocráticos ou intelectuais, ainda assim podem, com cuidado, tornar-se bonitas e de gestos preciosos. Dannunzio foi um fã das mãos, como o foi pelos perfumes e pelos olhos. Tinham, para ele, pulsação

espíritual de almas que se manifestava nos gestos. Mãos que falam... Corações que inflamam...

Para cuidá-las, deve-se fazer todas as noites uma massagem com limão, azeite e açúcar, sempre das pontas dos dedos para cima, depois polvilha-as com talco boratado. O verniz deve ser escolhido de acordo com a cor da pele.

Para as morenas, cores mais fortes, para as claras, tons mais leves. As mãos românticas, pálidas como marfim velho, ficarão mais atraentes com verniz rosa-velho. O modo de aplicar o verniz também deve obedecer ao formato das unhas. Sendo chatas e curtas, aplique o verniz em toda a unha, deixando-as crescer um pouco mais do normal para

mais longas parecerem. Se as unhas são longas como suas mãos, pode dar-se o luxo de deixar a luz e as pontinhas brancas. Siga estes pequenos conselhos, minha gentil amiga, e suas mãos hão de ter o misterioso encanto que tantos poetas inspirou. E o seu bem-amado há de admirá-las, como um reflexo poderoso e forte de você mesma. Não esqueça: Mãos que falam... Corações que inflamam...

MARY

CHILI WILLIAMS (RKO RADIO)



Modelos MARGUERITE CHAPMAN



ro s
gant
nest
miss
"sho
de
con
em
hor
jant
talh
em
e b
flor

argue
ina.
pma
de el
as cu
apro
Fri
tinta
ndo
entac
ou e
real
cial



ro sugestivos e graciosos modelos, todos posados pela ele-
 gante Marguerite Chapman, da Columbia, são oferecidos às leitoras
 desta revista. E na mediata há também outros figurinos, ainda de
 Miss Chapman. Vejamos, na gravura maior, à esquerda, o delicioso
 "Dinner Drama", que ela nos oferece. A blusa branca, em tecido bem leve,
 de mangas curtas, e calça de fustão também branco, formam um
 conjunto apropriado para o fim-de-semana em Miguel Pereira ou
 em Friburgo. Nas três pôses ao alto, três modelos para
 ocasiões distintas. O da esquerda, "Dinner Drama", é próprio para
 jantar no realçado por um casaco "três-quartos", de
 tamanho fantástico. O do centro, "Gingham", destina-se a ser vestido
 em reuniões íntimas. Feito também em tecido simples
 e realça pelo corte singelo. Grande laço na cintura. Uma
 flor no ombro direito. O modelo da direita, "White black",

destina-se a passeio ou a reuniões de noite, em duas peças de grande
 efeito. São do famoso figurinista Adrian todos esses modelos. Adrian
 foi, por muito tempo, o costureiro oficial da Metro, quando vestia
 as "estrêlas" mais célebres do tempo, inclusive Greta Garbo, Norma
 Shearer, Joan Crawford, etc. Mas as "estrêlas" passaram e Adrian
 continua pontificando em assuntos de elegância feminina. Aqui
 mesmo, no Rio, já apareceu certa vez um costureiro usando o
 mesmo nome. Não era, porém, o renomado figurinista de Holly-
 wood, que ali continua vestindo — e de que maneira! — artistas
 bonitas como Marguerite Chapman, agora muito em evidência. E
 quando elas aparecem nesses trajes, trocando de "toilettes" com
 tanta prodigalidade, é porque seus méritos, ou pelo menos a com-
 pensação de seus filmes, estão bem cotados no mercado cinemato-
 gráfico. Os modelos de Adrian ficam, assim, à inteira disposição
 das leitoras elegantes que porventura desejarem reproduzi-los.

Mostramos dois encantadores modelos de Adria, apresentados por Marguerite Chapman, da Columbia. O superior mostra-nos um vestido muito convidativo para o dia de verão, feito em tecido estampado, com "bolero" enfeitado da mesma fazenda na gola e nos punhos. O chapéu, de palha fina, tem escuro, coberto de um tenue véu. Na gravura inferior, outra "short", contrastando o preto do calção com o branco do blusa.



criminoso olhou em tor-
Ninguém o vira. Era
preciso arranjar um a'libi.,

A LIBI

Adaptação de um conto de
HEN HECHT

Lou Hendrix, contemplou, friamente, a mulher que fingia amar, durante os seis meses precedentes. Era um bom advogado, nada disse. Hendrix não se perturbava com mulhe- res. Ouvia, sem comentários, o que ela dizia, e, toda a vez que Car- men sugeria um "lâbelo" de porce- la, Hendrix, para jogá-lo ao chão, só fazia, de o tomava, com a mesma facilidade e colocava, novamente, no seu bolso. Que ela gritasse, ao ser despedida, não importava, pensava ele, era compreensível. Mas nada justificava a dedicação que fazia se ele a deixasse. Isso, naturalmente, contribuía para intensificar o ódio que ela, naquele momento, sentia. Hendrix, apesar de não se perturbava. Afinal de con- ta, aquilo não era novidade para ele. Já tantas vezes tinha tomado parte em representações, com outras protagonistas, mas era sempre a mesma coisa. Depois de um certo tempo, ela se can- sa de gritar, enfiar, soluçando, no sofá, sem mais uma palavra verificaria se já não havia perigo de que ela fizesse uma loucura que já passara a vontade de acabar tudo o que ele lhe deu — uma verdade que ela mais tarde haveria de se arrepender. Vendo-a tranquila, sei- la, com mais uma palavra, e, no dia se- guinte, enviar-lhe-ia, como despedida, um lindo presente. E estaria encerrado, esse episódio da sua vida.

Depois Hendrix refletia sobre o presente que lhe haveria de mandar. Como prosseguia nos seus protestos. Eram as mesmas palavras. Hendrix ad- mitia-se. Porque as mulheres sempre procedem da mesma maneira, porque, na hora da despedida, todas alegam um defeito que não existiu de ma- neira alguma, uma camaradagem que também ele nunca tinha tido ocasião de observar? A mulher protestava. Aliás, era interessante, por outro lado, des- cobrir a atração que fazia com que as mulheres de toda e qualquer mulher, com Lou Hendrix assim dolorosas e pouco corais. Não havia razão aparente. Cria-me ou não, Lou nada tinha do herói cinematográfico. Era, muito pelo contrário, de baixa estatura, feições re- gulares porém insignificantes. Nada de efeito, pele, havia que, aos olhos de um outro homem, pudesse justificar uma paixão.

Carmen Browne, dançarina no El- bano Club, sabia bem disso. Era uma mulher profunda dos homens, com uma sempre lidara, desde muito jo- vem, de quem sempre levava a melhor. Quando a Lou Hendrix, ouvira as palavras dele, que incluíam uma on- tusa oferta de casamento no futuro pró- prio, e aceitar os seus presentes, com- parando a si mesma que seria a esposa de um homemzinho com- mo de tolo. Porém, agora verificava que o homenzinho era mais esperto que imaginava. Andara alguns tempos ao lado dela, e cansado, sem dúvida, dos seusamentos, e querendo distrair-se, outra, ele inventara uns ciúmes ridículos, por causa de um tal Eddie, o que ela nunca mais vira, ou, pelo menos, a que não mais permitiria uma intimidade.

Carmen, de pé, no meio do salão, ouvindo os ouvidos de mercador de Lou, que nunca houvera nada entre ela e ele.

Isso você diz para se defender, re- spondeu ele, com aquela falta de entusi- smo que tornava a cena de ciúmes ri- dícula e inenunciável revelando claramente o aspecto de pretexto.

Mas eu estou lhe dizendo que nunca mais dei confiança a ele. Você pode perguntar a quem quiser!

— Já perguntei...

E que responderam?

Que você andava com ele de novo

— E' mentira! Com certeza foi uma das- aquelas gatas invejosas lá do club, não é? Você acredita no que elas dizem?

— Em quem quer você que eu acredite? Em você, com certeza, a principal in- teressada em negar tudo?

— Mas, Lou...

— Carmen, é preciso repetir que tudo está acabado?

Houve uma pausa. De repente, Car- men explodiu:

— Eu sei!

— Sabe o que?

— Que você está cansado de mim e quer ver-se livre! Por isso inventou toda essa história de ciúmes!

Ora essa era precisamente a verda- de e Lou, como todo o advogado que se preza guardou, diante da verdade um prudente silêncio.

— Descobri, não foi?



Tarde demais ela descobrira a verda- deira alma daquele homenzinho que lhe parecera tão inofensivo. E ao vê-lo, agora, à sua frente, de pé, todo composto sem demonstrar a menor hesitação, uma fúria se apoderou dela. Vingar-se-ia. Diria, àquele homem, toda a verdade, o que ninguém gosta de ouvir!

— Pois bem, você pensa que está me abandonando porque se cansou de mim, não é? Pois engana-se! Pensando acusar sem razão, você descobriu a ver- dade. Eu estou, de fato apaixonada por Eddie e estava planejando casar-me com você para assegurar uma posição na sociedade e depois enganar-lo com Eddie... Porque você é rico, mas é feio e é desprezível. E Eddie é jovem e belo! Belo! Beleza que você não tem, com toda essa sua habilidade. Então você pensa que eu me ia casar com você por amor? Pensa que toda mulher que lhe deu confiança foi por amor? Onde está o seu espelho, Lou? Onde está a sua in- teligência? E esqueceu o seu dinheiro?

Lou ouvia ainda em silêncio o que a mulher dizia. Já não estava entediado. Ouvia, agora, com atenção. Seria possí- vel que nos seus planos inteligentes, mas suas vitórias habilmente ganhas ele tivesse sido o ludibriado?

Carmen ria:

Como ele é vaidoso pensa que é atracente. Pensa que alguma mulher haveria de querer... isso!

Lou ouvia, com atenção agora, mas ainda em silêncio.

Que é que você está olhando para mim? Não gostou, não? Esse homem. Ou perdeu a língua? Ah, foi a revelação de sua imbecilidade que pôs-lo ficar sem fala, hein?

Ela se aproximara ao falar. Estava bem perto dele. Lou sentiu o perfume forte que ela usava estontendo.

Sentia a proximidade daquela mulher e ouvia ainda as palavras dela: Imbecil! Tinha ainda na mão uma estatueta de bronze que lhe arrebatara. De repente, uma onda quente de sangue subiu-lhe à cabeça: sentiu que os olhos se turvavam sentiu que faltava o chão nos seus pés. E ouviu, no meio de tudo isso, mais uma vez, a exclamação de Carmen: Imbecil!

Eugênio, sempre enganado, ele que se acreditava o mais inteligente dos advogados que julgava que nunca po- deria ser enganado!

A voz irritante da mulher, que se to- nara mais aguda e estridente na cabeça, poderia fazê-lo perder a cabeça.

Fez um movimento brusco. Na confu- são, viu a estatueta, viu o olhar aterro- rizado de Carmen, e, depois, não viu mais nada.

No chão, numa poça de sangue, jazia a bailarina...

Pouco a pouco, voltou-lhe a facul- dade de raciocínio. Era preciso cautela, muita cautela, em primeiro lugar...

Carmen Browne jazia morta no chão. Hendrix não perdeu tempo pensando no aspecto sentimental do caso. Pensava nas leis, no tribunal, na polícia. Ma- taram-na. Podia alegar legítima defesa? Não; legítima defesa não era viável. Depressa, com a rapidez com que ele se acostumara a raciocinar, Hendrix pen- sava no caso de legítima defesa. Imaginava o júri, o juiz. E imaginava a si mesmo, alegando legítima defesa. E chegava à conclusão de que, caso alegasse isso, seria condenado.

Desde muito moço, Hendrix se habi- tuara a lidar com criminosos e crimes, a ouvir histórias de arrepiar os cabelos de alguém mais sensível, pois os criminosos, invariavelmente, tinham confi- ança nele e sabiam que, se ele aceitasse o caso, haveria de fazer com que fossem absolvidos. Era muito simples o seu método. Não importava a culpa real do criminoso, uma vez que, por um processo de prestidigitação ele conseguisse fazer com o júri acredi- tasse que o acusado era ino- cente. Encerrava o crime como um acidente e com a frieza de um cirurgião. Era preciso extir- par a culpa incômoda e incon- veniente. E, para isso, ele não poupava esforços. Vencia sem- pre. Era preciso, agora, aplicar seu método ao seu próprio caso...

Olhou, mais uma vez, para o cadáver que jazia nos seus pés.

Parada, morta, estava Car- men.

Uma estranha comoção apoderou-se de Lou Hen- drix. Como um crítico dra-

mático que, por muitos anos, criticou peças escritas por outros e que é chamado subitamente ao palco para representar, ele sentia aquela sensação de desam- paro que deveria experimentar o ator improvisado diante do público, com a luz ofuscante da ribalta nos olhos.

Desse momento em diante, não era mais Lou Hendrix que estava ali. Eram dois homens e um deles somente, era Lou. O outro era o cliente nervoso, com o co- ração batendo, e a consciência de ter morto pela primeira vez, um ser humano. Lou era o advogado. Frio, impossível

(continua na pag. 36)



...rines deixaram de dizer horrores de outras línguas também viperinas, unicamente pelo fato de serem colegas... Arredios figurões de microfone, cujos desmedidos "cruazes" não lhes permitiam se aproximarem, sequer, para um aperto de mãos, hoje não só trocam impressões, pontos de vista, mas até incluem nessas tertúlias meros inferiores, guiados por eles a condições de seres pensantes... E que delicioso é ouvir, a cada instante, das bocas que usaram invariavelmente a primeira pessoa do singular, delicadezas dessa espécie: — Então, até amanhã, no clube... Em *nosso* clube...

Pacificaram-se, humanisam-se, portanto, as tribus da grande nação radiofônica. Muito embora não justificando na íntegra a frase feita do Pacheco, no fundo há de defender alguma coisa: — os interesses dos vários ramos profissionais. Por-se-ão mais amigos e também mais capazes de lutar pela vida, reivindicando os benefícios a que se julguem com direito. Mas, não resulte daí a formação de uma mentalidade de desprezo ainda mais acentuada pela paciência dos outros, porque o exemplo das donas de casa em combate à carência frutifica! Uma associação de ouvintes desgostosa, será pior do que sogra e corretor de ações de sociedade anônima em incorporação...
E o rádio endireita logo, ou os clubes, sindicatos e demais sociedades da gente bertziana terão de se transformar de apreciáveis gremios sociais em órgãos de resistência. E eu nessa altura não darei um centil pela possibilidade de êxito da associação dos atores de rádio-novelas...

alô.. alô..

Continuam abertas na PRA-2 do Ministério da Educação as inscrições do concurso de rádio-artistas para escolha dos elementos que integrarão o elenco do Rádio-Teatro da Mocidade, certame que vem despertando o maior interesse no meio estudantil. Conforme já publicamos, o concurso se destina a amadores dos cursos primários, secundários e superior.

Celestino Silveira está cumprindo um plano de reelaboração original dentro do seu velho "Cine-Rádio-Jornal", agora transmitido ao microfone da PRE-3, a nova Rádio "O Globo". Ainda a semana passada o conhecido jornalista e broadcaster entrevistou Odilon Azevedo de maneira brilhante, focalizando suas atividades de autor e ator.

Pedro Vargas, ao microfone da Tupi, renova o prazer das audições de melodias mexicanas. Sempre musicalmente correto e interessante.

A última conquista de PRE-3: — Lídia de Alencar, a festejada cantora paulista que tem obtido o maior sucesso em temporadas realizadas noutras emissoras. Estreará, também, com as novas instalações da "O Globo".

Dez mil cruzeiros custarão à Nacional os contratos de "4 meses e um coringa". Efetivamente, os rapazes merecem.

DJALMA MACIEL

de Radio

Associação temerosa

Agora, sim — está completo o quadro das instituições de defesa e incentivo ao rádio. Passados muitos anos de displicência, durante os quais cada um procurou, da melhor maneira possível, puxar a brasa à respectiva sardinha, um sopro de consciência coletiva, de união, de princípios, sucedeu a passeio geral e eis que surgem de cambulhada, umas sobre as outras, associações de todos os ramos profissionais da radiofonia. Um clube de locutores, uma associação de radialistas; um departamento de críticos. E, segundo dizem, já estão em andamento preparativos de organização dois sindicatos e outros tantos órgãos de caráter civil, recreativo e social. Há quem estranhe a coisa. Muito natural, entretanto. Simples reflexo desse admirável fenômeno do despertar das massas, numa época em que o egoísmo fez beneça róta com a desmoralização completa das doutrinas políticas de opressão, de maldade e de falsa superioridade de castas. Pacheco espetaria o furabolos no ar para dizer que a "união faz a força"... Mas não é propriamente isto só o que sucede. Os homens de todos os mistérios hoje se capacitam das vantagens do companheirismo e afinal se entregam ao doce esporte de não colecionar invejas e rancores, derimindo os próprios conflitos com a consciência dos direitos recíprocos.

O espírito de camaradagem, tão recomendável nos dias que correm, vai, assim, de vento em pópa, nas ondas radiofônicas, ou para ser mais exato — nas ondas radialistas. Línguas vipe-

ZEZÉ FONSECA ESTÁ FAZENDO FALTA. OS "FANS" ANDAM SAUDOSOS, MAS ESTÁ PARA BREVE O REAPARECIMENTO DA "ESTRELA" QUE AGORA PERTENCE À PRE-3, RÁDIO GLOBO. ELA SERÁ A HEROINA DE "O PASSADO NÃO VOLTA", A ÚLTIMA NOVELA DE AMARAL GURGEL.





O PROFESSOR DR. RICARDO PEREIRA, EDUCADOR BAIANO, COM O SEU PRIMOGÊNITO PAULO VIRGÍLIO. — À ESQUERDA, D. IRVINICE PEREIRA, ESPOSA DO PROFESSOR RICARDO PEREIRA E MÃE DE PAULO VIRGÍLIO, EM UM FLAGRANTE OBTIDO NO JARDIM DE SUA RESIDÊNCIA.

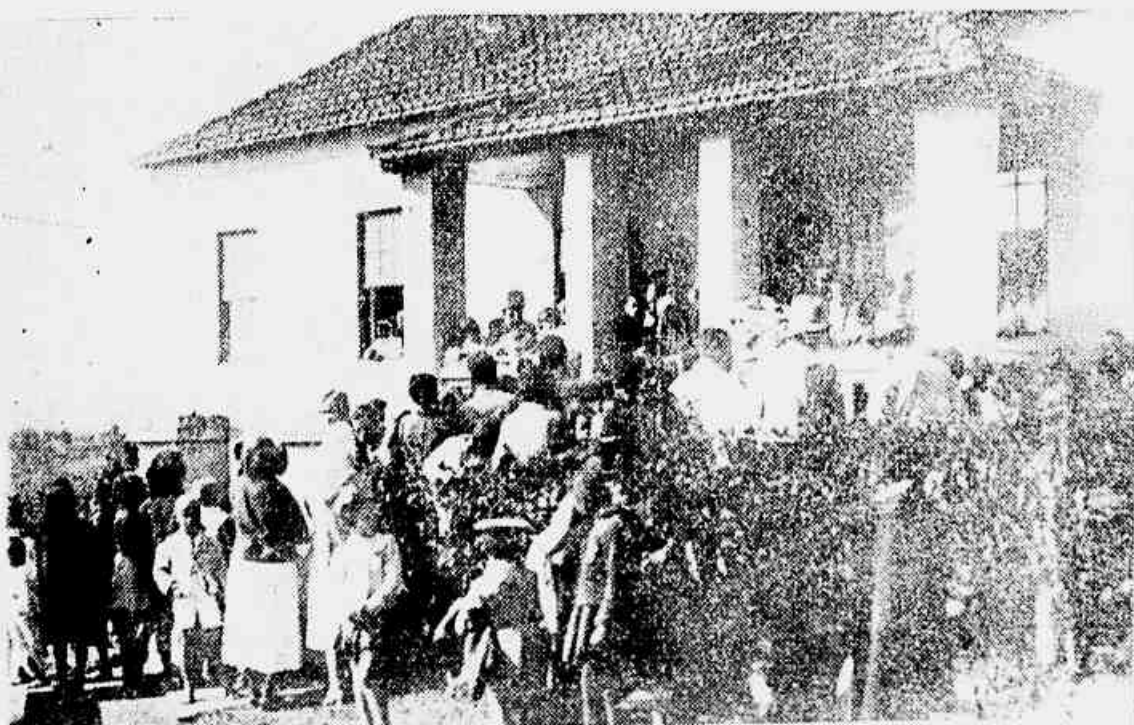
FIGURAS E FATOS



A GRAVURA ACIMA APRESENTA A TURMA DE ENFERMEIRAS RECEM-FORMADA NA ESCOLA ANA NERI, QUE TEVE COMO PARANINHO O DR. JOUBERT BARBOSA. O INSTANTANEO FOI OBTIDO ESPECIALMENTE PARA A REVISTA DA SEMANA, VENDO-SE O GRUPO DAS NOVAS DIPLOMADAS, CUJOS SERVIÇOS HUMANITÁRIOS SÃO DA MAIS ALTA VALIA, TANTO MAIS NA HORA EXCEPCIONAL QUE ATRAVESSAMOS.



NO CONSISTÓRIO DA GLÓRIA. — FLAGRANTE APANHADO NO CONSISTÓRIO DA IRMANDADE DA GLÓRIA DO OUTEIRO, POR OCASIÃO DA VISITA DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS, REALISADA ULTIMAMENTE.



DE RIO PARDO (*Estado Rio G. Sul*) — TRES INSTANTANEOS OBTIDOS NA CIDADE GAUCHA DE RIO PARDO. À ESQUERDA, O SR. ERNESTO DORNELES, INTERVENIENTE FEDERAL DO RIO G. DO SUL, VISITANDO O ASILO DA CONFERENCIA DA SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO — AO CENTRO, DISTRIBUIÇÃO DE COBERTORES E GÊNEROS ALIMENTÍCIOS AOS POBRES DO MUNICÍPIO. — À DIREITA, FESTA DE 10.º ANIVERSÁRIO DO ASILO DA CONFERENCIA DA SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO, VENDO-SE AO CENTRO O PRESIDENTE SR. PASQUAL REINA.

SEMANA DE HISTORIA

ADVERTENCIA necessaria, de immediata e de resalva. Não se estranhe desde logo que *Semana de História* se esquite a cronologia rigida.

Autores de outrora e de nota, não poucas vezes, apelavam para "a intelligencia do leitor".

Facilmente ella descobrirá no caso porque *Semana de Historia* mais atende à successão setenária de dias que à longa série descendente dos anos.

Aliás a cronologia não escapa indene às modificações, diga o subtrair constante de idades femininas e mesmo masculinas. Neste comenos não nos acode exemplo mais frisante. "A intelligencia do leitor encontrará de pronto outros exemplos e afirmará a utilidade da cronologia não movediça.

A palavra cronologia já mostra antiguidade, formada por duas raizes gregas e tais raizes como que conferem nobreza linguistica, bem oposta aos plebeismos idiomáticos, expressivos, pitorescos, mas de condição rasteira.

Gregos e romanos, estes tão copiadores daqueles, deram figura ao Tempo. Imaginaram-o velho, puzeram-lhe duas azas, armaram-o de foice, entregaram-lhe ampulheta. As azas significavam rapidez, a foice dizia poder destrutivo, a ampulheta o incessante correr dos anos, verdadeiros grãos de areia ao ser considerada a eternidade.

Alguns grãos de areia estão em *Semana de Historia*.

SEGUNDA-FEIRA 1.º DE MAIO DE 1865

(Assinatura do Tratado da Triplíce Aliança)

Maio, mez caro à Argentina, logo em primeiro dia, reuniu em Buenos Aires tres plenipotenciarios, Francisco Otaviano, Rufino de Elizalde e Carlos de Castro.

Em nome do Brasil, da Argentina e do Uruguai subscreveram tratado.

Firmava este, entre tres nações sul-americanas, aliança offensiva e defensiva contra nação do mesmo continente, o Paraguai, ao guante de Solano Lopez, o Brasil provocado primeiro à luta.

O tratado de 1865 principiava por declaração generosa, a do triplíce respeito à independência do Paraguai, as potencias aliadas não podendo incorporar terras paraguaias aos respectivos territorios. Isto não se vê muito na História.

A 7 de Maio ancorava no Rio de Janeiro o vapor *Imperatriz*, tendo por passageiro o secretario da missão Otaviano no Prata. Trazia-nos o tratado de 1.º de Maio, a confiar à chancelaria, para por algum tempo ter sigilo diplomatico e governamental.

Sendo Polichinelo amigo de toda a gente, os segredos dele são logo publicos. Do Prata indo à Europa, do Prata vindos ao Rio de Janeiro, quanto ao tratado de 1.º de Maio, os famosos segredos tinham antecedido na capital do Imperio a ancoragem do *Imperatriz*, alguém de Buenos-Aires havendo comunicado novas a negociante no Rio. Ninguém desconhece o valor terrivel do de boca em boca, ao de ouvido a ouvido.

TERÇA-FEIRA 1.º DE MARÇO DE 1870

(Fim de Semana)

Em segunda-feira 1.º de Maio de 1865, o Brasil, a Argentina, o Uruguai tinham se comprometido a levantar armas para abater as de Solano Lopez, figura historica bifronte, algum tempo no bem, bastante outro no mal.

Quasi cinco anos, dia por dia, após o tratado subscrito em Buenos Aires, da cena do mundo desaparecia Lopez em ultimo papel tragico, movida então contra ele a campanha das Cordilheiras confiada ao conde d'Eu.

Perseguido de perto, procurando a Bolivia, o ditador sucumbiu em Aquidaban antes de alcançar o paiz cuja aliança desejava no principio da guerra.

Um brinde do ministro boliviano em Buenos-Aires lhe desvanecera esperanças, brinde aquele num banquete dado por Otaviano.

Aquidaban foi ação isolada de forças nossas. No *Diário do Exercito*, Taunay dá noticia de como foi recebida pelo Conde d'Eu a noticia da morte de Lopez.

De Aquidaban o brigadeiro Camara comunicara o acontecimento, num officio a lapis, dirigido ao marechal Vitorino Monteiro. Onde hoje tão singular officio?

Recebeu-o o conde d'Eu quando a bordo de vapor subindo rio. Trouxe o papel assinalado o capitão de cavalaria Pedro Rodrigues, desembarcando de vapor a descer rio, com nossa bandeira drapejando à proa, a norte-americana ao vento de popa.

Em breve, sorpreso, o conde d'Eu, "com voz como-vida", lia aos companheiros de viagem o officio da Camara. E ninguém reparou no seu a lapis.

QUARTA-FEIRA 25 DE MARÇO DE 1825

(Juramento da Constituição do Imperio)

Desde 1815 reino unido a Portugal, o Brasil em 1822 deixou de ser florão de corôa portuguesa: A voz de D. João VI transmigrado declarando levantal-a do seio de imperio que vinha crear na America, teve resposta na voz do filho e no brado do Ipiranga.

Mal Imperio, o primeiro cuidado do Brasil foi o de ter Constituição, modo de afirmar-se nação livre. Para tanto reuniu-se Constituinte, por má sina de trabalhos legislativos nati-mortos.

Coube a incumbencia elaboradora a comissão de dez membros. Não parecendo tal, a comissão escreveu depressa mais do que falou, aproveitando serviço começado. A 25 de Março de 1825, o Rio de Janeiro presenciou o espetaculo do juramento da Constituição primeira do Brasil.

Tal juramento o prestaram, no Senado da Camara, o imperador, a imperatriz, o bispo diocesano e muitas personagens de varias classes no meio de grande entusiasmo do povo. Para este abriu-se registro nos dias subsequentes à cerimonia, o juramento também prestado nas edilidades do paiz e até em legações nossas no estrangeiro.

Na ultima de mão do projeto de Constituição, nos Senados da Camara, tinham ficado livros especiais para quaesquer observações de qualquer, declarando-se



A PRINCEZA D. ISABEL SANCIONADORA DA LEI AUREA

(RIO DE JANEIRO 1846 — EU 1921)

Pedro "disposto a aceitar as emendas e correções que parecessem uteis ou necessarias." Nem parecia ter conhecido monarquia absoluta.

QUINTA-FEIRA 28 DE JANEIRO DE 1808

(Abertura dos Portos do Brasil)

No diuturno periodo colonial de dominação portuguesa, os portos do Brasil poder-se-iam dizer trancados a sete chaves como se diz do hermeticamente fechado.

Esquadra ou navio chegados a portos do Brasil tinham de dizer de onde vinham, porque vinham, para que vinham e para onde iam. As invasões em parte explicavam as medidas suspicazes, não só de Portugal.

Nação ou individuo negam-se a dar o seu ao alheio. Isto em qualquer tempo.

Sem disposições para prisioneiro de Napoleão, capturador até de Papa, o Príncipe Regente traspassou o Atlantico e veio conhecer o Brasil no seu norte como sucedera a Cabral ao mar de longo para a India.

Sem aceder a pedidos da Bahia, esperancada de ver nela de sede mais do que o seu antigo vice-reinado, o Principe Regente navegou para o Rio de Janeiro e seu porto, não sem abrir os demais portos do Brasil, Silva Lisboa tão de lembrança na medida para gloria dele que ainda não encontrou bronze.

Ficaram os portos brasileiros, pelo ato de 28 de Janeiro, franqueados ao comercio das nações amigas. Este plural, pelo menos em relação à Europa dominada ainda por Napoleão, parece que podia ser reduzido a um singular, a Inglaterra.

SEXTA-FEIRA 13 DE MAIO DE 1880

(Creação da Imprensa Régia)

A imprensa no Brasil data do Principe Regente, apenas chegado ao Rio de Janeiro, em Março de 1808, vindo nos desenfaiar de colonia.

Nosso primeiro jornal, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, começou com inteiro cunho official, a criação de nossa imprensa periodica devida ao ato de 13 de Maio de 1808 subscrito pelo conde de Linhares, esclarecido Ministro do atilado Principe Rejente.

Principiamos a imprimir com material tipografico vindo de Lisboa.

A Imprensa ou Impressão Régia de primeiro abrigo no pavimento terreo de casa habitada pelo ministro conde da Barca, defronte do frondifero Passeio Publico.

Casa propria obteve a Impressão Régia ao mudar-se do Passeio para a rua então dos Barbones e hoje Evaristo da Veiga, nome tão de imprensa.

Esta, aos poucos, foi adquirindo alma, isto é, liberdade, razão de viver do homem. Primeiro Reinado, Regencia, Segundo Reinado conheceriam imprensa às soltas.

Da Impressão Regia, em pateo do Arquivo Nacional, ficou lembrança visivel quando a uma diretoria da repartição, a Sociedade Propagadora das Belas Artes ofereceu o tanque onde eram lavados os tipos da Impressão Régia de primeiro tétó á nossa imprensa balbuciente.

SABADO 7 DE SETEMBRO DE 1822

(Proclamação da Independencia do Brasil)

Nas memorias brasileiras estão ou devem estar gravados os sucessos da Independencia de cena capital no Ipiranga; os acontecimentos historicos magnos não dispensando pintura para fixal-os ante posteridade.

David, que votou a morte do bondoso Luís XVI, glorificaria Bonaparte, o autoritario Bonaparte. Representou-o vencendo os ingremes dos Alpes para descer à Italia e nela abrir campanha que lhe daria Marengo. Na tela de David, o Primeiro Consul atravessa o São Bernardo alpino, calmo sobre empinado e fegoso cavalo.

De acordo com a verdade, quado de Delaroche, mostra Bonaparte, de passagem pelos Alpes, montado em mula mansa e obedecendo a um guia.

Em quadro de Pedro Americo o brado do Ipiranga reveste teatralidade, D. Pedro marcial, a cavalo, quando em possante besta gateada vencera a serra do Cubatão o principe em centro de sequito militar de espadas nuas como se já fossem à batalha.

Quadro de Francisco Moreaux figura a entrada pacifica de D. Pedro em São Paulo, logo após o grito separador do Ipiranga onde tinham ficado laços distintivos, de côres portuguesas, uns no pó, outros rasgados. Triunfo do verde e amarelo sobre o azul e branco.

DOMINGO 13 DE MAIO DE 1888

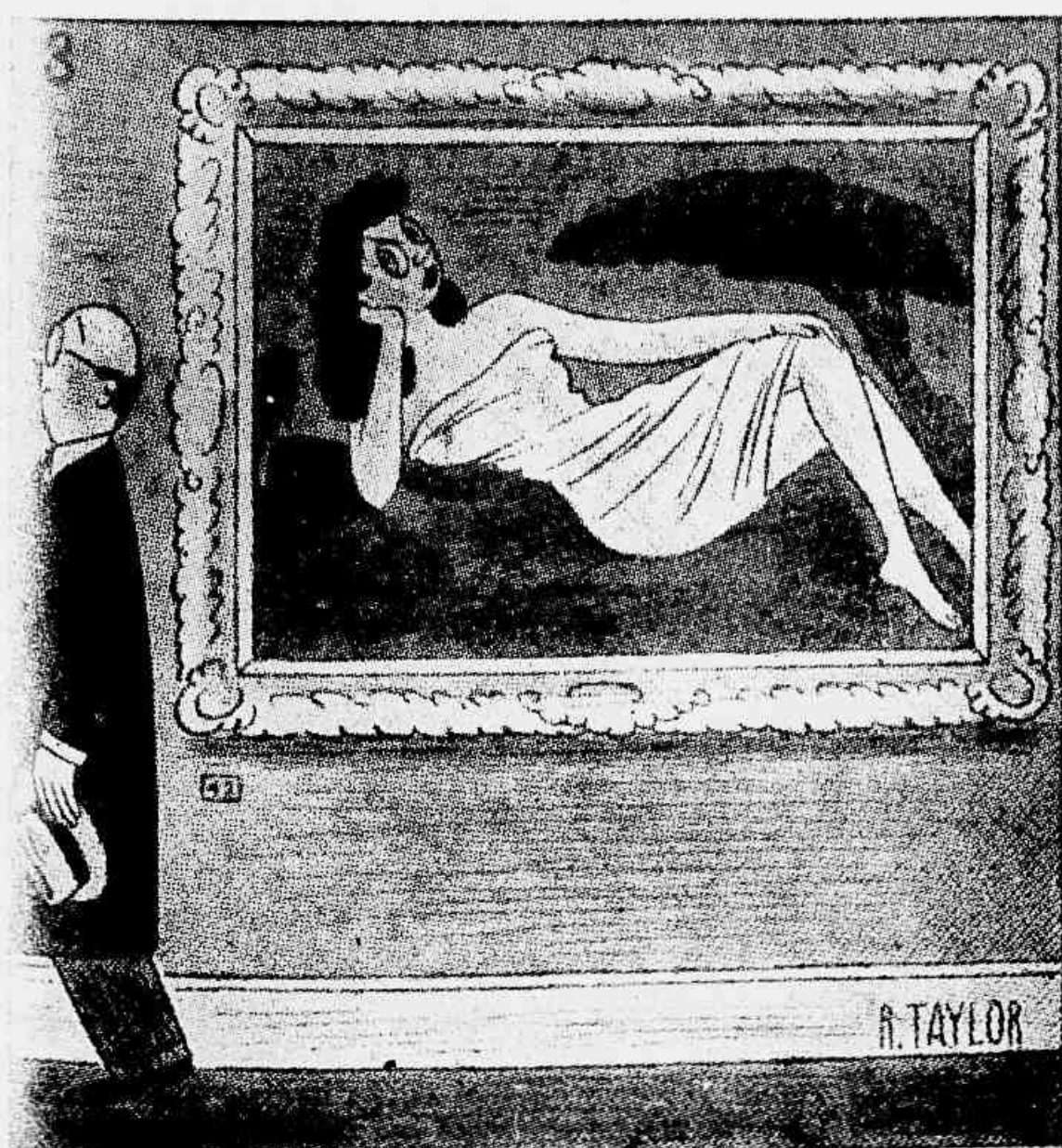
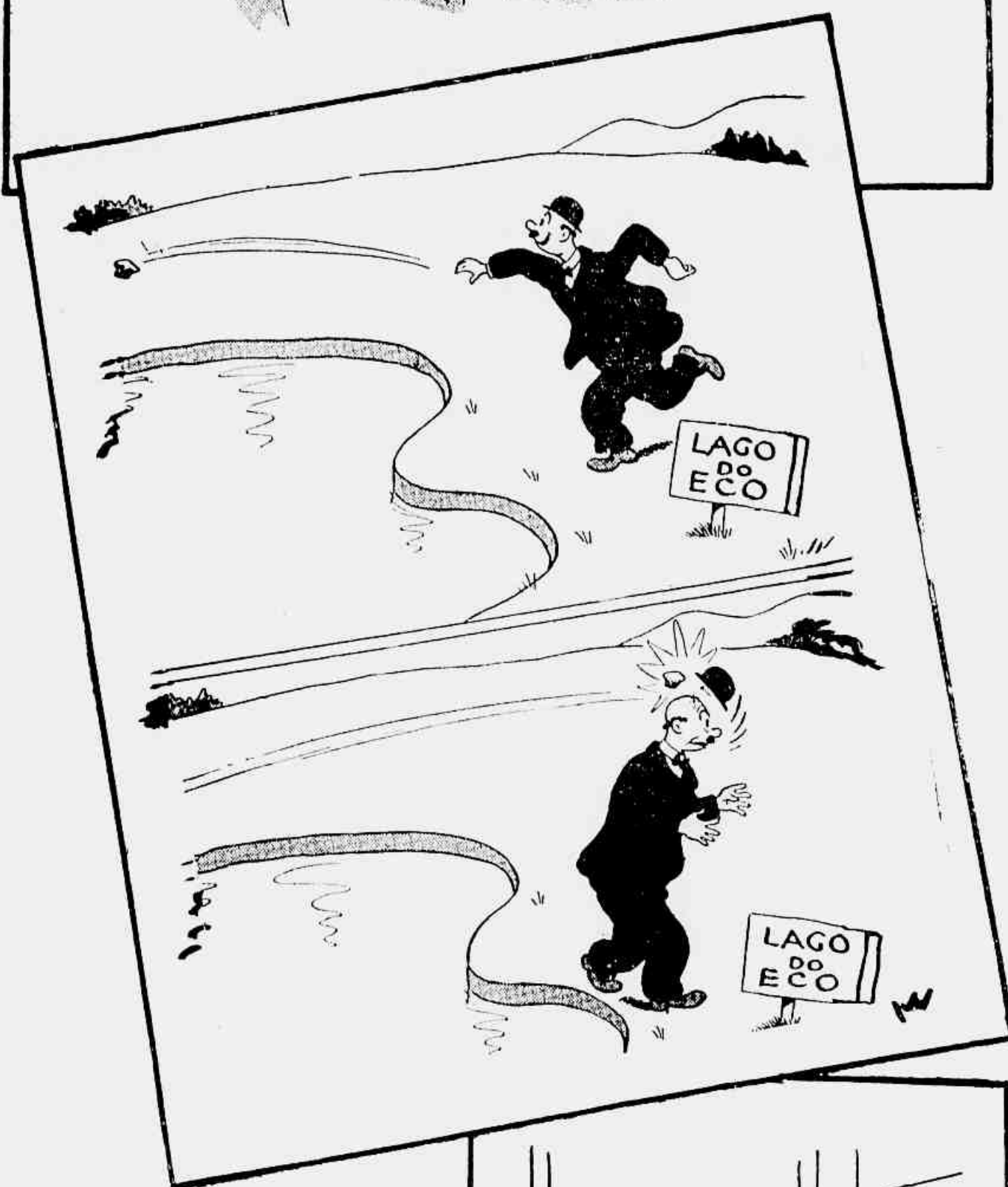
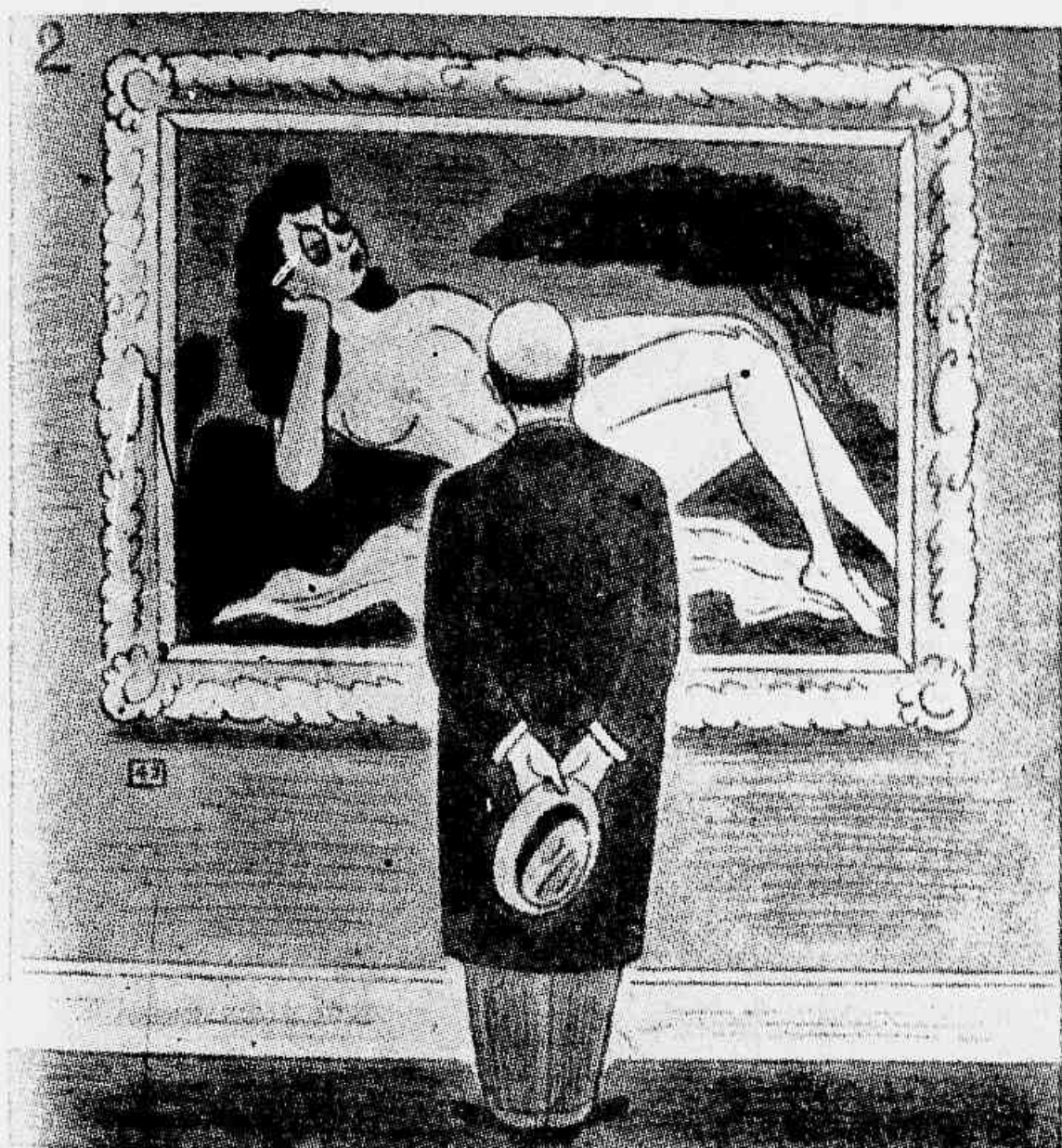
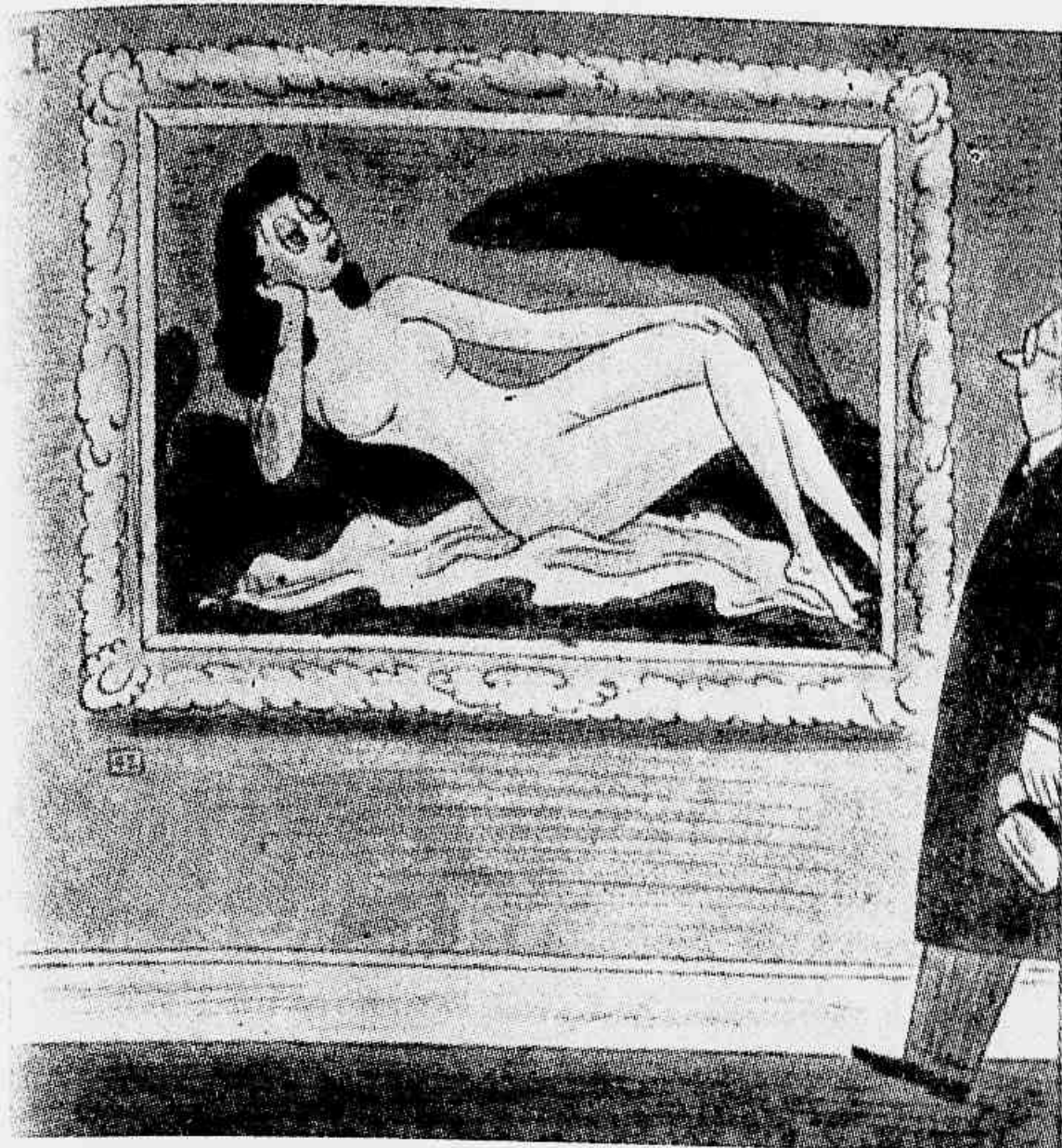
(Abolição total da escravidão negra no Brasil)

A extinção do elemento servil comportou primeira providencia em 1850, a repressão do trafico, segunda em 1871, a libertação dos nascituros, terceira em 1885 a alforria dos escravos sexagenarios, quarta em 1888, a Lei Aurea.

A providencia inicial estancadora de fonte negreira, datava do primeiro gabinete Olinda, tendo Euzebio de Queiroz por ministro da Justiça. A segunda providencia provinha do ministerio Rio Branco, providencia consubstanciada em lei referendada pelo ministro de Agricultura Teodoro Machado. A terceira providencia, para extinção gradual da escravidão, foi lei com a referencia de Antonio Prado, ministro da Agricultura do ministerio Cotegipe. Finalmente a quarta e ultima providencia proveio ao ministerio João Alfredo, nele Rodrigo Silva ministro da Agricultura.

A 13 de Maio de 1888 os dois ministros da Agricultura referendadores das leis libertadoras de 1871 e 1885 figuravam ainda no parlamento, Antonio Prado no Senado, onde também Rodrigo Silva. O feliz referendador da Lei Aurea, Teodoro Machado, em 1888, representava Pernambuco na Camara dos Deputados, nela mandatario da provincia em 1871 e então colega de distrito eleitoral e de ministerio de João Alfredo, o presidente do conselho de 1888, quando por terceira vez regente do Imperio a princeza D. Izabel. Exilada em 1889, mostrou fervoroso empenho do transporte para a Europa da mesa sobre a qual subscrevera a Lei Aurea caligrafada a primor por Leopoldo Heck.

ESCRAGNOLLE DORIA



DE
BOM
HUMOR





— “Nada, nem ninguém me perturba a ponto de alterar os meus hábitos” — declarou Maria Montez a um reporter que a foi ouvir sobre seus usos e costumes pessoais. Nem mesmo quando seu marido, o “astro” Jean Pierre Aumont, teve de ausentar-se de casa, para cumprir seus deveres militares nos campos de batalha, ela deixou de levantar-se imprevisivelmente às cinco e meia da manhã, para deitar-se, haja o que houver, às vinte e três horas. Quando tem filmagens noturnas, faz acompanhar-se dos apetrechos necessários para dormir seja onde fôr. — “Nada menos de seis horas requer um corpo de descanso, mas nada mais de sete” — ela acrescenta. Sua primeira refeição é substancial, nutritiva e nada tem de dieta. Ela come o que entende e quando entende, mas jamais sentiu qualquer alteração de peso que a prejudicasse. Faz exercício com halteres, entrega-se aos prazeres da natação por espaço de meia-hora, na piscina do estúdio ou de sua residência em Beverly Hills, e não prescinde de quinze ou vinte minutos de repouso, após o almoço, às treze horas em ponto. — “Cuido do meu físico, não por vaidade — costuma dizer — mas porque repousa nele a base da minha profissão. Se eu adoecer terei a minha carreira interrompida, e parece-me muito cedo para que tal coisa aconteça”. Poucos sabem o nome verdadeiro de Maria Montez. Ela chama-se, realmente, Maria Gracia, nasceu em Santo Domingo, na República Dominicana, no ano de 1918. Tem, portanto, vinte e seis anos. Seu maior desejo é viajar à Europa em companhia do marido, para conhecer a pátria onde êle nasceu.



A PRIMEIRA REFEIÇÃO — SEM COGITAÇÕES DE DIETA, PROCURANDO SABOREAR AS GULOSIMAS DE SUA PREDILEÇÃO, A “ESTRELA” SERVE-SE À VONTADE. DOCES E MANTEIGA (QUANDO HOA...) E DELICIOSOS QUEIJOS, OVOS COM “BACON” E A IMPRESCINDÍVEL TAÇA DE CAFÉ-COM-LEITE, MUITO À BRASILEIRA. COM ELA É ASSIM. NADA DE INFUSÃO DE CAFÉ COM CREMES!

MESMO COM RACIONAMENTO... — PARA OS IDOLOS DA TELA, SEMPRE EXISTE ALGUMA GASOLINA. O CARRO TRABALHA POUCO, MAS TRABALHA. ELA MESMA O DIRIGE, DE CASA, EM BEVERLY HILLS, PARA OS ESTÚDIOS. JÁ VAI EM TRAJE DE FILMAGEM, QUER DIZER QUASE SEMPRE MISS MONTEZ FILMA NESSAS ROUPAS, MUITO MAIS DESPIDA DO QUE A MAIORIA DE SUAS ILUSTRES COLEGAS...

AS “ESTRELAS” VIVEM ASSIM

UMA BOA ANEDOTA... — RIR FAZ BEM, SO’ NÃO RIEM OS IRRACIONAIS. A ESPOSA DE JEAN PIERRE AUMONT COMEÇA O DIA DE TRABALHO CONTANDO OU OUVINDO A “ULTIMA”, EM GRUPO DE OPERÁRIOS DO ESTÚDIO OU DE ARTISTAS QUE SE DELICIAM COM A SUA COMPANHIA. NADA COMO CINCO MINUTOS DE AGRADEVEL PROSA ANTES DE ENFRENTAR A “CAMERA” E AS RANZINZICES DO DIRETOR!

E’ ASSIM QUE ELA DORME! — UM MODO PECULIAR DE MARIA MONTEZ ADORMECER, MESMO NOS LIGEIROS INTERVALOS DE TRABALHO, É ESSE QUE MOSTRA A GRAVURA. “DESDE CRIANCINHA ESTOU HABITUADA E NÃO SEI DORMIR DE OUTRO JEITO” — ELA COSTUMA DIZER. MAS NINGUEM ACREDITA. ELA DEVE PREFERIR ESSA ATITUDE SO’ QUANDO TOMA BANHO DE SOL. DO CONTRÁRIO — CASSAVA...



ALIBI

(Continuação da pag. 29)

ouvira a história do seu cliente e tentava descobrir, para ele, uma maneira de ver-se livre da acusação que, dentro

em breve lhe fariam. Não era a primeira vez que Lou fazia isso. Portanto, foi se acalmando aos poucos e o raciocínio começou a trabalhar. Conseguiu, com um grande esforço, separar, completamente, a personalidade do advogado da do cliente.

Sentou-se numa poltrona, acendeu um cigarro e pôs-se a refletir.

No chão, aos seus pés, quebrado na luta, estava um relógio de parede. O relógio marcava quatro e dois minutos. A's quatro horas e dois minutos, jogado ao chão, o relógio se quebrara e parara. Lou olhou para o relógio de pulso de Carmen. Este também parara e a hora era exatamente a mesma. As três horas e trinta começara a discussão. As quatro

horas e dois minutos Carmen fora assassinada.

De súbito, um plano ocorreu ao criminoso. Poderia adiantar os ponteiros, poderia marcar, no relógio, cinco horas e depois sair cuidadosamente, e arranjar um alibi entre quatro e quinze e seis horas, por exemplo.

De repente, no silêncio do apartamento, o telefone começou a tocar. Lou não esperava uma telefonada. Como sair dessa dificuldade? Lembrou-se, porém, de uma coisa, com alegria. Carmen atendera, no princípio da discussão ao telefone. Era o sócio de Lou e ele ordenara que ela o informasse que Lou não estava lá. Logo, havia uma testemunha de que, pouco mais ou menos às quinze para as quatro, ele não estava no apartamento, segundo palavras da própria vítima.

É a dificuldade que se apresentava. Se Carmen morrera as cinco horas, pouco mais ou menos, como ele queria fazer acreditar, porque, as quatro e dez, não respondia ao telefone?

O telefone continuava a tocar insistente. Se ela não respondesse àquela hora, ainda antes das cinco, outras pessoas poderiam telefonar. Seria prova cabal de que não estava vivo entre as quatro e as cinco, e, admitindo-se a hipótese de estar vivo mas não atender ao telefone, isso prejudicaria todo o seu alibi pois iria sugerir exatamente que ele estava lá ou que houvera um adiantamento dos ponteiros do relógio.

Havia, ademais, a possibilidade de que algum dos vizinhos houvesse ouvido os gritos de Carmen, na discussão e isso marcaria a hora do crime como sendo muito mais cedo.

Enquanto o telefone tocava insistente, o cérebro de Lou Hendrix trabalhava.

Uma vez que um alibi, estabelecendo que ele, entre quatro e pouco e cinco horas não estivera no apartamento de Carmen, só serviria para atrapalhar-lhe ainda mais o caso, era preciso arranjar um alibi para a hora precedente: provar que, entre três e quatro estivera em outra parte. Isso era difícil, pois era um alibi para trás, para uma hora antes. E já eram quatro e quinze. Havia impressões digitais de Carmen nos objetos quebrados, pela sala. E era preciso que elas desaparecessem. Não era lógico que, atacada por um ladrão, ela começasse a atirar todos os objetos de arte que possuía em cima dele. Esse fato de atirar objetos de arte sugeria muito fortemente uma briga entre Lou e ela. Lou começou, pois, a limpar, cuidadosamente, as impressões e, enquanto refletia que a ausência das impressões de criminosos naqueles objetos (pois, se não fora Carmen quem os quebrara, devia ter sido ele) não seria considerada estranha, pois, os romances policiais já se tinham encarregado de popularizar tanto as impressões digitais que poucos criminosos se deixavam pegar por elas.

A arma do crime jazia no chão, perto de Carmen. E foi ela que Lou limpou com mais cuidado. As outras impressões dele que houvesse na sala não tinham a mínima importância. Todos sabiam que ele visitava Carmen muito frequentemente. E a ausência de qualquer impressão sua, ao contrário, é que seria notada.

Lou já estava perto da porta, quando ocorreu-lhe um plano. Como arranjar um motivo para o crime? Um ladrão era coisa pouco provável. Para que não um pretendente desprezado? Lou, com cuidado, rasgou a sua própria fotografia, que estava sobre a mesa, para dar mais verossimilhança à hipótese.

Depois, tomando o casaco e o chapéu e calçando as luvas, saiu, silenciosamente fechando a porta atrás de si.

Não havia ninguém no corredor.

Agora estava à mercê do acaso. Uma porta que se abrisse, um dos vizinhos que resolvesse sair aquela hora e ele estaria perdido. Olhou para todos os lados porém. Parecia que ninguém estava perto. Cautelosamente, avançou, parando perto do elevador.

Era seu costume subir sempre as escadas em vez de tomar o elevador. Afinal de contas, eram simplesmente três andares... A entrada não encontrara ninguém. O porteiro estava no seu cubículo, donde não podia vê-lo e o elevador estava subindo. Logo, o assessorista não o percebera.

Se conseguisse repetir a proeza, estaria salvo. O portão estava no cubículo lendo um jornal. Não o viu — O elevador estava subindo... Lou atravessou o vestibulo, tentando reprimir o ins-

Os dentes estão sujeitos a continuo desgaste

DURANTE TÔDA A VIDA

EMBORA sejam uma parte da estrutura óssea do corpo, suas células não são substituíveis. Os dentes, pois, devem ser examinados periodicamente e os necessários reparos feitos prontamente. Visite seu dentista todo semestre. Certifique-se de que a sua dieta contém as vitaminas e os minerais adequados, bem como os alimentos sólidos que exercitam os dentes e as gengivas.

...e faça questão de que o seu dentifrício seja puro e seguro!

Use o

Creme Dental SQUIBB

Primeiro, você gostará do seu delicioso sabor! E da sensação de admirável frescor que produz na boca! O mais importante, porém, é que o Creme Dental Squibb limpa com perfeita segurança — não contém substâncias ásperas nem adstringentes que prejudiquem o esmalte ou as gengivas. Lembre-se de que ele é feito por uma casa que vem fornecendo produtos de qualidade às classes odontológica e médica desde 1858. Experimente um tubo hoje.

..... PROCURE O SÊLO DA CASA
SQUIBB... PORQUE SQUIBB É UM
NOME EM QUE SE PODE CONFIAR



tinto que queria forçá-lo a correr, a correr mais o depressa possível daquele lugar.

Sabia bem como era fatal a oportunidade: Uma pessoa que ia entrando por um lado, uma pessoa que ia saindo por outro... Viu o juri reunido e a testemunha depondo:

— Vou sair do edifício. Parecia muito nervoso.

— É o promotor, mais do que depressa: — A que horas? A que horas?

— É tudo uma questão de tempo. Um alibi de tempo... Se ele passasse despercebido e conseguisse atar a o alibi de que necessitava...

O tempo passava rapidamente e era preciso encontrar o alibi. Desceu a rua, pensativo e, ao mesmo tempo, atento para verificar se, por acaso, algum conhecido o teria observado... Ninguém... Com um suspiro de alívio, Lou viu, à sua frente, a porta gigantesca de um cinema. Esta era a sua alibi.

Passou cinco minutos na fila, esperando sua vez para comprar a entrada. Cinco minutos de tortura, tentando descobrir se alguém reparara nele. Cinco minutos durante os quais um olhar sem significação e sem curiosidade de um transeunte bastava para que seu coração começasse a dar saltos. Seria algum conhecido de quem não se lembrava? Era tolice tentar esconder o rosto na capa e puxar para a frente o chapéu. Isso só contribuiria para atrair mais atenção.

Felizmente entrou no cinema, no meio de um grupo de gente. O rapaz que lhe tomou o bilhete, nem o olhou.

— Queria falar com o gerente... — O "vagalume", temendo alguma reclamação, perguntou: — Alguma coisa?

— Não, perdi umas luvas e queria deixar o meu endereço e a descrição delas para que m'as devolvam, caso forem achadas...

— Ah!... Pois não...

O gerente atendeu-o com amabilidade.

— Em que posso servi-lo?

— Creio que perdi as minhas luvas... Durante o espetáculo secho que deixei-as cair, mas não as consegui encontrar, agora, à saída. Estava tão interessado na fita que nem reparei que tinham caído do meu colo...

O gerente imediatamente pediu-lhe que as descrevesse. Ele encheu uma fórmula para objetos perdidos colocando a hora: quatro e trinta. Ao vê-lo marcar a hora, Lou exclamou:

— Já são quatro e meia?! Mas, então, o filme deve ter sido mais longo que de costume? Estou aqui desde as duas horas...

— E, de fato esse filme leva duas horas e meia...

— Bem, mas, de qualquer maneira, valeu a pena. Um bom filme...

— Ótimo...

O próximo movimento foi uma manobra com que a sutileza de Lou contava para impressionar favoravelmente os jurados.

Sendo do cinema, dirigiu-se a um restaurante onde era conhecido, e perguntou ao rapaz da portaria, as horas.

— Queria aceitar o meu relógio...

— Pois não. Quatro e cinquenta...

— Obrigada. Posso usar o telefone?

— Claro, sim, senhor.

Lou discou para o escritório. Seu sócio o atendeu.

— Alguma novidade?

— Não. Lawrence Adams está procurando você para decidir aquele caso que você aceitou...

— Já a ele que eu passo aí hoje, à noite.

— Está bem... Escute: que é que há com Carmen?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não sei.

— Não sabe?

Lou exultou. Chegara a oportunidade que esperava!

— Carmen? Porque?

— Eu falei para lá, para perguntar se você estava, e ela respondeu com máus modos!

— Claro! Eu não vou mais lá, entendem? Brigamos! Aquela mulhetinha não presta para nada!

— Erro crasso, exclamaria o observador inatento.

— Muito bem jogado, retrucaria Lou.

— Claro. Já estava vendo o caso no juri. O promotor, truculento, levantar-se-ia, e começaria:

— E que disse ele pelo telefone?

O sócio:

— Disse que estava tudo acabado entre ele e Carmen!

E o promotor, rapidamente, aproveitando-se disso:

— Veem, senhores? Já fica provado, segundo o próprio réu confessa, que brigara com Carmen!

E, mais do que depressa, Lou via o advogado tirar partido daquilo:

— Peço permissão para protestar! O promotor, surpreso, concordaria:

— Pois não.

— O meu distinto colega, começaria o advogado, parece ter esquecido que o meu cliente é advogado. Mais do que

isso: um advogado cuja habilidade e sangue frio são famosos. Como quer o meu distinto colega acusar meu cliente de ter confessado um crime para o crime, poucos minutos depois de tê-lo cometido? Não sabe que ele é um advogado dos mais hábeis? Como, então, iria ele cometer o erro que desmerece? Confessando que brigou com Carmen, no mesmo dia do crime, e fazendo essa confissão num lugar onde podia ser ouvido, sabendo que seu sócio repetiria o testemunho no juri, ele deu mais uma prova de sua inocência!

(Continua na pag. 45)

Com ESMALTE LALAUQUE
suas unhas brilham
como joias!

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa natural
- ★ Rosa rubra
- ★ Rosa coral
- ★ Rosa antigo
- ★ Cardinal
- ★ Ruby
- ★ Cyclamen
- ★ Grenat



ESMALTE
Lalauque

Protege e embeleza as unhas!
É fácil de aplicar e muito duradouro.

À VENDA
EM TODO O BRASIL

P.F

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE? por Augusto Rodrigues

-TOPO UM
BEM GOSTOSO!



Não! Você não come o dentífrico. Portanto, não o escolhe como bom-bom. Ao sabor precisa reunir-se o poder de proteger seus dentes. Isso está em Lever SR.

-TOPO UM
BEM BARATINHO!



Não! Só "pão duro" pode assim. E V. dará milhões para evitar a perda dos dentes, mantendo suas gengivas rosadas e saudáveis. Para isto fica-lhe mais barato usar Lever SR.

-TOPO
QUALQUER UM!



Não! Dentífrico não é bilhete de loteria. Para ganhar na certa um sorriso lindo e sadio, não vá no escuro — peça pelo nome o super-dentífrico Lever SR.



-Eu
uso
Lever
S.R.

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

Que dentífrico! Nada o supera. Tem tudo que você exige — é gostoso, refrescante, econômico. E, ainda mais, tem Sódio Ricinoleato, o famoso elemento que dá saúde às gengivas, assegurando a vida dos dentes. Por isso é que Lever SR mantém dentes *brancos... mantém os dentes!*

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

LINTAS SR 107-0100



Alívio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc. Se V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríases — as mais obstinadas e rebeldes moléstias da pele. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas obstinados, psoríases, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

Livros

OS RATOS, romance de Dionélio Machado — Porto Alegre, 1944.



Romance curioso. Não diremos original, porque é preciso cuidado com essa palavra. Originalidade, perfeição, eis dois vocabulários perigosos. Tem significação absoluta. Não deixam margem alguma para se discutir, se argumentar. E ninguém pode estar certo, ao assumir tal compromisso, de o honrar até ao fim ou de imediatamente se não arrepender.

Digamos, pois, que o romance do sr. Dionélio Machado dá uma impressão de estranheza, à qual se alia um efeito deveras cativante. É alguma coisa que desejariamos condenar, mas a qual, ao mesmo tempo, exerce no nosso espírito uma espécie de sedução. E por muito que as primeiras páginas se nos afigurem avessas à nossa emotividade ou ao nosso critério, a verdade — pelo menos a verdade de quem alinhava estes períodos — é que vamos irresistivelmente e, se nos não interromperem, duma assentada, até à última linha.

Tornou-se famosa, na época, a novela de Jean Richepin *En moins du temps qu'il ne faut pour l'écrire*. Batizadas com ligeiras variantes desse título, se fizeram comédias, crônicas, paródias, músicas, pantomimas. O romance do sr. Dionélio Machado trouxe-nos à idéia tal novela, porque tudo ali sucede em espaço de tempo muitíssimo aquém do estritamente necessário ao autor para encher, até à máquina, as laudas que o comporiam. O livro vai a duzentas e trinta páginas; e a acção dura vinte e quatro horas. De que se trata em tão longo texto? De tal maneira os episódios se multiplicaram e emaranharam, tão importantes e graves coisas aconteceram, que a narrativa exigiu análises, explicações, toda sorte de pormenores e delongas? Não, senhores. Trata-se de caso bem singelo; e, embora não aconteça todos os dias a qualquer de nós, apropriadamente o qualificariam de corriqueiro. Um chefe de família — esposa e filho criança — acorda certa manhã, com os gritos do leiteiro que, cansado de vender a crédito, ameaça de suspender a entrega: "Lhe dou mais um dia!" Naziazeno, o protagonista trata de arranjar a quantia. São cinquenta e tantos mil réis. Naziazeno dá voltas pela cidade sofrendo revêzes sobre revezes. Já depois de anitcer, encontra dois camaradas, mestres em penhores, promissórias, "cavações". Com eles, e um terceiro especialista, conhecido de última hora, padece ainda algumas decepções. Finalmente, consegue a soma providencial. Vai para casa, estafado. Quer dormir, mas só consegue uma espécie de meia vigília, com fenômenos exagerados de visão e ouvido. E um pesadelo atroz o possue: os ratos assaltaram o dinheiro destinado ao fornecedor do leite; estão roendo as cédulas, roendo, roendo... Passa uma noite de horror e de martírio. De manhã cedo ouve realmente o fornecedor que, depois de despejar o leite na vasilha doméstica, se retira a passos calmos, como dantes. E adormece enfim.

Está claro que, para esticar tal historietta até às dimensões do seu romance, o sr. Dionélio Machado se perdeu em divagações; gloriou-se pormenores em variantes e repetições; procurou efeitos de estribilho; e de verdadeiras insignificâncias — insignificâncias diríamos nós — fez capítulos inteiros. Mas o seu talento e a sua arte nos fazem prosseguir fielmente na leitura, sem repelir, sem evitar coisa alguma. É uma proeza de imaginação e de técnica. Um *tour de force* literário, dos mais singulares e bem sucedidos.

PEQUENA ANTOLOGIA DA MODERNA POESIA BRASILEIRA, selecionada e prefaciada por José Osório de Oliveira — Lisboa, 1944.

Trata-se duma edição da secção brasileira do Secretariado Nacional de Propaganda, de Lisboa, departamento esse cuja designação foi recentemente mudada para Secretaria de Informação e de Cultura Popular. A execução gráfica é simplesmente primorosa; e o livro, compreendido o prefácio, abrange cento e uma páginas.

O sr. José Osório de Oliveira, que esteve há alguns anos neste país e, quer antes quer depois disso, se tem frequente e solícitamente ocupado das letras brasileiras, explica no seu antelôquio:

"Não é esta uma antologia crítica nem completa, como a que estão organizando o brasileiro Ribeiro Couto e o português Adolfo Casais Monteiro. Não se apresenta, sobretudo, como uma colecção das melhores poesias — nem daquelas que são melhores para o nosso gosto pessoal. Pouco mais pretende ser do que uma amostra de algumas poesias representativas pelo valor ou expressivas pelo carácter, quer moderno quer especificamente brasileiro."

Estão aqui reunidos cento e tres trabalhos e os nomes que os assinam são, pela ordem alfabética, como é de boa prudência, dando-se com poetas: Adalgisa Nery, Ana de Queiroz Carneiro de Mendonça Ascenso Ferreira, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Fernando Guimarães, Emílio Moura, Felipe d'Oliveira, Francisco Karam, Gilka Machado, Guilherme de Almeida, Ivan Ribeiro, Jorge de Lima, Julieta Bárbara, Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Murillo Araújo, Murilo Mendes, Oneyda Alvarenga, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Ribeiro Couto, Rodrigues de Abreu, Rossine Camargo Guarnieri, Tasso da Silveira, Vinicius de Moraes. Algumas destas obras nos parecem realmente dignas dum florilégio do género. Citemos, à cautela também, *Sol os teus olhos sem lágrimas*, dum poeta falecido, Eduardo Guimarães:

Ah! não dirás por certo
que não te amei, que não sofri
— Foi-me a tua alma assim: no um salão deserto
onde uma noite me perdi.

Um ramo de violetas jencia
em cada movel amortado pelo pó,
a purpura das cortinas, rubra estremecia
presa a cada janela. Eu hesitava, só.

— E era meu coração, por ti quasi ferido,
a duvida infantil que o emudecera já,
um velho piano adormecido
que ninguém mais acordará.

QUANDO VEM BAIXANDO O CREPUSCULO, versos de Olegário Marianno, da Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1944.

Neste caso, o crepúsculo deve ser mais rápido do que em qualquer latitude, e ainda além de rápido, imaginário. O poeta atravessou simplesmente uma destas crises em que os da sua requintada, melindrosíssima emotividade se consideram, dum momento para o outro, atingidos pela amargura e a desilusão da velhice. Tudo poesia! Na realidade, o seu talento e o seu sentimento estão ainda a enorme distância do ocaso; e até se diria



Uma simples evacuação não eliminara a causa. Neste caso, as Pímulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



O Marido Adora-a...

★ A beleza dessa dentadura resplendente... e o encanto desse sorriso gracioso... cativaram o coração dêle! Qual o segredo?! O uso diário de Kolynos Concentrado de Triple Ação. Kolynos, o Crème Dental que limpa, refresca e embeleza.

Use-o com Confiança



Loção DISCRETA CONTRA CASPA

Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

SEU TRICOT

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

Casaco

Talhe — 42-44.

Material — 6 meadas de lã branca muito grossa; agulhas n.º 4½. Um fecho éclair.

Pontos empregados — "Canelones" de 2 p. direita, 2 avesso que não se contrariam nas fileiras seguintes. Estes "canelones" são bordados conforme a explicação.

Execução da frente (lado direito) sobre 28 pontos se tecem os dois primeiros o direito em todas as carreiras (guarda da frente) e os demais em "canelones", aumentando 1 p. do lado contrário da guarda, cada 4 carreiras. A medida que se vai tendo esses aumentos se vão formando novos "canelones".

Ao chegar a 64 carreiras tecidas se arremata a cava; 1 vez 5 p., 1 vez 3 p. e 3x1. Do outro lado, ou seja da guarda (2 p. à direita) se começa a tomar juntos os dois seguintes à guarda, até que no total fiquem só 16 p. que se arrematam em direção à cava, em duas vezes de oito cada vez.

A frente (esquerda) é a mesma coisa, mas em sentido inverso.

As costas — Com 54 p. e aumentando 1 de cada lado cada 4 carreiras, até chegar à cava em que se arremata de 1 vez 3 p. de cada lado 2x1 de cada lado, continuando até o ombro, fora os 16 p. de fazer o ombro; os do meio se tecem em S. clara por 4 carreiras e se arrematam os ombros, para logo arrematar os restantes do meio.

A manga — Cada uma com 40 p., em canelón, e se aumenta um p. de cada lado, cada 4 carreiras até ter 48 carreiras. Se arrematam 4 p. de cada lado, e logo cada 4 carreiras os 2 últimos, até ter 16 p. que se arremata.

Antes de costurar os lados, deve-se fazer o bordado. Para isso com uma agulha grossa, e uma lã com sêda, cor preta, tomam-se os canelones (do direito) juntos e se ajustam bem às pontas.



Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO



Proxima a libertação total da Noruega

WASHINGTON — NOVEMBRO (*Inter-Americana*) — Há quatro anos sob o domínio opressor do nazismo os noruegueses sentiram agora revigorarem-se em suas esperanças de liberdade com a noticia de que os exércitos russos, sob o comando do general Meretskov, cruzaram a fronteira fino-norueguesa e ocuparam o porto de Kirkenes, importante base aérea e de submarinos alemães, além de 40 outras localidades, dando início à fase propriamente dita da libertação da Noruega.

A Noruega é um país montanhoso que ocupa a orla ocidental e setentrional da península escandinava. Mede 1.100 milhas de sudoeste a nordeste. Seu ponto mais largo, ao sul, mede 260 milhas. Num ponto no centro, tem 5 milhas de largura. A superfície total é de 124.964 milhas quadradas.

A Noruega é constituída principalmente de montanhas, que caem abruptamente sobre o mar, e a maior parte da costa consiste de penhascos, que formam centenas de fjords.

Ao largo do continente, há cerca de 150.000 ilhas, conhecidas como Skagard.

O único trecho plano da costa norueguesa é a faixa de cerca de 100 quilômetros ao sul de Stavanger. Essa região é perigosa para a navegação, em virtude dos bancos de areia.

Com exceção desse trecho ao sul de Stavanger, toda a costa é protegida por numerosas ilhas, formando um canal seguro para a navegação de pequena cabotagem. Os barcos podem ir de Stavanger ao Cabo Norte

sem ter de cruzar mais do que uma ou duas vezes o mar alto.

Uma consequência dessa configuração física da costa norueguesa é que os desembarques pelo mar só podem ser feitos em alguns portos.

Os principais portos noruegueses são Oslo, Stavanger, Bergen, Trondheim, Narvik e Tromsø. Os ingleses em 1940 desembarcaram nos pequenos portos pesqueiros

Numeros atrasados desta Revista no Acre

PEDIR A

Diogenes Oliveira

RIO BRANCO

Aguardem

a grande edição do
"ALMANAQUE EU
SEI TUDO" para
1945 á venda nos
primeiros dias de
Dezembro proximo
COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Maranguape, 15 - Rio

Não! VOCÊ NÃO É UM FRACASSADO de há muito você procura...

...descobrir um remédio para esse mal que o deprime moral e fisicamente perante a sociedade. CATUASE COMPOSTA é o remédio, preparado com um grande vegetal de nossa flora, cujas propriedades estimulantes e vitalizadoras em combinação com o alcalóide da "Iohimbehôa" e hormônios cerebrais e testiculares, agem rapidamente no combate à debilidade neuro-muscular e viril, astenia (fraqueza nervosa), desânimo... Não encontrando na sua farmácia, peça ao depositário. Caixa Postal, 1874 — São Paulo.

CATUASE COMPOSTA

Feminilidade! Virilidade! Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento Hormônio-Vitamina, por meio de OKASA, produto de alta reputação mundial. OKASA (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultraracional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, OKASA é conhecido em todo mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher. - Fraqueza sexual em todas as idades, senilidade, velhice precoce, fadiga e perda de memória, etc., no homem.

OKASA dá Vida Nova, Juventude, Beleza, Atração, Alegria de Viver. Em todas as boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Dist. Prod. ARNA Dep. RS. Av. Rio Branco, 109-Rio.



UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido

no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — é o melhor e não é o mais caro!

Pó de ARROZ

Lady

À VENDA EM TODO O BRASIL



P. Ferraz



Prata Antiga INGLÊSA

Aos apreciadores destas relíquias de arte, Mappin & Webb sugerem uma visita para examinar as magníficas peças recém-importadas.

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 101 - RIO



IA-MW-15

de Namoos e Andalsnes e descobriam que os mesmos eram inteiramente inadequados para o desembarque de uma forma combativa eficiente. Em virtude de seu terreno geralmente montanhoso, há poucos aeródromos na Noruega. Estrategicamente, o norte da Noruega pode ser considerado independente do resto do país. Até a invasão alemã não havia comunicações terrestres entre Narvik e o sul da Noruega, exceto pelo território sueco. Os alemães alegam ter construído uma estrada para Narvik.

O norte da Noruega estende-se acima do Círculo Ártico. Em junho, é dia durante o mês inteiro. A mais importante cidade do norte da Noruega é Narvik que tem cerca de 10.000 habitantes. Em 1940, a grande importância de Narvik era econômica. O minério de ferro de Kiruna, no norte da Suécia, um dos mais ricos depósitos de ferro do mundo, não pode ser embarcado através do Báltico, no inverno. O porto de Narvik, banhado pelo Gulf Stream, está sempre livre de gelo, e

através dele passa uma grande parte das exportações de ferro da Suécia.

Os alemães transformaram Narvik numa grande base naval e aérea, bem como Tromsø e Kirkenes, mais ao norte. Dessas bases, os navios de superfície, submarinos e aviões alemães atacaram os comboios aliados a caminho de Murmansk, na Rússia.

No sul da Noruega, estão as principais regiões do país.

O Primeiro Ministro Churchill declarou no Parlamento Britânico, em maio de 1940 que, ainda que os ingleses tivessem capturado Trondheim no seu fracassado ataque, não poderiam conserva-lo contra um exército alemão que contava com o excelente porto de Oslo como base e duas excelentes estradas de ferro como linhas de abastecimentos.

Tanto Stavanger como Bergen são importantes bases alemães, sendo que Stavanger está situada 450 quilômetros a leste da base britânica de Scapa Flow nas Orkneys.

A maioria dos rios noruegueses desce rapidamente para o mar, formando numerosas cachoeiras. A energia hidro-elétrica é aproveitada em grande escala. Há muito pouca ou quase nenhuma indústria pesada na Noruega.

Os alemães semearam extensos campos de minas em todas as águas em torno da costa norueguesa. As entradas para os fjords — onde terá que ser feito qualquer desembarque — são geralmente estreitas e podem ser bloqueadas pelas baterias costeiras.

Os nazistas construíram fortificações em todos os portos principais. Em portos como Bergen, os alemães construíram trincheiras em todas as ruas que dão para o mar, bem como armadilhas anti-tanques e ninhos de metralhadoras em todos os pontos estratégicos da cidade.



Em São Paulo...

sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Todas as Cidades do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

R. Ramos de Azevedo, 131

CHÁ "BROKEN ORANGE PEKOE"
NOVA GRANDE REMESSA RECEBIDA DIRETAMENTE DE CEYLÃO
A venda acondicionada em latas de 100, 250, 500 e 1.000 gramas.
IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES
HENRY ROGERS Sons & Co. LTD.
of Brazil.
Rua Visconde de Inhauma n. 85
RIO DE JANEIRO

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno **POR CORRESPONDÊNCIA**, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Cada aluna receberá absolutamente **GRÁTIS**

Figurinos da Última moda
Carteira de Identidade
100 Cartões de Visita
Serviço de Consulta

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nesta profissão. **MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS** MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CX. POSTAL, 5058 - S. PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: **Peço enviar-me GRÁTIS E SEM COMPROMISSO, o folheto e as informações completas sobre o Curso de Corte e Costura.**

216

Nome.....
Rua.....
Cidade.....
Estado.....

Ao sul de Stavanger, uma notícia sueca revela que os alemães abriram fossos anti-tanques de sete metros de largura, cinco de profundidade e vários quilômetros de extensão.

Muitas cidades costeiras, especialmente no extremo norte, foram evacuadas pelas populações civis. O número médio das tropas de ocupação mantidas pelos alemães na Noruega, nos últimos dois anos, tem sido de 150.000 homens, mas seu poderio é desconhecido. Entre essas unidades se incluem regimentos especialmente treinados para a guerra de montanhas.



ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

o desodorante que mais se vende

Aranhas ao serviço do esforço de guerra dos EE. UU.

Por Henrietta Holland

Até mesmo as aranhas estão contribuindo para o esforço de guerra dos Estados Unidos — elas fiam seda para os fuzis do exercito, periscopios e miras de bombas. Localizada numa sala de uma casa de campo na California, a fábrica em que essas aranhas trabalham é talvez a menor dos Estados Unidos.

A diretora dessa fábrica *sui-generis* é Nan Songer. Há cerca de 6 anos,

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, com ótimos resultados, das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia peça-o ao depositário. CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) S. PAULO

HEMO-VIRTUS

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

INSÔNIA

ATAQUES NERVOSOS

USE

MARAVAL

PARA INSÔNIA: 2 colheres ao deitar.
PARA ATAQUES: 3 COLHERES.

Mrs. Songer organizou uma pequena criação de grilos. Ela gostava muito de ouvi-los cantar. Quando os grilos foram atacados por uma molestia desconhecida e começaram a morrer, Mrs. Songer enviou alguns deles para o Bureau de Entomologia. O Bureau imediatamente lhe enviou alguns conselhos, ao mesmo tempo que solicitava alguns espécimes para a coleção do Instituto Smithsonian. Assim, ela se tornou conhecida como uma autoridade em insetos, embora na qualidade de amadora, de modo que, quando os

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

fabricantes de instrumentos de precisão indagaram a respeito das possibilidades de se obter seda fiada pelas aranhas, o Bureau of Standards indicou o nome de Nan Songer.

A princípio, os fabricantes de instrumentos de precisão usavam a seda das teias de ovos de aranha, mas, em vista de não ser a mesma de tamanho e qualidade uniformes, começaram a procurar alguém que pudesse fazer as aranhas tecerem fios de seda de acordo com as suas especificações.

Essa é a tarefa de Nan Songer. Tendo iniciado com apenas algumas "operárias", há cerca de cinco anos, a fábrica de Nan Songer foi consideravelmente ampliada e nela trabalham agora mais de 200 aranhas. As melhores "operárias" são as aranhas douradas, as listadas e as desprezadas *black-widows*. Elas vivem em amplos dormitórios, que são pequenos jarros de vidro.

As horas de trabalho de cada operária são reduzidas — apenas uma hora de cinco em cinco dias. Nesses sessenta minutos de atividade, no entanto, uma aranha adulta produz cerca de 100 pés de seda, e as mais novas 50 pés. Depois, as aranhas são postas a descansar durante dois dias, após os quais são submetidas a um jejum de 48 horas para limpá-las de impurezas.

Para obter a seda, Mrs. Songer coloca a aranha sobre um pequeno bloco de madeira. Levando a aranha pelos pés com uma pinça, afim de evitar feri-la ela faz uma especie de cavalete com um carretel, e amarra suas pernas com fio de vidro para impedir que a própria aranha venha a cortar o fio de seda. Enquanto a aranha trabalha, Mrs. Songer pega a extremidade do fio de seda e enrola-o em outro carretel especial, numa média de 9 pés para cada carretel. Quando termina o trabalho, os carretéis são acondicionados numa caixa forrada e enviados para as fabricas de instrumentos de precisão.

Esse é o método usado para se obter os fios de seda, que são satisfatórios para alguns instrumentos tais como são produzidos. Esses fios, incidentemente, têm um diametro de um decimo de milésimo de polegada — tão finos que quase não podemos vê-los a olho nú.

Para os canhões de grande calibre, no entanto, os industriais querem seda ainda mais fina, e cabe esse trabalho às aranhas menores. Até mesmo a sua teia não é suficientemente fina, de modo que Mrs. Songer ainda divide esses fios em cinco, cada um de um centésimo de milésimo de polegada.

Além desses dois tipos de seda, Mrs. Songer prepara ainda dois outros. Um é composto de três ou cinco fios ligados em comprimento, e depois retorcidos. Mrs. Songer, para conseguir esse resultado, coloca primeiro as cinco aranhas num bloco de madeira, com espaço suficiente para que cada uma delas trabalhe sem perturbar as outras. Depois, pega os fios e os estica até o tamanho que devem ter, ligando-os finalmente a um pequeno aparelho que os retorce automaticamente. Vira, depois, a manivela em sentido inverso, numa velocidade uniforme, produzindo fios quase do mesmo tamanho de um fio de cabelo. O outro tipo de fio de seda é similar a estes exceto que, em vez de ser uniformemente retorcido, os fios individuais são unidos e depois retorcidos a intervalos. Esses tipos de seda são vendidos a 20 cents o pé enquanto os fios ordinários alcançam o preço de 15 cents.

Os fios retorcidos são necessários aos instrumentos de observação da Marinha,

*Firme na barricada, pessoal!
Aí vem o tal que não usa
LIFEBUOY!



Há inimigos invisíveis impedindo o seu sucesso. São os odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim. Elimine esses impecilhos! Use Lifebuoy, cujo elemento purificador especial, **ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!**

O ODOR DE LIFEBUOY

DESAPARECE
ANTES DE VOCÊ SE VESTIR, MAS...

...permanece sua ação protetora! Faça esta simples prova: lave as mãos com Lifebuoy e enxágue-as bem. Verá como já desapareceu seu odor antisséptico. Contudo, por muito tempo ainda, permanece sua ação protetora!

LIFEBUOY



também para as miras dos mais modernos bombardeiros americanos, que exigem fios de seda mais resistentes do que os ordinários.

O equipamento da fabrica de Mrs. Songer é muito simples. A sala é iluminada por uma lampada de 150 velas, dentro de um refletor feito de uma grande lata velha. Mrs. Songer não usa nem mesmo um microscópio, mas apenas uma lupa que tomou emprestado a um amigo.

A única fase do seu trabalho perturbada pela escassez de material é o departamento de expedição. Depois de enrolados os fios de seda, devem os mesmos ser colocados em caixinhas muito leves, dentro das quais entre o minimo de poeira possível, e Mrs. Songer tem às vezes muita dificuldade de encontrar essas caixinha. Mesmo com o máximo cuidado, sempre entram algumas partículas de pó e é preciso tirar com uma escova especial.

Varios materiais são usados nas miras, instrumentos óticos, periscopios, etc.,

mas nenhum apresenta resultado tão satisfatório como o fio de seda de aranha. É mais uniforme do que o fio de cabelo, e ilumina mais do que os outros materiais, com um brilho todo especial.

Além de dirigir o trabalho das aranhas e preparar os fios para a remessa, Mrs. Songer ainda se incumbem de alimentar suas "operárias", pelo que perde varias horas caçando moscas e outros insectos menores, sendo o mosquito o seu "prato" predileto.

Outra importante tarefa de Mrs. Songer é a caçada de aranhas. Muitas de suas operárias são acidentadas durante o "serviço", de modo que frequentemente têm de ser substituídas.

Não há necessidade de se perguntar a Mrs. Songer se ela gosta de seu trabalho. Todos os seus movimentos nos dizem isso. "Naturalmente, alegrar-me muito fazer alguma coisa para ajudar minha pátria a ganhar a guerra, sem sair de casa, pois não poderia ir trabalhar numa fabrica". — disse Mrs. Songer. Além disso, ela tem um filho no exercito e gosta de pensar que alguns dos fios que fabrica irão ajudar seu filho a aniquilar os inimigos dos Estados Unidos.

Ela sonha

com estes presentes...

Ela gostaria de receber um frasco da inebriante e sutil MIRAGE... ou então esta outra jóia perfumada que é POURQUOI-PAS... dois delicadíssimos perfumes Atkinsons!

EXTRATO MIRAGE
grande Cr\$ 70,00
médio Cr\$ 35,00

POURQUOI-PAS
Cr\$ 100,00

LOÇÃO MIRAGE
grande Cr\$ 50,00
médio Cr\$ 28,00

PRODUTOS

ATKINSONS

PRISÃO de VENTRE?



mo encantamento que despertou na mocidade de vinte anos passados...

O falecimento de Mattos Rodriguez é, por isso mesmo, uma perda que deploramos como se fôra nossa, porque também em nossa terra La Cumparsita desfrutava uma popularidade que muitas músicas nacionais não conseguiram.

Ainda em relação a Mattos Rodriguez se repete o caso do aborrecimento que a popularidade acarreta. Não são poucos, realmente, os autores que se sentem entediados com as suas obras mais conhecidas, e assim com Mattos Rodriguez e La Cumparsita ainda uma vez se repetiu o fato, pois entrevistado, se não nos falha a memória, no ano passado, declarou ao reporter que não gostava de La Cumparsita porque estava saturado de ouvi-la, e não a considerava sua melhor composição...

Apesar dos pezares Mattos Rodriguez, desaparecendo da face da terra, continuará vivendo entre nós através de suas composições e, principalmente, porque num dia de inspiração compôs essa música tão singularmente sentimental — La Cumparsita...

MORREU LA CUMPARSITA!...

Não se trata exatamente da morte do tango, La Cumparsita, e sim do falecimento do seu autor, Don Mattos Rodriguez.

Com a devida reserva, por se tratar de uma notícia veiculada por um jornal do interior, sem que tivesse a menor repercussão no noticiário desta Capital e atendendo a que não poucas personalidades teem sido dadas como falecidas, ressuscitando após, a REVISTA DA SEMANA, difundindo a notícia, ressalva a possibilidade de se tratar de um engano ou boato malicioso... Desde muito cedo, muito jovem ainda, sentira Mattos Rodriguez que tinha alma de milonga e dedicou-se a compor tangos, muitos ainda hoje executados e lembrados com saudades, sendo que entre todos sobressai, como primo inter pares, La Cumparsita.

Mattos Rodriguez, como perdularia formiga, compunha tangos e vendia-os ou mesmo dava-os a chefes de orquestras de Montevideo, contentando-se em ouvi-los devidamente orquestrados. Compounding La Cumparsita não lhe deu destino diferente, e assim vendeu-o por poucas dezenas de pesos. E o tango-Rei em pouco tempo con-

quistava multidões, porque era um tango diferente, trazia nos seus acordes uma estranha e envolvente melodia, que o destinava a conhecer a larga estrada do triunfo e uma longa vida de glórias. Quem não ficou satisfeito com o acontecimento foi o velho pai de Mattos Rodriguez, que propôs uma ação judicial para anular a venda dos direitos autorais, porque o autor de La Cumparsita era menor e, portanto, incapaz, juridicamente. Salvou-se, assim, Mattos Rodriguez de uma situação econômica precária, porque quando cometera o "pecado genial" de compor La Cumparsita não era gente... A vida tem dessas coisas... e pequenos acidentes ou incidentes modificam o curso natural dos acontecimentos dando a fortuna, a glória, a desventura ou a morte...

Enquanto isso, o tango que parece predestinado a sobreviver a esse gênero musical continuava a marcha vitoriosa em torno do mundo, e não haverá recanto ou lugar, por mais escondido ou longínquo que seja, onde não se tenham ouvido os seus acordes, a sua melodia envolvente, e que não haja feito sonhar àqueles que teem nalma qualquer caso sentimental... Em todos os ritmos, em mais de uma centena de variações e arranjos esse tango imortal é executado, e, como só as coisas perfeitas subsistem nos embates da vida, La Cumparsita tem resistido a tôdas as adaptações, e na luta contra o tempo, vitoriosamente, continua a sua carreira triunfal, com o mes-

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro cabeludo

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

ALIBI

(Continuação da pag. 37)

— Mas... Mas... A comoção... A perturbação do momento?

— Senhores, jurados: Contemplem meu cliente: ele parece um tipo nervoso? Agora, neste momento, em que se julga a sua inocência, a sua vida, ele parece perturbado?

E o promotor perdera as simpatias do júri.

De repente, ocorreu a Lou que deveria complicar um pouco mais o caso para que parecesse verdadeiro. Na hipótese de dar mais verossimilhança ao que ocorrera do que um paradoxo.

Ligou o telefone para o apartamento de Carmen. O rapaz da portaria atendeu:

— Faça o favor de ligar para o apartamento 34.

— Não há ninguém lá. Ainda há pouco telefonaram para lá.

— Sabe se Madame Carmen está em casa?

— Já lhe disse que não há ninguém lá.

— Mas... Mas... Então, onde estará ela?

— Não sei...

— Bem, se ela chegar, diga que Lou telefonou...

— Está bem...

E, novamente imaginando o tribunal, Lou ouviu o advogado dizer:

— Vejam, senhores, jurados, como esse homem era atormentado pela sua paixão por aquela mulher. Na mesma tarde em que, cinco minutos antes, ele dizia ter rompido com ela, telefona para seu apartamento, ansioso, a sua procura. Tinha ciúmes, mas amava-a. Ciúmes porque? Ciúmes desse homem que acabou matando-a e que a polícia foi incapaz de encontrar, e quis, por isso, culpar um inocente... Um homem torturado por um grande amor...

Nada mais eficaz do que um bom

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

paradoxo, pensou Lou. Pode se tirar um partido enorme dele!

Era preciso mais uma coisa para tornar o caso ainda mais forte em seu favor. Telefonou para Mary, uma amiga de Carmen.

— Alô?

— Alô, Mary? E' Lou quem fala.

— Olá Lou, como vai?

— Escute, Mary, eu queria lhe pedir um favor...

— Pois não!

— Mary, você tem que me dizer a verdade?

— Que há, Lou?

— Escute... Carmen anda de novo com Eddie White?

— Ora, Lou...

— Mary, pelo amor de Deus, esqueça-se de que é amiga dela. Diga a verdade! Você sabe muito bem que disso depende a minha vida, Mary!

— Mas, Lou...

— Vamos, diga!

Não: Não é verdade!

(Continua na pag. 47)



Malzbier da Brahma não é apenas uma cerveja deliciosa, levemente adocicada, de agradável sabor. É um verdadeiro alimento, graças à seleção rigorosa e ao alto valor energético do rico malte empregado no seu preparo. Basta dizer que um copo de Malzbier da Brahma tem o valor energético correspondente ao de preciosos alimentos. Tome-a sempre no almoço, no jantar ou no lanche. Malzbier da Brahma, a cerveja do lar, pelo seu baixo teor alcoólico, completará suas refeições, acrescentando-lhes uma nota nova de agrado e de encantamento.

MALZBIER DA BRAHMA

Completa qualquer refeição



PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

FLEURS D'AMOUR



ROGER & GALLET

EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA

PARIS - RIO

Mmes. EVA e SYLVIA
JUNGERMAN COSTA
(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
NO SEU INSTITUTO DE BELEZA
RUA DO OUVIDOR, 138-1.º — T. 42-8775
Insc. S. N. F. M.

Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

Elegancia mesmo no campo



Modas

Slacks em lã quadriculada, o casaco é longo e de corte reto, sobre uma blusa branca de algodão, ou um "sweater".

Muito original este slacks com blusa de lingerie, gola "baby" e rendas; botões de lingerie. É bastante juvenil.



LIMPE A PELE UMA VEZ POR SEMANA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

BLOONINE

FAZ OS MAIS LINDOS CABELOS LOIROS

ALIBI

(Continuação da pag. 45)

— Ah. Então é um outro!
— Um outro?
— Sim. Tenho provas de que ela matou um encontro com um homem. Pensei que fosse Eddie!
— Escute, Lou, não vá fazer uma tolice. Fale com Carmen!
— Não quero mais vê-la!
— Venha ao club, hoje, á noite, antes do espetáculo. Você falará com ela e porá tudo em pratos limpos. Não há nada, creia!

O paradoxo, Sr. Hendrix! Não esqueça o paradoxo. "Não quero vê-la". O senhor disse. Aceite, agora! Mostre-se ansioso por acreditar. Afinal de contas, na inocência da mulher que ama, ansioso por descobrir uma prova de que não o engana!

— Pois bem. Dêci a ela uma chance de provar que é inocente.

— E não se afobe, Lou. Venha hoje a noite...

A primeira pessoa que encontrou no clube foi Eddie White.

— Olá, Lou!

— Olá.

— Venha sentar-se á minha mesa. Você não vai assistir ao espetáculo?

— Vamos.

Sentaram-se á mesa. Lou precisava fingir que não sabia que não haveria espetáculo aquela noite.

— Não sabia que você gostava de cinema, disse Eddie.

— O que ???
— Eu vi você entrando no Roxy, hoje á tarde...
— Mentira!
— Mentira? Ora esse homem, se era segredo, você não deveria ter aparecido na fila. Não há nada de mal em ir ao cinema!

Lou sentiu subir a cabeça toda a excitação que durante o dia inteiro tentara controlar. Todo o seu belo plano, toda a defesa que arquitetara com, tanto cuidado, ia ser estragada por aquele rapaz que ele odiava e que, além de tudo, tinha sido amado por Carmen! Sentiu como que uma nuvem embaçando-lhe os olhos. No bolso havia um revólver. Aguardou-o. Eddie estava falando. A música da banda era ensurdecedora. Ninguém ouviria o ruído. Esperou o acorde.

— Misoável!

O tiro partiu e Eddie caiu de bruço sobre a mesa, como um bêbado. Lou olhou, e viu que o sangue estava escorrendo e

fazendo uma poça no chão. Ninguém no teatro. As luzes tinham se apagado. Lá começa o espetáculo.

O grande advogado, o célebre privilegiado, o homem que nunca esquecia um detalhe... no caso dos outros, falhava. Falhava por precipitação. Errava porque... porque, nesse momento, agradecendo os aplausos que a acolheram, Carmen, Carmen Browne, o ídolo de Manhattan, começava a dançar... Escondido pelos bastos cabelos, havia



um pedaço de esparadrapo, marcando uma contusão. O assassino fora magistral no seu plano de defesa, apesar de ter falhado. Porém esquecera de verificar se realmente a vítima estava morta...

Quando o corpo de Eddie resvalou e caiu no chão, houve uma balbúrdia. Descobriam Lou, sentado, com o revólver na mão. Repetia a mesma palavra, olhando:

— Culpado... Culpado... Culpado. Culpado...

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

PROCURAR A

LIVRARIA REGINA



ADQUIRA A VITALIDADE DE UM INDIO



A razão da resistência dos índios está na sua alimentação, sobretudo nos atributos insuperáveis

do guaraná, fonte de saúde, de energia e de vigor, ao alcance de todos, na deliciosa bebida - Guarana Champagne



3 COPOS
EM UMA
GARRAFA



MATERIA PRIMA
De primeira qualidade
HIGIENE ABSOLUTA
PERFEIÇÃO TÉCNICA

Guarana
Champagne
É UM PRODUTO DA ANTARCTICA

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

*Lábios preciosos
como joias*



MODELO
VICTORIA

As mulheres que usam VANESS fasci-
nam com seus lábios delicadamente
pintados.

Se o baton que V. usa não empresta
a seus lábios esse encanto vital que
conquista a admiração de todos os ho-
mens—experimente o baton VANESS.

A superioridade do VANESS consiste
em sua base de "Creme-Veludo", que
nunca resseca, conservando indefini-
damente o frescor e a suavidade dos
lábios—preciosos como joias.

Van Ess
Baton - Rouge
P4



**VINHO
RECONSTITUINTE
"GRANADO"**

TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Popoís

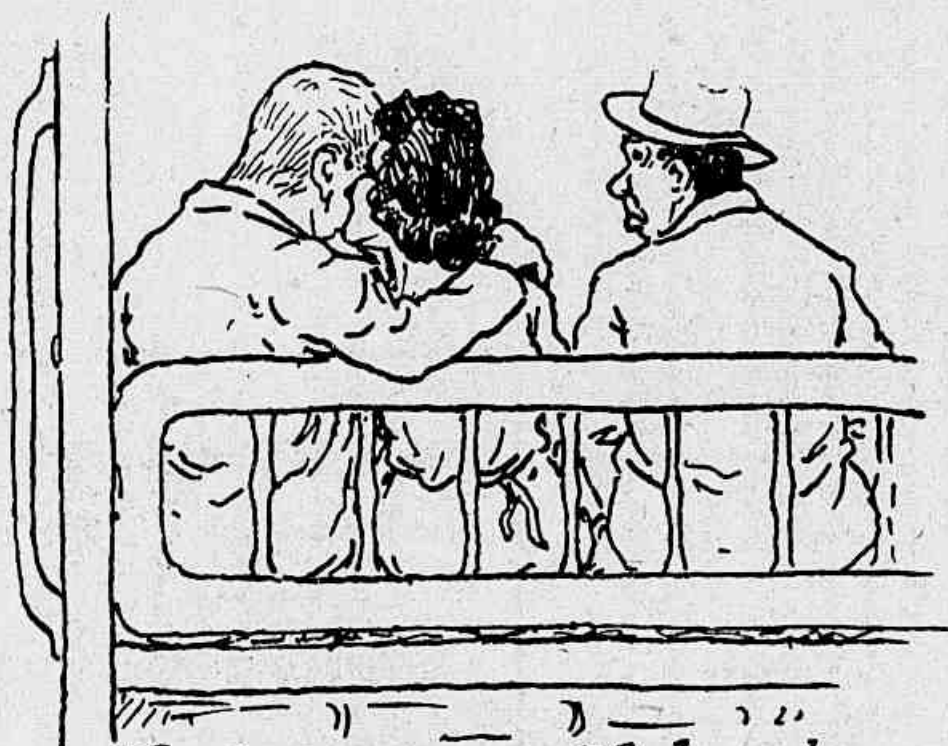
BANKETS



**REGULADOR
XAVIER**

• O Remédio da Mulher •
N.º1-Fluxos abundantes
N.º2-Falta de fluxos

Doçúras costumêiras



No cinema e... No bonde.



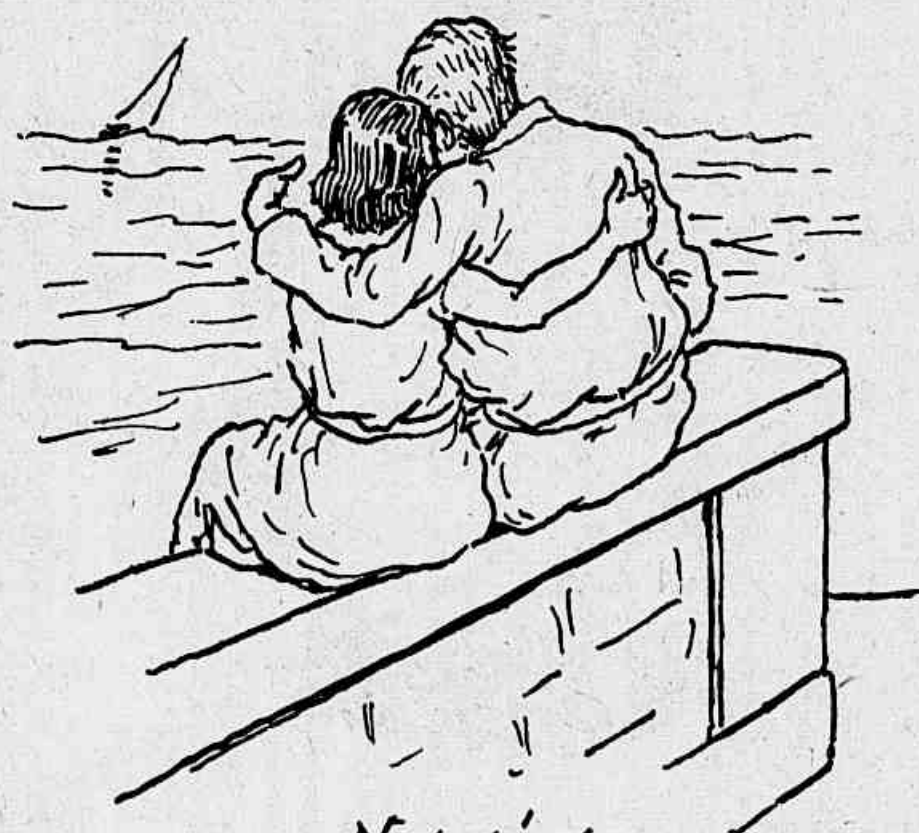
No lúsko-fúsko.



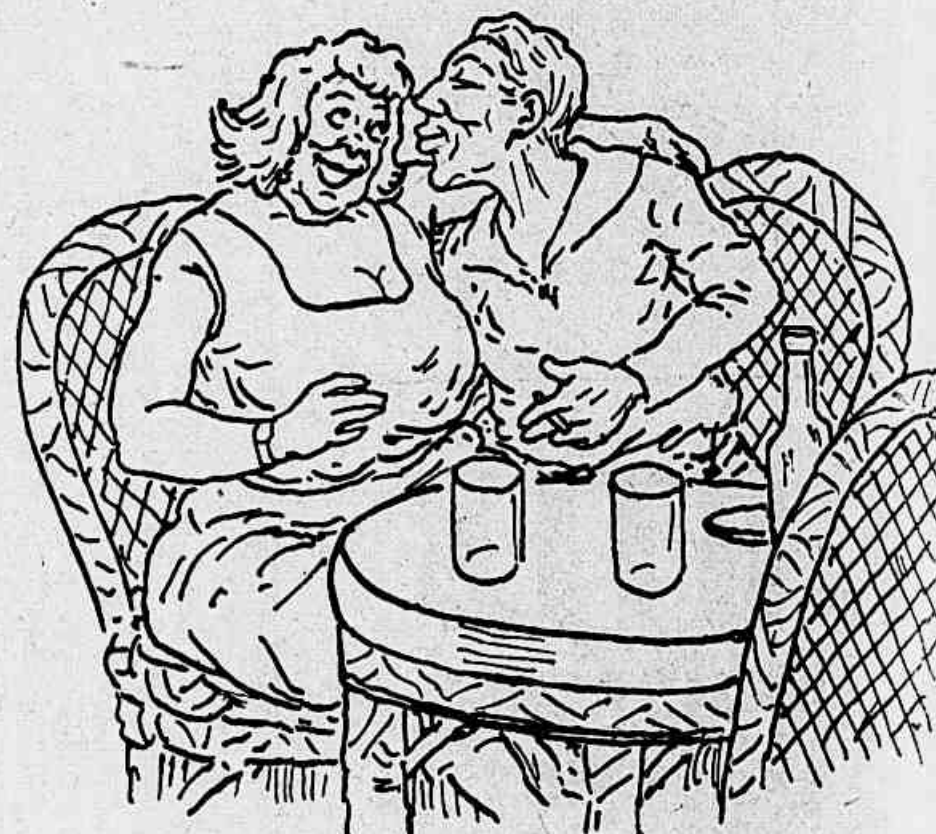
Nos bancos.



Nas praias.



Nos caes.



Nas calçadas.



PAUL

Nas janélas.



No "blécaute."



IRENE — Fica quietinho, meu passarinho... quietinho... Porque se há alguém que mande aqui sou eu!... E não tu!

ALAIN — Como?

IRENE (voz surda e ameaçadora) — Quem manda agora no terreno sou eu... Ouviste? Os d-e-s-e-r-t-o-r-e-s, obedecem!...

ALAIN — Irene!...

IRENE — Larga-me o braço... Isso para começar... Vamos...

ALAIN — sucumbido) — Sim... ganhaste a partida... Escuta, minha pequena... Sejamos razoáveis... Não vamos brigar...

IRENE — Sim... Primeiramente... nada de beijos e abraços... Isso acabou... Sabes por que?

ALAIN — Detestas-me!

IRENE — Muito! Portanto, aconselho-te, para a segurança da tua pele em grande risco... que me deixes em paz... Isso por enquanto...

ALAIN — Mas que houve contigo de repente?

IRENE — Nada, meu bem... tirei a limpo a situação.

ALAIN — Decididamente és uma pequena estranha, Irene... Mas conheço-te, minha adorada e ladina esposa... Contigo nunca se sabe como dançar... Enfim quando te cansares tenho a certeza de que voltarás...

IRENE (rindo) — Os homens não são mais do que crianças de seis anos...

ALAIN — E' comigo que dizes isso?

IRENE — Sim, contigo, meu amor... Contigo...

ALAIN — Por que?

IRENE — Ainda perguntas, idiota!... Para viver neste castelo, na paz que preciso... Sim... Casada com um homem e detestando do fundo do meu coração como te detesto, só mesmo caindo, como caíste, de cabeça baixa na armadilha que te armei...

ALAIN — Minha querida... Eu adoro os enigmas, mas não depois do jantar...

IRENE — E' cumpre-me dizer que tu farias uma triste figura diante dum comissário de polícia...

ALAIN — Queres falar mais claro, Irene?

IRENE — Toleirão... Tudo que te perguntei sobre o hospital... sobre a madame de Bresillac... tudo foi fruto de minha cabeça... Inventei tudo, meu erudito doutor em Ciências... tudo inventado... e te deixaste cair no meu interrogatório como um batedor de carteiras ainda principiante!...

ALAIN — Miserável!...

IRENE — Perdes o teu tempo em me lançares êsses olhares furibundos... Agora é tarde... Já te disse que os homens que se encontram em tua situação só teem uma única coisa a fazer... Apenas uma coisa...

ALAIN — Obedecer...

IRENE — E cegamente... Vamos agora tratar de outros casos... Tens relações cordiais com os oficiais do estado maior do castelo?

ALAIN — Por que queres saber isso, Irene?

IRENE — Bem... Tu dirás ao coronel Duisberg... e principalmente... ao capitão Wehringer... Belo tipo marcial tem êle... E muito galanteador...

ALAIN — Basta, Irene!

IRENE — Uma coisa... e nada de ciúmes, "mon cher"... nada de ciúmeiras... Vais apresentar-me como uma grande artista do Odeon...

ALAIN — Por que? Posso perguntar?

IRENE — Porque eu precisarei exatamente de um quarto de hora para obter o quarto de um desses cavalheiros... Amanhã à noite estarei convenientemente acomodada e tu poderás ficar por teu turno muito à vontade no teu quarto, meu querido marido...

ALAIN — Entendido, Irene... Eu te apresentarei amanhã...

IRENE — Oh!... Que linda tarde... e que panorama maravilhoso se descortina daqui! Esquecia-me até de que foi êsse o quarto que tua irmã Denise nos indicou quando chegámos da nossa lua de mel... Alguém está cuidando do jardim... Oh!...

ALAIN — Que foi?

IRENE — O jardineiro... êsse jardineiro... que está tratando dos canteiros sob a janela do teu quarto...

ALAIN — Que tem isso, querida?... Um refugiado belga...

IRENE — Um refugiado belga!... Esse homem... Espera... não... Esse homem... estou reconhecendo-o... Ele viu-me... e está trabalhando de cabeça baixa...

ALAIN — Mas por que estás agitada assim, Irene?

IRENE — Eses homem, meu marido... é...

ALAIN — Que queres de mim, Irene?...

IRENE — Esse homem é o capitão Westbury... reconheci-o debaixo dos trajes simples de jardineiro...

ALAIN — Estás louca, mulher!

IRENE — Não... Reconheci-o... (passos).

ALAIN — Onde vais, Irene?

IRENE — Ele é a segunda pessoa com quem desejo há muito tempo me entenaer.

ALAIN — Ele, quem?

IRENE — Aquêlê homem, Alain... Não penses tu que me enganas... aquêlê homem... o capitão Leslie Westbury... o teu garboso cunhado... e na pele de jardineiro... Ah!... (rindo) Nunca pensei que tudo fôsse assim tão bem... num mar de rosas...

ALAIN — Por Deus!... Irene!... Ouve...

INTERLÚDIO

IRENE — Alô!...

GUARDA — Chamou-me, madame...

IRENE — Sim...

GUARDA — Em que posso servi-la, minha senhora?

IRENE — Há pouco, havia aqui... um jardineiro... Estava trabalhando aqui nestes canteiros...

GUARDA — Ah... Sim... saiu não faz um minuto... Carregou as suas ferramentas e saiu... agorinha mesmo...

IRENE — Viu em que direção foi êle?

GUARDA — Acho que foi guardar o seu material acolá... naquele barracão...

IRENE — Oh!... Obrigada...

GUARDA — Se quiser, madame, poderia dar um pulo ao barracão e chamá-lo...

IRENE — Oh!... O senhor é a gentileza em pessoa... Mas eu mesma irei falar com êle... E' sobre algumas mudas de gerânio que quero plantar amanhã... Muito grata... eu irei vê-lo no barracão... Obrigada...

INTERLÚDIO

Contra-regra: pancadas discretas numa porta.

LESLIE — Quem é?

IRENE (distante e cariciosa) — Denise, meu amor... abre... Denise...

Contra-regra: ruído de chave correndo numa fechadura.

LESLIE — Entre...

Contra-regra: passos: bater de porta e correr de chave na fechadura.

LESLIE — Oh!... Quem é a senhora?...

IRENE — Vamos... nada de disfarçar a voz, Leslie... Reconhecer-te-ia nem que viesses fantasiado de Dominó e com máscara inteira...

LESLIE — Você aqui, Irene?

IRENE — Não ficou contente, meu querido concunhado? Cheguei esta manhã... Vi-te quando tratava as flôres do canteiro que fica sob a janela do quarto de meu marido...

LESLIE — Não devias vir assim, Irene... Podes atrair-lhes a atenção.

IRENE — Fica tranquilo... Eu sei onde piso e examino perfeitamente todos os meus atos, querido concunhado...

LESLIE (voz natural) — Não és tu quem te arriscas, sou eu.

IRENE — E' por isso que não recomeçarei. Nós arran-jaremos uma outra maneira de nos avistar de hoje em diante...

LESLIE — Rever-me? Por que todo êsse interêsse por mim, Irene? Compreende a delicada situação em que me encontro... bem sabes, que se eu for descoberto...

IRENE — Oh!... Sim... um paredão... uma ordem de fogo... e minha querida cunhada Denise... usará o tradicional e pungente crepe das viúvas...

LESLIE — Com que intenção vieste aqui, Irene?

IRENE — Temos muita coisa a dizer... (suspirando) Oh!... nem me convidas para sentar...

LESLIE — Fiquei deveras atordoado...

IRENE — Sim... todos ficaram atordoados... Minha cunhada Denise... meu sogro, o general... O meu marido então não se conta... Que diabo... sou algum redivivo? Não!... Sou uma criatura em carne e osso... humana como tôdas as criaturas normais... Posso sentar-me aqui, meu bem?

LESLIE (hesitante) — Sim... Sinto muito não ter uma cadeira...

IRENE — Oh!... Isto aqui está bem... (suspirando) Ah!... Meu pobre Leslie... Quantos acontecimentos terríveis desde que nos vimos pela última vez... Tu te lembras da nossa última palestra, interrompida pela guerra? Que tragédia, hein?

LESLIE — Jamais tive notícias tuas nas linhas de frente, Irene.

IRENE — Não gosto de escrever, meu querido capitão inglês... E' como se dêssemos golpes de espada na água... As palavras são apenas sombras... Os gestos... eis a realidade...

LESLIE — Por que não abordas diretamente duma vez o assunto que te trouxe aqui?

IRENE — Oh!... Impaciente... Sempre te admirei pela tua fleugma essencialmente britânica... Mas hoje... estás... como direi...

LESLIE — Um tanto agitado?

IRENE — Mais ou menos... Querido capitão... Perdão... Jardineiro... Leslie!... (pausa) Falando seriamente agora... Sou uma mulher que não esqueço aquilo que prometo fazer...

LESLIE — Estou estranhando o tom das tuas palavras, Irene...

IRENE — Esperei impacientemente que o acaso nos colocasse um diante do outro.

LESLIE — E daí?

IRENE — O acaso esteve a meu favor, pois que me trouxe para estas paragens.

LESLIE — Nós nos separamos... não muito... muito... Enfim, não muito amigos, não é verdade, Irene de Kergueven?

IRENE — Não é preciso que sejamos amigos para nos amarmos!

LESLIE — Outra vez, Irene... Não abandonaste êsse modo de pensar?

IRENE — Não!... Continuo a mesma.

LESLIE — Tu me deixaste naquele dia como uma inimiga.

IRENE — Ainda és o meu pior inimigo... Um inimigo que eu adoro!

LESLIE — Não brinques... Vivemos todos numa situação perigosa... Não estamos num palco.

IRENE — O perigo me agrada, capitão Leslie Westbury do Colstreams Arms!

LESLIE — Irene!... Rogo-te...

IRENE — Não te preocupes... Ninguém nos ouve, querido... Ninguém nos ouve... Não é deveras interessante que nossos caminhos se cruzassem depois de mais um ano?

LESLIE — Tu ignoravas que eu aqui estivesse como jardineiro?

IRENE — Se não te visse da janela do quarto do meu marido como poderia ter sabido?

LESLIE — O teu marido poderia prevenir-te.

IRENE — Tu conheces mal Alain... Bem... não interessa interpor meu marido na nossa palestra, Leslie... Temos uma conta a ajustar.

LESLIE — Ainda sôbre aquilo?

IRENE — Sim.

LESLIE — Parecia-me que já nos tivéssemos dito tudo, no dia do meu casamento.

IRENE — Mas esqueceste-te das minhas últimas palavras, meu garboso capitão Westbury...

LESLIE — Tuas últimas palavras?

IRENE — Sim... Tu ganhaste a primeira partida... e eu darei um jeito de ganhar a segunda... Esqueceste-te de que eu disse isso antes de nos despedirmos?

LESLIE — Oh!... Irene... Supôs que tivesses esquecido essas infantilidades... Tantas coisas se passaram... tantos desastres... Sem dúvida terás agora outras preocupações além de te encarniçares contra um homem sem defesa, cercado de perigos...

IRENE — Antes de tudo nada esqueci... Não, Leslie... Continuo a mesma criatura... O tempo, em vez de atenuar, mais acentua no meu espírito aquilo que tu sabes o que é, e que não há necessidade que seja mais uma declaração.

LESLIE — Escuta, Irene... Sou apenas um soldado que serve ao seu país em guerra... Um país que luta para a vitória que será a libertação de tua pobre França!...

IRENE — Não me importa nada disso... Apenas tu, Leslie... Amo-te!... Eis tudo!...

LESLIE — Irene, tu bem sabes que não te amo!

IRENE — E daí?

LESLIE — Tu não podes ser tão cínica para...

IRENE — Vamos, Leslie... Cartas na mesa... Bem vejo que continuas refratário à tentação... Tu te obstinas então nessa sublime fidelidade à tua mulher?

LESLIE — Sim...

IRENE — Pois então vais ver onde pode chegar o despeito duma mulher!

LESLIE — O que pretendes fazer?

IRENE — Estou fazendo uma papel grotesco... Implorando amor... e tu ainda escarneces de mim... Espera... E sabes o que pode esperar um homem na zona ocupada da França que está ao serviço de espionagem inglesa?

LESLIE — Irene!... Onde vais?

IRENE — Pergunto-te que pode esperar um espião aqui em Benoet...

LESLIE — Não!... Não sairás daqui, mulher!... Não sairás daqui!...

IRENE — Abra a porta, capitão Leslie Westbury!... Eu disse que ganharia a segunda partida!...

IRENE — Zombaste de mim... Rastejei aos teus pés implorando um afeto... Quando não se consegue aquilo que se adora há um meio entre os passionais... destroi-se o ídolo!... Destroi-se o ídolo!...

IRENE — Onde vou, disseste?

LESLIE — Um momento... Irene... Vou ser franco contigo... Sei que, levada pelo despeito, irás ao estado maior denunciar-me como espião do Intelligence Service... Serei imediatamente fuzilado... Não é a morte que me atemoriza, Irene de Kergueven... mas a infâmia do teu gesto... Estou aqui para lutar pela tua pátria escravizada... Estou aqui para a libertação do teu povo torturado pelos invasores da França!...

IRENE — Nada disso me importa no momento...

LESLIE — E o que te importa, então, Irene?

IRENE — Tu!

LESLIE — Amo minha mulher!

IRENE — E eu odeio-a!...

LESLIE — Odeias Denise, Irene?

IRENE — Mortalmente... Odeio essa orgulhosa castelã... Chegou o momento de vingar-me dessa moça, née Kergueven... Denise Kergueven... ela sorriu... quando o irmão disse-lhe, ao chegarmos ao castelo, dias depois do casamento... Riu-se de meu nome... plebeu... Irene Michon... Esse sorriso jamais se apagará de meu coração... é uma flama que eu alimento constantemente com meu ódio... Beija-me, Leslie!

LESLIE — Não!

IRENE — Pela última vez!

LESLIE — Não!

IRENE — Tua vida contra êste beijo!

LESLIE — Na frente, Irene... Um beijo de amigo... um beijo fraternal!

IRENE — Tens vinte e quatro horas para pensar... ou teu amor ou tua vida!... Adeus!...

Contra-regra: pancadas discretas e bem distantes numa peça de madeira.

LESLIE (baixinho) — Espere, meu amigo... Deixe-me passar a chave na porta...

Contra-regra: seis passos; girar de chave numa fechadura; seis passos aproximando-se.

DETANG (distante) — Tudo limpo?

LESLIE — Vou abrir o alçapão...

Contra-regra: ranger de uma porta durante cinco segundos.

LESLIE — Pode subir, capitão...

Contra-regra: ruído de galgar um obstáculo.

LESLIE — E então, Detang... ouviu?

DETANG — Ouí, capitão Westbury...

LESLIE — Que diz?

DETANG — Essa mulher, meu amigo, vale infelizmente por um ninho de metralhadoras... E que fúria!

LESLIE — Estou deveras atordoado. Juro-lhe que por mais um pouco a estrangulava.

DETANG — Evidentemente colocou-se numa situação terrível, capitão Westbury... Mas a sua missão não pode ser afetada de forma alguma...

LESLIE — Acha então que devo...

DETANG — Dentro de vinte e quatro horas... não foi esse o prazo que ela lhe concedeu?

LESLIE — Sim...

DETANG — Até amanhã, meu caro Westbury, você deve arranjar um jeito... embora com repugnância, de morrer de amores por essa cavaleira!

LESLIE — Mas isso é horrível!...

DETANG — Que se tornará comigo mais tarde, depois de tudo serenado...

LESLIE — Mas... essa mulher... Não ouviu as suas últimas palavras, capitão Detang?

DETANG — Ouí... quer mortificar a sua esposa!

LESLIE — Criatura perversa!

DETANG — Não tenho dúvida sobre isso... mas o capitão tem de se apaixonar alucinadamente por ela!...

LESLIE — Oh!... Coisa estúpida!... Preferia praticar a espionagem na casa do marechal Goering... ou no palacete do capenga Goebells do que dar um beijo nessa repugnante Irene de Kergueven!

DETANG — Outra coisa, capitão Leslie... Representará essa farça, e ninguém poderá conhecer as suas reais intenções...

LESLIE — Claro!...

DETANG — Não... ainda não está bem claro!...

LESLIE — Por que diz isso?

DETANG — Nem sua esposa poderá saber do que se passou entre nós... Para todos os efeitos, ela mesma deverá acreditar que os galanteios que dirigir a Irene de Kergueven... são...

LESLIE — Sinceros?

DETANG — E bem sinceros, Westbury...

LESLIE — Mas isso traria um desgosto profundo a Denise!

DETANG — E' uma quota de sacrifício que a França exige neste momento, que é de sacrifícios para todos os patriotas e inimigos comuns do Eixo. O sofrimento... os ciúmes de sua esposa, Westbury, virão crear uma situação de realidade no espírito dessa sua concunhada Irene de Kergueven... Um gesto violento e vingativo dessa mulher atingirá uma causa inteira onde se empenham milhões... Desaparece o indivíduo, os conflitos pessoais, porque um outro conflito muito mais elevado se desencadeia no mundo!...

LESLIE — Mas... capitão Detang...

DETANG — Perdão, capitão Westbury... Fala neste momento o agente de ligação do senhor44... Estou em missão... e autorizado, naturalmente...

LESLIE (batendo os calcanhares) — Obedecerei!...

DETANG — Sinto muito... I am sorry...

LESLIE — Compreendo...

DETANG — E então?

LESLIE — Capitão Detang... acabo de me apaixonar loucamente pela esposa do meu cunhado, Irene de Kergueven...

DETANG — Ótimo!...

Contra-regra: pancadas discretas na porta.

DETANG — Espere...

DENISE (distante) — Leon... (pausa) Leon...

DETANG — E' sua esposa... reconheci-lhe a voz...

DENISE — Leon... (pancadas na porta; baixinho) Leslie...

DETANG — Espere... embora... mas é muito mais prudente que eu me esconda, Leslie. Feche o alçapão... pode ser que ela esteja sob vigilância... E' ainda muito cedo para cairmos numa armadilha; mon vieux... Feche o alçapão.

Contra-regra: ranger de porta cinco segundos; pancadas discretas na porta.

DENISE — Leon... Leon...

LESLIE — Um instante, madame Westbury...

INTERLÚDIO

Contra-regra: passos que se aproximam; chave correndo numa fechadura.

LESLIE — Entre, madame Westbury...

DENISE — Nada temas, querido...

LESLIE — Sozinha, querida?

DENISE — Nada receies, Leslie... (passos) Ela?

LESLIE — Quem? Ah... Sim... Irene?

DENISE — Eu vi quando ela entrou... Estava à janela de meu quarto... Que queria ela?

LESLIE — Nada... visitou-me...

DENISE — E como soube que o hortelão eras tu?

LESLIE — Disse ela que me reconheceu... estava no quarto do marido quando me viu trabalhando num dos canteiros do parque...

DENISE — Ah... sim... Porém ela demorou-se muito... aqui...

LESLIE — Sim... conversámos...

DENISE — Conversaram... (pausa).

LESLIE — Que tens, querida?

DENISE — Nada... (pausa).

LESLIE — Não... Sinto que algo tens na cabeça... e sobre a tua cunhada, Denise...

DENISE — Leslie... Leva por alguns instantes... a manga do teu blusão ao nariz.

LESLIE (surpreso) — A manga... a manga do meu blusão... (pausa) Ah!... Esse perfume...

DENISE — Estás dizendo, Leslie... Eu suspeito dessa criatura desde muito tempo. Não falei... nem tampouco me referi às minhas suposições... por uma questão...

LESLIE — Denise!... Que é isso? Então suspeitas?

DENISE — Não de ti, Leslie... Sei que me amas... Sei disso... Creio em ti... mas essa mulher estende em torno de ti uma rede de sedução...

LESLIE — Oh!... Denise... ouve-me... não é justo... Claro... Não poderia impedir que ela me abraçasse...

DENISE — Leslie... (emocionada) Sobre o teu ombro esquerdo... essa marca de bâton...

LESLIE — Bâton... eu...

DENISE — Basta!... Não é necessário continuarmos a discutir...

LESLIE — Ouve, primeiramente, querida... Eu...

DENISE — Não... E' suficiente... E' o suficiente...

LESLIE — Por favor... rogo-te que compreendas...

DENISE (chorando abaladamente) — Compreendi mais do que o suficiente... Até amanhã, Leslie...

Contra-regra: passos que se afastam.

LESLIE — Denise!...

DENISE — Por favor, Leslie... Por favor... Não me fales coisa alguma... Sou eu que te falo. Por favor... ali está a refeição do capitão Detang... Ele vai bem?

LESLIE — Otimamente... mas quero dizer umas palavras... Precisas ouvir...

DENISE — Duas palavras apenas, Leslie...

LESLIE — Responderei, Denise...

DENISE — Beijaste essa mulher?... Esse bâton... êsse perfume... Sim... O seu perfume predileto... e não poderia ser de outra... Sim ou não?

LESLIE — Mas...

DENISE — Sim ou não?

LESLIE — Denise... não sei como explicar-te...

DENISE — Beijaste Irene?

LESLIE — Beijei...

DENISE (chorando) — E' só...

Contra-regra: passos que se afastam.

LESLIE — Denise...

Contra-regra: pancadas na porta.

PICOT — Leon!... Oh! Leon... Oh!... Hortelão!...

LESLIE — Pelo amor de Deus, Denise... Enxuga as tuas lágrimas... êsse miserável Picot!...

DENISE — Podes abrir...

Contra-regra: pancadas fortes na porta.

PICOT — Está dormindo, seu preguiçoso do diabo!... Abra a porta!...

DENISE — Pode abrir... eu saberei disfarçar a situação... Ele não estranhará a minha presença...

LESLIE — Já vai, mestre Picot!... Já vai...

PICOT — Mestre é o diabo que o carregue... (distante).

LESLIE — Esse demônio não nos deixa a todos nós um instante... Está sempre sob as nossas pisadas...

PICOT — Quer ou não abrir?... Eu mando arrombar!...

Contra-regra: ruído de maçaneta.

LESLIE (áspero) — Que gritos são êsses?... Respeite ao menos a pessoa de minha ama... Entre...

PICOT — Oh! (malicioso) — Desculpe... a viuva... (rindo) A viuva está aqui...

DENISE — Senhor Leon... Como lhe disse, tenho mais algumas instruções a dar-lhe...

LESLIE — Sobre o canteiro de...

DENISE — Crisântemos, Leon...

LESLIE — Sim, madame... Amanhã, antes do meio dia estará tudo de conformidade com os seus desejos, madame Westbury...

PICOT — Eu tenho um recado para o senhor...

DENISE — Até amanhã, Leon...

LESLIE — Até amanhã, minha senhora...

PICOT — Eu trago um recado de madame Irene Kergueven...

DENISE — Para mim?

PICOT (rindo) — Não senhora... Para êle, madame... Para êle...

DENISE — Ah!... Sim...

LESLIE — Pode dizer, Picot!...

PICOT — E' particular... Ela me deu cinco francos... E' particular...

DENISE — Desculpe-me... até amanhã, senhor Leon...

LESLIE (hesitante) — Até amanhã, madame...

Contra-regra: passos fortes e bater de porta.

PICOT — Chi... O tempo esquentou com a sua patroa... Como saiu ela!...

LESLIE — Que quer, madame Kergueven?

PICOT — Ela quer que o senhor vá fazer-lhe uma visita...

LESLIE — Eu?

PICOT — Sim... Você mesmo... Você tem uma cara bonita... Impressiona as mulheres... (rindo).

LESLIE — Está bem... A que horas?...

PICOT — Depois do jantar...

LESLIE — Onde?

PICOT — Ora, onde...

LESLIE — Está bem... irei...

PICOT — As mulheres...

LESLIE — Está bem... Pode ir, Picot...

PICOT — Ué!... Por que essa pressa... Aqui dentro... nesta aldeia toda... eu não recebo ordens de ninguém...

LESLIE — Está bem... fique à vontade...

PICOT — Que dúvida... Mas uma coisa eu quero perguntar...

LESLIE — Diga, mestre Picot.

PICOT — Não gosto de ironias!

LESLIE — Não se zangue...

PICOT — Você viu o espião no parque, naquele dia!...

LESLIE — Eu?

PICOT — Sim... Viu...

LESLIE — Você está louco, corcunda!

PICOT — Viu!

LESLIE — Não vi ninguém...

PICOT — Você disse que estava dormindo quando batemos na sua porta!

LESLIE — Estava dormindo mesmo!

PICOT — Eu conheço a cara dum sujeito logo depois que acorda!

LESLIE — Eu estava dormindo.

PICOT — Não estava... E por que estava a viuva do capitão Westbury... aqui dentro?...

LESLIE — Você ainda ouviu alguma coisa... Picot.

PICOT — Ordens de serviço... O tal canteiro de Crisântemos...

LESLIE — Sim...

PICOT — E uma patroa dá ordem ao empregado com a porta fechada à chave? (riso de Picot).

LESLIE — Fechei involuntariamente, Picot... Isso acontece às vezes...

PICOT — Ah... é... tem razão... acontece... (rindo; passos cambaleantes).

LESLIE — Que procura, Picot?

PICOT — Nada... nada...

LESLIE — Supõe que eu tenha escondido alguma coisa?...

PICOT — Quem foi que disse isso?!...

Contra-regra: pancadas fortes com o pé no assoalho.

PICOT — Eu não estou dizendo nada...

LESLIE — Por que experimenta com o pé o assoalho? Julga que eu tenha escondido mantimentos em algum lugar do assoalho?...

PICOT — Mantimentos? Não... não é bem mantimentos...

LESLIE — E então?

PICOT — Carne... Às vezes esconde-se carne... nem sempre carne escondida apodrece... (ri).

LESLIE — Bem... Tenho de sair, Picot...

PICOT — Agora, não...

LESLIE — Por que?

PICOT — Por que? Porque temos de conversar...

LESLIE — A sua impertinência está um tanto excessiva...

PICOT — Ah!... A gente quando se irrita... fica vermelha... E você, ao contrário (rindo) Fica pálido...

LESLIE — Diga logo o que tem a dizer...

PICOT — Não gosto de pressa... Quem tem a consciência limpa... não tem receio do inesperado...

LESLIE — Filósofo?

PICOT — Não... corcunda... (pancadas no assoalho com o pé).

LESLIE — Diga duma vez... De que suspeita?

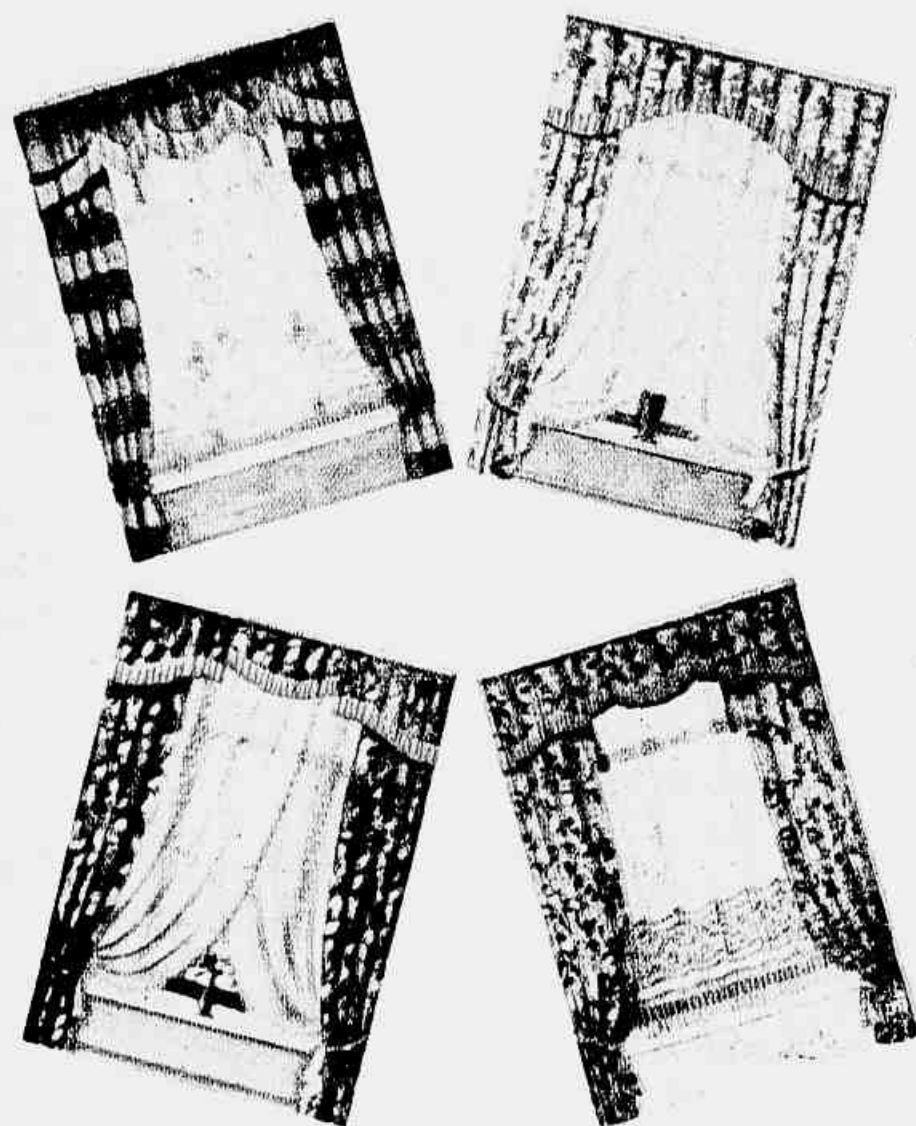
Decorações do Lar

DORMITÓRIO

A graça deste conjunto demonstra por si só, sem outros comentários, o valor da simplicidade quando se desejam lindos efeitos decorativos.

As linhas sobrias dos móveis, de cor clara, combinam-se harmoniosamente com os tons azul e ouro das decorações dos estofos, em contraste gracioso e repousante com o tapetado todo em "gris-perle".

Um trabalho assim, original, simples e confortável, evidencia eloquentemente o bom gosto e o apurado senso estético do seu idealizador.



CORTINAS

Quatro lindos e sugestivos efeitos de guarnições para janelas, executadas em tecidos estampados.

Bom-Gosto
Simplicidade

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNIES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

